



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos**



MARCEN DE OLIVEIRA SOUZA

OS ANAGRAMAS DE SAUSSURE: ENTRE A POESIA E A TEORIA

UBERLÂNDIA

2012

MARCEN DE OLIVEIRA SOUZA

OS ANAGRAMAS DE SAUSSURE: ENTRE A POESIA E A TEORIA

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguagem e inconsciente
Linha de pesquisa: Estudos sobre texto e discurso

Orientadora: Profa. Dra. Eliane Mara Silveira

UBERLÂNDIA

2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

S729a Souza, Marcen de Oliveira, 1979.
2012 Os anagramas de Saussure: entre a poesia e a teoria / Marcen de
Oliveira Souza. -- Uberlândia, 2012.
128 f. : il.

Orientadora: Eliane Mara Silveira.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos.

1. Linguística - Teses. 2. Saussure, Ferdinand de, 1857-1913 - Crítica
e interpretação. I. Silveira, Eliane Mara. II. Universidade Federal de
Uberlândia. Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos. III.
Título.

CDU: 801

MARCEN DE OLIVEIRA SOUZA

OS ANAGRAMAS DE SAUSSURE: ENTRE A POESIA E A TEORIA

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguagem e inconsciente

Linha de pesquisa: Estudos sobre texto e discurso

Orientadora: Profa. Dra. Eliane Mara Silveira

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Eliane Mara Silveira – UFU (Orientadora)

Prof. Dra. Maria Fausta Cajahyba Pereira de Castro – UNICAMP

Prof. Dra. Carmen Lúcia Hernandes Agustini – UFU

Uberlândia, de agosto de 2012.

A Deus, pela vida.
À minha esposa Miriã e aos meus filhos Quéren,
Cássia, Ester, Ezequiel e Boaz, pelo amor.
Aos meus pais e irmãos, pela força.

AGRADECIMENTOS

À Profa. Eliane, por buscar nosso melhor, numa orientação séria e precisa.

Aos membros da banca de qualificação, Profa. Fausta e Profa. Carmen, pelos direcionamentos e orientações desse trabalho.

À Profa. Maria Inês e ao Prof. Waldenor, pelo incentivo e pela confiança.

Aos colegas de trabalho, Ednamar, Adélia, Hebe, Ronei, José Carlos, Fernando e Renato, pela compreensão e apoio.

Às colegas do Grupo Rasura: Eminéa, Stefânia, Thayanne, Micaela e Michelle, pelas trocas de idéias e cooperação.

RESUMO

As pesquisas de Ferdinand de Saussure sobre os anagramas, realizadas entre 1906 e 1909 e publicadas por Jean Starobinski ao final dos anos de 1960, propiciaram diferentes debates sobre os estudos da linguagem, sendo que alguns desses debates originaram a dicotomia “Saussure do CLG” e “Saussure dos anagramas”, o primeiro apresentando uma reflexão do campo da teoria linguística e o segundo no campo da poética. Após essa dicotomia, muitos estudos no campo da linguagem apontaram elementos interessantes para a reflexão sobre a produção de Saussure no campo da poética. Esses elementos ora apontavam a produção de Saussure no campo da poética enquanto oposta a sua produção no campo da teoria linguística, ora articulavam as duas produções. Nesse sentido, é possível nos perguntarmos se a produção saussuriana no campo da poética possui alguma relação com os conceitos e elaborações delineados no CLG ou se se trata realmente de uma produção que se opõe ao pensamento linguístico-saussuriano. Estabelecendo, pois, a hipótese de que haveria uma possível relação entre os conceitos elaborados entre ambas as produções, Anagramas e CLG, propusemos, num primeiro momento, investigar, com profundidade, como Saussure construiu as análises poéticas e o modo como o genebrino as teorizava. A investigação desse percurso teórico permitiu-nos compreender quais abordagens foram utilizadas nessas pesquisas, ou seja, se Saussure, ao se dedicar ao campo da poética, trabalhava numa abordagem diacrônica ou sincrônica (ou se utilizava ambas as abordagens), e se ali ele se dirigia a um fato de língua ou fato de fala. Após essa investigação, passamos a observar como os autores que se ocuparam das pesquisas saussurianas sobre os anagramas as analisaram e nos concentramos nas pistas que esses autores forneceram para compreendermos que relação as pesquisas poéticas desenvolvidas por Saussure teriam com as teorias linguísticas elaboradas por ele e que lugar essas pesquisas poderiam ocupar na fundação da linguística moderna. Na última parte desse trabalho, nos detivemos na investigação dos principais conceitos saussurianos no campo da linguística a fim de buscar as possíveis relações com as elaborações teóricas de Saussure nos anagramas. Esse cotejamento permitirá observarmos quais os elos que operam entre ambas as produções saussurianas e também permitirá analisarmos se os anagramas caminham para uma oposição ou para uma aproximação ao pensamento saussuriano no campo da linguística. De fato, a relação entre ambas as produções saussurianas possibilitará uma compreensão melhor do percurso de Ferdinand de Saussure nos estudos sobre língua e linguagem, não os tomando apenas como dicotomias ou exclusões, mas como trabalhos que se articulam no movimento de fundação da linguística moderna.

Palavras-chave: Saussure. Anagramas. Curso de Linguística Geral. Fundação da Linguística Moderna.

ABSTRACT

Ferdinand de Saussure's researches about anagrams conducted between 1906 and 1909 and published by Jean Starobinski at the end of the 60's promoted very different debates on language studies. Some debates pointed out the dichotomy "Saussure of the CGL (Course in General Linguistic)" and "Saussure of the anagrams". The first Saussure made reflections on the linguistic theory field and the second one made it to the poetic field. Due to that dichotomy, there were many linguistic studies on interesting elements about Saussure's works in poetics. Those studies showed an opposition between Saussure's works on poetics and his production on linguistics, but there were also studies that linked both productions. In this sense, it is possible to ask if Saussurean production in the field of poetic has something to do with the concepts and elaborations outlined in CLG, or if it is really a production in opposition to Saussurean linguistic work. By establishing the hypothesis that there is a connection between the concepts of both Saussurean works – Anagrams and CLG – initially we propose to do a full investigation on how Saussure constructed his poetic analysis and the way that he theorized them. The investigation of this theoretical route enable a better comprehension about the approaches Saussure made in his researches, i. e., if Saussure, in his poetics studies, did a diachronic or synchronic approach, or if he did both of them, and even if those studies were about language facts or about speech facts. After that investigation, we focused on how the researchers of Saussurean studies about anagrams analyzed his works and we also payed attention to the tips that these authors have given, in order to understand the relation between Saussurean poetical and linguistic studies and to find the place these researches occupy in modern linguistic foundation. In the last part of this dissertation, we investigate Saussure's main concepts in linguistic field, in order to pursue the possible relations with Saussurean theory elaborations about anagrams. This comparison makes possible to examine the existing links between both Saussurean works. It also allows us to consider if the anagrams are opposed or close to Saussure's thoughts in linguistic field. In fact, the connection between both Saussurean works enable a better comprehension about Ferdinand de Saussure's route in his linguistic studies, considering these works not only as dichotomies or exclusions, but as works that are linked in modern linguistic foundation movement.

Keywords: Saussure. Anagrams. Course in General Linguistics. Foundation of Modern Linguistics.

SUMÁRIO

NOTA INTRODUTÓRIA.....	8
 CAPÍTULO 1 – SAUSSURE ENCONTRA OS ANAGRAMAS	
1.1 – Introdução.....	10
1.2 – Panorama geral das pesquisas saussurianas no campo da poética.....	10
1.3 – A construção terminológico-saussuriana dos anagramas.....	17
1.3.1 – Ano de 1906: o início das pesquisas anagramáticas.....	19
1.3.2 – Ano de 1907: de autores latinos diversos, as pesquisas continuam.....	28
1.3.3 – Anos 1908 - 1909: refinamento e fim das pesquisas anagramáticas.....	30
1.4 – Aspectos dos anagramas a partir de trechos de um manuscrito.....	43
 CAPÍTULO 2 – A LINGUÍSTICA ENCONTRA O “SAUSSURE DOS ANAGRAMAS”	
2.1 – Introdução.....	59
2.2 – Ecos esparsos.....	59
2.3 – Rumos diferentes.....	76
2.4 – Caminhos que se cruzam.....	87
 CAPÍTULO 3 – A LINGUÍSTICA SAUSSURIANA E OS ANAGRAMAS: UM ENCONTRO NA FUNDAÇÃO DA LINGUÍSTICA MODERNA	
3.1 – Introdução.....	91
3.2. – A diacronia e a sincronia nos Anagramas de Saussure.....	91
3.3 – O princípio da arbitrariedade no fato anagramático.....	102
3.4 – O princípio da linearidade na não-consecutividade do anagrama.....	109
3.5 – Forma e substância nos Anagramas: em direção a teoria do valor.....	114
 CONCLUSÃO.....	 123
 REFERÊNCIAS.....	 126

Ser leitor de Saussure hoje, no sentido forte do termo, é reencontrá-lo na sua própria inquietação e dúvida ou, como já disse tão bem Milner, é não tomar nada que diga respeito à linguagem como evidente (CASTRO, 2011)¹.

¹ Fala da Profa. Dra. Maria Fausta Cajahyba Pereira de Castro (Unicamp), quando de sua apresentação de minicurso no XII SILEL, na cidade de Uberlândia – MG, sobre o tema Saussure e o tempo.

NOTA INTRODUTÓRIA

Ferdinand de Saussure é conhecido como fundador da linguística moderna. Esse título, mérito não apenas por seus ensinamentos sobre língua e linguagem, deve-se principalmente por haver delimitado, com precisão, um objeto para a ciência linguística, a saber, a língua. Desses ensinamentos e delimitação, resultou uma obra póstuma, nomeada de *Curso de Linguística Geral*¹ (1916). Além dessa obra, que lhe outorgou o título de pai da linguística moderna, Saussure ficou conhecido também pelos manuscritos no campo da poética, que vieram a público em 1964 e ficaram conhecidos como *os Anagramas de Saussure*. Tratava-se de pesquisas realizadas pelo genebrino no campo da poesia greco-latina durante os anos 1906 - 1909.

Considerando então, de um lado, o CLG e, de outro, a produção no campo da poesia, algumas questões podem ser formuladas: qual seria a importância dessa produção no pensamento saussuriano? Por se tratar de análises poéticas, estariam elas desvinculadas de seus ensinamentos no campo da linguística? Ou, então, os ‘Anagramas de Saussure’ fariam parte do movimento de fundação da linguística, contribuindo metodológica e conceitualmente para essa fundação, ou seguiriam rumos diferentes?

Partindo da hipótese de que a produção saussuriana sobre os anagramas teria relação com o movimento de fundação da linguística moderna, as questões preliminares supracitadas permitem estabelecer um objetivo geral, qual seja, o de analisar como os estudos de Saussure sobre os poemas greco-latinos foram desenvolvidos, e localizar que lugar essa produção ocupa no movimento da fundação da linguística moderna, considerando o *Curso de Linguística Geral* (1916) como o marco dessa fundação.

Dessa forma, no Capítulo Um propomo-nos a refletir e investigar, a partir de um panorama geral, como Saussure encontrou-se com esses anagramas. Isso requer observar o modo como Saussure construiu a terminologia nas análises poéticas, destacando o percurso e o movimento de construção teórica que opera nos anagramas. Para isso, seguiremos algumas informações importantes, a partir das correspondências entre o mestre genebrino e alguns de seus pares acadêmicos, as quais servem tanto de apoio teórico quanto de direcionamento para o caminho trilhado por Saussure nesse encontro com a poética.

¹ Doravante CLG ou *Cours*, essa obra póstuma foi editada por Bally e Sechehaye, com a colaboração de Albert Redlinger, a partir dos cadernos dos alunos de Saussure: L. Caille, L. Gautier, Paul Regard, Mme. A. Sechehaye, George Dégalier e Francis Joseph.

No Capítulo Dois, partimos para a exposição e análise de alguns autores do campo da linguagem que, ao percorrerem algum aspecto conceitual do fundador da linguística, de certa forma encontraram o “Saussure dos Anagramas”. Nessa exposição analítica, caracterizamos esses autores pelo modo como receberam o trabalho de Saussure com os anagramas, e, além disso, procuramos mostrar que elementos teóricos esses autores fornecem para a compreensão sobre o lugar que os anagramas podem (ou não) ocupar no movimento de fundação da linguística moderna.

No Capítulo Três, propomo-nos a analisar de fato o lugar que as elaborações saussurianas sobre os anagramas ocupam na fundação da linguística moderna. Para isso, retomaremos os conceitos ou categorias desenvolvidas por Saussure no campo da poética, expostos no primeiro capítulo, bem como os direcionamentos dados pelos autores no segundo capítulo, visando cotejar esses dados com os ensinamentos do genebrino no campo da linguística, a partir do CLG. Tal articulação visa examinar a nossa hipótese de que a produção saussuriana sobre os anagramas tem relação com o movimento de fundação da linguística moderna.

Entretanto, o objetivo desse último capítulo logrará êxito se, após investigar os conceitos pilares na fundação da linguística moderna, for possível estabelecer elos entre os conceitos linguísticos e as elaborações de Saussure no campo da poética. Nesse aspecto, assumir que a produção saussuriana no campo da poética tem relação com a fundação da linguística moderna não é sustentável apenas pelo fato de as análises poéticas terem sido realizadas enquanto Saussure delimitava o objeto da linguística moderna, mas fundamentalmente pela possibilidade de estabelecer relações teóricas consistentes entre uma e outra produção, é o que trazemos nesse trabalho: uma articulação entre os trabalhos do chamado Saussure dos Anagramas e o proclamado fundador da linguística de forma a mostrar que se trata do mesmo autor cujas preocupações com a linguagem não eram cindidas entre a poesia e a teoria.

CAPÍTULO 1

Saussure encontra os anagramas

1.1 – Introdução

O encontro de Saussure com os anagramas (1906-1909) situa-se nos últimos anos de sua vida. Além de ministrar os cursos de linguística geral na Universidade de Genebra (1907-1911), nesse encontro com os anagramas, o mestre genebrino estará atento às combinações fônicas que figuram nos versos saturninos e, em seguida, passará a pesquisar textos gregos e textos latinos de diversos autores e períodos literários de ambas as línguas. Embora considerável, essa produção não deve ser medida apenas pela quantidade dos cadernos manuscritos, mas sim pelo movimento de construção conceitual que opera nesses escritos, que reflete tanto uma busca pela comprovação do fato anagramático quanto também uma elaboração sobre fatos de língua e de linguagem. Nesse capítulo, procuraremos descrever o processo das análises saussurianas, buscando situar ao leitor o *modus operandi* de Saussure nessas pesquisas, a fim de expor os conceitos e leis elaborados, as certezas e as incertezas que acompanharam o mestre genebrino nesse encontro com a poética.

1.2 – Panorama geral das pesquisas saussurianas no campo da poética

Os estudos de Ferdinand de Saussure sobre os anagramas compreendem uma produção escrita em quase cento e vinte cadernos que, conforme Starobinski (1974), foram classificados por Robert Godel e se encontram na Biblioteca Pública de Genebra².

² De acordo com Starobinski (1974), esses cadernos “Estão distribuídos em oito caixas, cada uma designada por um registro diferente: Ms. fr. 3962. Versos saturninos (17 cadernos e um maço de papéis). Ms. fr. 3963. Anagramas: Homero (24 cadernos). Ms. fr. 2964. Anagramas: Virgílio (19 cadernos), Lucrécio (3 cadernos, Sêneca e Horácio (1 cadernos), Ovídio (3 cadernos). Ms. fr. 3965). Anagramas: autores latinos (12 cadernos). Ms. fr. 3966. Anagramas: Carmina epigraphica (12 cadernos). Ms. fr. 3967. Hipogramas: Ângelo Policiano (11 cadernos). Ms. fr. 3968. Hipogramas: Traduções de Thomas Johnson (13 cadernos). Ms. fr. 3969. Hipogramas: Rosati, Pascoli (quadros escritos em grandes folhas). Podem ser acrescentados 26 cadernos dedicados à métrica védica (Ms. fr. 3960 e 3961)”. Com relação à data dessa catalogação, não há referência em Starobinski (1974), porém, conforme observação no tópico ‘Ecos Esparsos’ (Capítulo 2), Salum (1970) indica a publicação desse catálogo nos *Cahiers Ferdinand de Saussure*, nº 17, de 1960. Embora tal indicação não confirme que seja essa a data da realização de tal catalogação, é possível situá-la entre 1957, data da publicação das Fontes Manuscritas do CLG, e 1960.

Em se tratando do período em que Saussure pesquisou sobre esse tema, Starobinski (1974) e outros autores, como Sanders (1979), situam essa produção entre os anos de 1906 e 1909. Entretanto, Gandon (2002) mostra que o interesse de Saussure pelos enigmas nas poesias clássicas e modernas iniciou-se ao final de 1905, após uma viagem a Roma em que, visitando o antigo fórum romano, fascinou-se pelas inscrições latinas ali presentes, pelo fato de conterem escritas enigmáticas.

Um ponto que pode ser observado, de início, tanto no livro de Starobinski (1974) quanto no trabalho de Gandon (2002), é a referência quase que obrigatória às pesquisas de Saussure sobre as lendas germânicas denominadas de Nibelungos³. Cronologicamente, as pesquisas de Saussure sobre essas lendas datam do ano de 1903 e se estendem até o ano de 1910. Embora a extensão (em anos) das pesquisas mitológicas seja maior do que a das pesquisas sobre os anagramas, é díspar a quantidade de cadernos manuscritos: enquanto nos anagramas há mais de uma centena, as pesquisas sobre as lendas não ultrapassam duas dezenas.

Ao longo das pesquisas sobre os anagramas, Saussure se correspondera com algumas pessoas, dentre elas seu colega Antoine Meillet, o poeta e professor Giovanni Pascoli e seu aluno Léopold Gautier⁴. Essas missivas são importantes, pois fornecem informações preciosas para a compreensão do conteúdo das pesquisas sobre os anagramas: indicam o modo como Saussure abordava os anagramas, suas descrições, constatações e comprovações, além dos pedidos de posicionamento aos interlocutores quanto à veracidade dessas análises. Por fim, essas missivas têm alto valor documental, visto que a partir delas é possível situar o período e as respectivas etapas das pesquisas sobre os anagramas.

A partir de 1964, ocorrem as primeiras reflexões e transcrições dos manuscritos de Saussure sobre os anagramas. Os artigos⁵ de Jean Starobinski tiveram um papel importante para que esses manuscritos fossem conhecidos no meio acadêmico. Em 1971⁶, Starobinski compila e organiza seus artigos, publicando o livro intitulado *As palavras sob as palavras – os anagramas de Ferdinand de Saussure*. É por meio do livro de Starobinski que muitos autores, desde então, tiveram conhecimento sobre essa produção saussuriana. Por se tratar de uma quantidade considerável de cadernos,

³ Essas lendas, oriundas da mitologia germânica, retratam povos anões, possuidores de um anel mágico e vasta riqueza em ouro, sendo subjugados por Siegfried e seus guerreiros. Nos cantos medievais, passaram a ser retratados como os povos burgúndios.

⁴ Vale lembrar que, além desses interlocutores, há também outras correspondências com destinatários desconhecidos.

⁵ Compreendem cinco artigos: 1º) Les Anagrammes de Ferdinand de Saussure. *Mercur de France*, fevereiro de 1964, pp. 243-262. 2º) *Les mots sous les mots*. To honor Roman Jakobson. Haia, Paris, Mouton, 1967, pp. 1906-1917. 3º) Le texte dans le texte. *Tel Quel*, n. 37, pp. 3-33. 4º) Le nom chaché. *L'analyse du langage théologique. Le nom de Dieu*. Paris, Aubier, 1969, pp. 55-70. 5º) La puissance d'Aphrodite et le mensonge des coulisses.

⁶ Essa data refere-se à ocasião da publicação na França; no Brasil, o livro foi publicado em 1974.

Starobinski (1974) optou por publicar partes essenciais, para que novos leitores tivessem uma ideia ampla dessas análises.

Assim, Starobinski publicou parte das análises sobre os versos saturninos⁷, um poema de Lucrécio, um de Sêneca e um de Policiano, além de alguns trechos que tratam sobre as lendas. Além disso, Starobinski ateu-se às partes não rasuradas, para facilitar a leitura desses manuscritos, fazendo sempre referência ao título do caderno e, às vezes, às características deste (cor da capa, tipo do caderno etc.), permitindo, então, a localização do caderno aos futuros pesquisadores.

É fato, entretanto, que as publicações de Starobinski sobre essa produção não abrangem nem um terço dos cadernos escritos por Saussure. Porém, como já se aludiu, Starobinski procurou expor os cadernos que melhor espelhassem o modo de operação das pesquisas saussurianas sobre os anagramas.

Em se tratando dos correspondentes de Saussure durante as pesquisas sobre os anagramas, Starobinski (1974) transcreve e comenta três cartas e um cartão postal: 1ª) carta datada de 14 de julho de 1906, cujo destinatário é desconhecido (menciona-se apenas ‘Caro Senhor’); 2ª) carta endereçada ao aluno Leopold Gautier, de 28 de agosto de 1908; 3ª) carta datada de 1º de outubro de 1908, endereçada ao diretor do Colégio Eton (trata-se de um rascunho); 4ª) cartão postal datado de 10 de fevereiro de 1908, endereçado a Antoine Meillet.

É importante lembrar que, no ano de 1964, Benveniste também publica diversas correspondências de Saussure nos *Cahiers Ferdinand de Saussure* (nº 21). E, em 1971, Jakobson transcreve na revista *L’Homme* de Paris a primeira carta de Saussure a Antoine Meillet, datada de 12 de novembro de 1906. Na transcrição dessa missiva, Jakobson (1971, p. 17) tece alguns importantes comentários:

As cartas de F. de Saussure a A. Meillet, publicadas no *Cahiers Ferdinand de Saussure* (citado infra: CFS) (1964, XXI: 89-130), foram entregues pela senhora Meillet a Emile Benveniste, que, num breve prefácio da importante publicação (pág. 91), aponta que algumas cartas da série parecem faltar, em particular aquela em que Saussure “fizera o primeiro anúncio de suas investigações sobre o saturnino”. Esta carta, a senhora Meillet descobriu por casualidade, no verão de 1970, em um livro da biblioteca de seu esposo [...] ⁸.

⁷ O verso saturnino é uma “Versification primitive et nationale des Romains; c’est dans ce rythme que sont écrites un certain nombre d’inscriptions, entre autres celle des Scipions, les fragments des *Sententiae* d’ Appius Claudius [...]” (apud GANDON, 2002, p. 29)

⁸ Tradução nossa de: Les lettres de F. de Saussure à A. Meillet, parues dans les Cahiers Ferdinand de Saussure (cité infra: CFS) (1964, XXI: 89-130), ont été remises par madame Meillet à Emile Benveniste qui note dans Le bref Avant-propos de cette importante publication (pág. 91) que quelques lettres de cette série semblent manquer, en particulier celle où Saussure “faisait La première annonce de ses recherches sur Le saturnien”. Il s’agit de la lettre que madame Meillet a découvert par hasard, au cours de l’été 1970, dans un livre de la bibliothèque de son mari et que nous publions ci-dessus.

Em trecho da referida carta⁹, Saussure parece indicar que a origem de seu interesse pelos anagramas ocorreu após a visita aos antigos monumentos em Roma:

Não sei se por inspiração dos túmulos dos Cipião¹⁰ ou por outro motivo, passei, em seguida, meu tempo a [tratar] escavar o verso saturnino, sobre o qual chego a conclusões diferentes da de Louis Havet¹¹.

Mas vou imediatamente acrescentar a isso um pedido que tencionava fazer-lhe, e a propósito do qual o senhor terá recebido uma carta se não tivesse me prevenido [,] a respeito de outra coisa:

Poderia o senhor, por amizade, fazer-me o favor de ler as notas sobre o Anagrammes dans les poèmes homériques que reuni entre outros estudos, no decorrer das pesquisas sobre o verso saturnino, e a respeito dos quais eu o consulto [-aria, se o senhor] confidencialmente, porque é quase impossível àquele [que ele] que teve a ideia saber se é vítima de uma ilusão, ou se alguma coisa de verdadeiro está na base de sua ideia, ou se a verdade existe apenas parcialmente. Procurando por toda a parte alguém que pudesse ser o controlador de minha hipótese, há muito que vejo apenas o senhor; [mas] e como eu lhe pediria ao mesmo tempo para manter toda discrição com relação a essa hipótese, talvez ilusória, é ainda ao senhor que eu recorreria por ter toda confiança nesse aspecto. Não escondo que, se aceitar, a próxima correspondência lhe levará doze ou quinze cadernos de notas. Entretanto, tais notas foram redigidas tendo em vista um leitor, lei que me impus, a fim de ter, por assim dizer, um primeiro controle¹² [...]. (apud JAKOBSON, [1971]1990, p. 4).

Essa passagem revela como as inscrições arcaicas eram fontes inspiradoras para se buscar esse fato anagramático. Porém, a suspeita de que o fato anagramático fosse somente uma ilusão do pesquisador perseguira Saussure ao longo de tais pesquisas. De fato, essa suspeita o levava a se corresponder com seus pares, mostrando a confiança que Saussure depositava, principalmente em Meillet, para minimizar tal ilusão.

Outro aspecto a se observar é quando Saussure expressa que as *notas foram redigidas tendo em vista um leitor, a fim de ter, por assim dizer, um primeiro controle*. Aqui, ao mesmo tempo em que se pode afirmar um possível interesse de Saussure em publicar essas notas, permanece a incógnita se realmente o interesse era o de publicar

⁹ É importante destacar que, antes dessa carta, há outra mencionada por Gandon (2002), datada de 23 de janeiro de 1906, destinada também a Meillet. Nesta carta do mês de janeiro, estando ainda na Itália, Saussure menciona sua visita ao fórum romano, bem como as inscrições enigmáticas desse monumento.

¹⁰ Cipião, o africano (em lat. *Publius Cornelius Scipio Africanus*), ?, 235 – *Liternum* 183 a. C., general romano, Procônsul em 211, pôs fim à dominação de Cartagená (Espanha). Cônsul em 205, desembarcou na África e, derrotando Aníbal em Zama (202), encerrou a segunda guerra púnica. (Larousse 2007:1268).

¹¹ “Célebre autor do tratado *De Saturnio, Latinorum versu inest reliquiarum quotquot supersunt sylloge* (Paris, 1880).” (Jakobson 1971:8).

¹² Grifo do autor.

esses cadernos, pois para Saussure tratava-se de ‘manter certo controle’ nessas elaborações¹³.

É possível situar também a forma saussuriana de escrever as análises poéticas como estando dentro dos limites do conceito de sincronia, isto é, em que esse conceito conhece apenas a perspectiva daquele que fala, no tempo presente, ignorando qualquer aspecto de evolução que precede o tempo presente da língua. Nesse sentido, poderíamos perguntar: a direção a um suposto leitor pode ser tomada como uma visada sincrônica, isto é, na relação de sincronia que se estabelece entre o falante e a língua?¹⁴

De um modo geral, a referida carta nos mostra que, à medida que Saussure elabora os estudos sobre o processo anagramático, ele procura expressar suas descobertas e hipóteses a pessoas de seu círculo de amizade. Assim, ele procede com cautela ao divulgar suas elaborações sobre os anagramas, buscando sempre certificar-se da autenticidade desse fato. A consulta, de caráter confidencial, era justificada por três motivos: estaria Saussure sendo vítima de uma ilusão? Haveria alguma certeza científica nas ideias básicas dessas pesquisas? Ou não seria apenas uma constatação parcial?

Numa outra carta, datada de 14 de julho de 1906, cujo destinatário é desconhecido, Saussure relata que dispensou dois meses na pesquisa com os versos saturninos, visto serem esses versos bastante complexos:

O resultado é tão surpreendente que somos levados a nos perguntar, antes de tudo, como os autores desses versos (em parte literários como os de Andronicus e Naevius) podiam ter tempo para se dar a este tipo de quebra-cabeça: pois o Saturnino é um verdadeiro jogo chinês, independente de qualquer consideração sobre métrica” (*apud* STAROBINSKI, 1974, p. 17).

Se há, por um lado, admiração pelo verso saturnino, ainda que sob a sombra de uma ilusão, por outro é preciso evidenciar e decifrar esse ‘quebra-cabeça’. Conforme Starobinski (*idem*, p. 12), “Saussure sente a clareza escapar-lhe vendo-a, no entanto, oferecer-se tão próxima. A evidência não é suficiente, é preciso ainda formular-lhe, adequadamente, a lei”.

Ainda nessa direção, De Lemos mostra que, para Saussure, a presença dos anagramas nos poemas é gerador de um impasse, permanecendo a seguinte questão para

¹³ De acordo com Starobinski (1974), Saussure visava à publicação, visto que a exposição teórica teve “uma forma acabada no *Premier cahier à lire préliminairement* (*Ms. fr. 3963*)” (STAROBINSKI, 1974, p. 8), porém, em um último momento, Saussure desistiu de publicá-la. Para Starobinski, então, a possibilidade de uma futura publicação resultaria no modo como Saussure redigia suas análises anagramáticas, dando uma forma quase acabada para as pesquisas.

¹⁴ Esses apontamentos sobre o aspecto sincrônico na produção sobre os anagramas serão retomados no Capítulo Três.

o linguista: “a palavra que eu recorto e colo está no texto ou só eu a vejo?” (*apud* Silva, 2009, p. 150). Assim, esse impasse insiste, numa tensão entre ilusão e veracidade. Starobinski (1974, p. 79) retrata esse impasse afirmando que “[...] Saussure não se dissimula a objeção evidente: não será o hipograma¹⁵, lido a partir do texto, uma construção arbitrária, nascido do capricho do leitor e fundado na distribuição fortuita dos fonemas no texto?”.

Esse questionamento que Starobinski (1974) atribui a Saussure permite-nos perguntar até que ponto a intenção poética está presente no fato anagramático. De certo modo, esse questionamento leva-nos a refletir sobre o quanto a arbitrariedade¹⁶ perpassa o fato, e também perguntarmos se o anagrama é apenas um fato de língua ou um fato de linguagem, ou ambos ao mesmo tempo.

Saussure, embora indagado pela possibilidade de o anagrama ser ilusório, vê-se impelido a estabelecer parâmetros que confirmem a presença desse fato. Isso é atestado tanto pela busca incessante por algo que comprovasse a veracidade quanto pela necessidade de diálogo com linguistas, poetas e professores, que pudessem concordar/refutar suas análises, dando um possível respaldo para a teoria dos anagramas.

Numa carta à Leopold Gautier, datada de 28 de agosto de 1908, Saussure indica-nos ter enviado a esse aluno alguns cadernos dedicados às análises dos poemas de Ângelo Policiano. Diante dos hipogramas decifrados nesses poemas, Saussure é categórico em confirmar o fato anagramático:

[...] com efeito, se o hipograma não existe em Ângelo Policiano, quero dizer como algo que é preciso reconhecer desejado pelo autor, declaro então abandonar o hipograma por toda a parte, sem remissão alguma e para todas as épocas da latinidade (*apud* STAROBINSKI, 1974, p. 94).

De acordo com Starobinski (1974), Saussure escrevera novamente a Gautier, em outubro do mesmo ano: “*Achei uma base completamente nova que, boa ou má, permitirá e todo caso fazer uma contraprova, num tempo mínimo e com resultados muito mais claros*”. Qual teria sido essa base que permitira Saussure agilizar o modo identificação hipogramática? É possível que esta base estivesse vinculada ao seu progresso decifrativo, ao método de abordar um dado poema a partir de novos pontos de

¹⁵ Hipograma: é considerado por Saussure como a palavra que surge após a reconstituição dos fonemas que foram anagramatizados, aparecendo como nomes de deuses, reis e outros personagens históricos.

¹⁶ Propomos abordar a questão da arbitrariedade nos anagramas no capítulo 3, mais precisamente no subtópico 3.3.1 – O princípio da arbitrariedade no fato anagramático.

vista, resultado de seu aprimoramento após uma soma considerável de cadernos dedicados a essas análises. Contudo, como afirma o próprio Starobinski (1974), esse método não ficou acessível aos futuros leitores.

Starobinski (*op. cit.*, p. 104) mostra que, numa carta de 19 de março de 1909, Saussure faz contato com Giovanni Pascoli, poeta italiano, informando-lhe que “certos pormenores técnicos” observados na poesia latina moderna geravam algumas incertezas, no sentido de saber se estes eram conscientes ou não, fortuitos ou desejados. Cabe lembrar que Pascoli não era apenas um simples versificador de poemas latinos; nas palavras de Mahoney (2006), esse poeta era

[...] one of the precursors of the Modernist movement in Italy. He was also a classicist, however, and taught both in classical *licei* and, later, in universities. In addition to poetry, he wrote essays on topics ranging from Dante to versification, and edited an anthology of Latin lyric for students, *Lyra Romana* (1895). The extensive introduction (some 70 pages) and the notes on the poems tell us a great deal about Pascoli's readings of the Latin authors, from early Saturnians down extending to Horace.”¹⁷

Ao poeta Pascoli, Saussure dirige novamente a palavra em 06 de abril de 1909, numa última tentativa de confirmar o segredo que os poetas ousaram guardar. Mas, desta vez, não há resposta. Nas palavras de Starobinski (1974, p. 106), “o silêncio do poeta italiano foi interpretado com um sinal de desaprovação [...]”. Qual seria essa desaprovação? Seria esse *silêncio* a omissão de alguém que percebe a ilusão do outro ou seria o *silêncio* a omissão de quem fica espantado ante uma descoberta, de cuja existência o próprio poeta sequer sabe? Ou o segredo estava descoberto? Essas questões ficarão sem respostas, imersas nessa correspondência jamais respondida.

Assim, as investigações de Saussure sobre os versos latinos se tornavam uma obrigação, uma meta que o instigava a decifrar o jogo de combinações, a montar o quebra-cabeça que a língua latina lhe impunha. Se ainda as dúvidas o atormentavam, não hesitava em buscar respostas entre aqueles que poderiam minimizá-las, criticando-o em suas ponderações. De fato, a extensão dos manuscritos e as anotações denunciavam uma necessidade em compreender que fato era esse que se apresentava: combinações fortuitas ou intencionais? Ou, ainda, fato de língua ou de linguagem?

¹⁷ Tradução nossa: “[...] um dos precursores do movimento modernista na Itália. Era também um classicista, e lecionou tanto em colégios tradicionais quanto, mais tarde, em universidades. Além de poesia, escreveu ensaios sobre assuntos que iam de Dante a versificação, e editou uma antologia da lírica latina para estudantes, *Lyra Romana* (1895). A extensa introdução (por volta de 70 páginas) e as notas acerca dos poemas [da antologia] revelam muito da leitura de Pascoli acerca dos autores latinos, indo dos primeiros saturnianos até Horácio”.

De certa forma, esses exercícios de decifração constituíam um campo fértil para se pensar o funcionamento da linguagem e da língua. Conforme veremos no tópico seguinte, a construção terminológica nos anagramas se sustenta a partir de dois eixos, diacrônico e sincrônico. Se, por um lado, há a seleção de textos poéticos que se sucedem no tempo histórico da literatura grega e latina, há também nessa produção um viés metodológico que busca situar como acontecem as relações entre os elementos constitutivos de um determinado anagrama.

Assim, o caráter de pesquisador do mestre genebrino levava-o a investigar não somente em monumentos romanos, mas em diversos textos antigos que, certamente, faziam parte de seu conhecimento enciclopédico. Essa erudição e incansável busca por formular e conceituar algo concernente às suas pesquisas no campo da linguagem é um resultado da afinidade de Saussure com a literatura, tanto moderna quanto clássica. Além disso, esse conhecimento coadunava-se com sua insatisfação terminológica, fazendo surgir a cada análise um possível conceito mais refinado para uma determinada relação.

De fato, desde os tempos de Adolphe Pictet¹⁸, em que Saussure escrevera um texto intitulado *Essai pour réduire les mots du grec, du latin e de l'allemand à un petit nombre de racines* (1870), passando por seu renomado trabalho *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes* (1878), a erudição de Saussure era construída a partir do conhecimento histórico e sistêmico de diversas línguas.

Sua formação filológica, comparativista e neogramática propiciou uma percepção analítica dos aspectos fonéticos e formais necessárias para ler as *palavras sob palavras*. Contudo, apesar de profundo conhecedor tanto da história e da literatura clássica, desde as pesquisas sobre as línguas indo-européias, quanto da cultura latina, grega e germânica, Saussure se deparou com a incerteza inerente ao próprio processo anagramático: uma intenção poética ou uma ilusão desse pesquisador que visualizava essas formações anagramáticas?

É assim que, cercado de eruditos com os quais podia compartilhar suas pesquisas, Saussure procurou abordá-los, ainda que discretamente, sobre esses achados que os poemas traziam, tendo em vista a necessidade de caracterizar essas elaborações como pesquisas científicas e não somente como suposições fantásticas.

¹⁸ De acordo com Fehr (2000), Pictet foi professor de linguística comparada e de estética na Universidade de Genebra, sendo reputado como filólogo em 1837, a partir de sua obra *De l'affinité des langues celtiques avec le sanscrit*. Já em 1859, Pictet publica ainda *Les origines indo-européennes ou les Aryas primitifs*.

1.3 – A construção terminológico-saussuriana dos anagramas

Talvez não seja por acaso que alguns estudiosos do pensamento saussuriano, como Starobinski¹⁹ (1974), Calvet (1975), Fehr (2000), entre outros, retomam a carta de Saussure a Meillet, datada de 04 de janeiro de 1894. De fato, essa missiva contém duas passagens importantes que ilustram o modo como Saussure encarava suas pesquisas linguísticas. São elas:

[...] quando se trata de linguística, isto é acrescido pelo fato de que toda teoria clara, quanto mais clara for, mais inexprimível em linguística ela se torna, porque acredito que não exista um só termo nesta ciência que seja fundado sobre uma ideia clara e que assim, entre o começo e o fim de uma frase, somos cinco ou seis vezes tentados a refazê-la. (*apud* STAROBINSKI, 1974, p. 11)

Essa inépcia absoluta da terminologia corrente, a necessidade de reformá-la, e de mostrar por isso que espécie de objeto é a língua em geral [...] (CALVET, 1975, p. 42)

Embora essa carta date de quase uma década antes das pesquisas de Saussure sobre os anagramas, ocorridas entre 1906 e 1909, e pareça servir mais a um propósito que ilustre o percurso do genebrino na linguística, os trechos acima são bastante coerentes com o modo como Saussure encarou as pesquisas no campo da poética²⁰. Como proponho mostrar nesse tópico, é plausível que esse ‘modo de encarar’ o fato linguístico, em sua complexidade terminológica, não ficou restrita apenas à produção de Saussure na linguística, mas foi aplicado às pesquisas de Saussure no campo da poesia. Nesse sentido, o ponto que se observa é que ambas as produções manuscritas (linguística ou poética) possuem um alto grau de reformulação terminológica.

Nesse sentido, se aspectos como ‘insatisfação com a terminologia’ e ‘necessidade de reelaborar várias vezes um dado conceito’ são aspectos encontrados nas pesquisas sobre os anagramas, como ocorreria esse movimento de construção terminológica no campo da poesia? Se é possível afirmar que Saussure trata a questão

¹⁹ A menção que Starobinski (1974) faz no livro *As palavras sob as palavras – os anagramas de Saussure* diz respeito a um rascunho dessa carta, fato que, de acordo com Calvet (1975), Starobinski desconhecia.

²⁰ É importante ressaltar que, em se tratando das pesquisas linguísticas, o percurso histórico de Saussure é mais extenso do que seu percurso nas análises poéticas. No campo da linguística, é possível observar que, já em 1891, quando da Primeira Conferência na Universidade de Genebra, as questões de língua, linguagem e fala já eram temas abordados por Saussure. Esses temas estavam sempre em pauta para Saussure, sendo retomados com mais propriedade e elaboração nos três cursos de linguística geral, datados entre 1907 e 1911. Compreende-se, então, um período de reflexão sobre os fatos de língua de praticamente duas décadas ou mais, se contarmos outros trabalhos, como o *Memóire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*, que, de acordo com Fehr (2000), data de 1879. Já as pesquisas de Saussure sobre os anagramas se situam num período de tempo menor, ou seja, entre 1905/1906 até meados de abril de 1909. Ao contrário, então, dos manuscritos de Linguística Geral, que se estendem da década de 80 do século XIX até a segunda década do século XX, as pesquisas de Saussure no campo da poética estão circunscritas a um período específico do percurso acadêmico de Saussure.

poética tal como os estudos sobre as línguas, isto é, numa perspectiva que selecione e que refine ao máximo possível um dado conceito, como isso ocorreria durante as elaborações (1906-1909) dos cadernos sobre os anagramas?

Para responder essas questões, é preciso investigar como essa construção terminológica ocorre na produção de Saussure sobre os anagramas. Proponho investigar essa construção, acompanhando as informações inseridas nas cartas de Saussure a Meillet, Bally e Gautier, remetidas durante 1905 e 1909, atendo-me também à organização dos cadernos de Saussure, feita por Robert Godel em 1960²¹ (cf. tópico anterior).

1.3.1 – Ano de 1906: o início das pesquisas anagramáticas

É possível que o interesse de Saussure pela análise dos poemas latinos tenha se iniciado após sua viagem a Roma, ao final de 1905. Nas palavras de Gandon (2002, p. 3),

Saussure, on le sait, s'est livré, de la fin décembre 1905 Pa La mi-avril 1909 à un travail harassant (...) et apparemment absurde sur La recherche d' "anagrammes" dans la poésie latine d'abord archaïque, puis classique, dans l'épopée homérique [...] ²²

De acordo com Gandon (2002), as pesquisas de Saussure sobre os anagramas ocorreram na sequência: latim arcaico => latim clássico => prosa homérica etc. Essa sequência é diferente da catalogação feita por Godel: latim arcaico => prosa homérica => latim clássico etc. Pode-se, pensar, entretanto, que a citação acima não indica uma ordem necessariamente cronológica, mas uma citação dos primeiros textos pesquisados por Saussure, o que inclui, obviamente, o latim arcaico, o clássico e a prosa homérica.

O fato é que o interesse de Saussure pelos anagramas ocorreu a partir das inscrições no Fórum de Roma e nas tumbas dos Cipiões, que nada mais eram do que versos saturninos. Duas cartas a Antoine Meillet atestam esse fato. Na primeira, escrita em 23 de janeiro de 1906, Saussure expressa:

²¹ Outra possibilidade seria observar a datação dos cadernos em relação ao conteúdo destes. Isso daria uma ideia de qual poeta/poema Saussure teria abordado primeiramente, quais as considerações iniciais teriam sido realizadas e, por último, atestaria o modo como a terminologia se constituiria. Entretanto, na reprodução dos cadernos que temos em mãos, a partir dos autores analisados, não encontramos informação sobre as datas. Para minimizar a falta dessa informação, as cartas servirão de apoio na análise da construção terminológica e como possível confirmação da catalogação de Godel, enquanto classificação cronológica dos cadernos.

²² Tradução nossa: Saussure, como se sabe, dedicou-se, do fim de dezembro de 1905 até meio de abril de 1909, a um trabalho exaustivo (...) e aparentemente absurdo sobre a pesquisa de "anagramas" na poesia latina, primeiro arcaica, depois clássica, na epopeia homérica [...].

L' inscription archaïque du Forum est un amusement tout indiqué lorsque j'éprouve la nécessité de me casser à la tête. Rien à en tirer, bien entendu, mais il est intéressant de contempler le bloc énigmatique et de s'assurer *de visu* de lecture.²³ (*apud* GANDON, 2002, p. 8)

Na segunda missiva para Antoine Meillet, escrita em 12 de novembro de 1906²⁴, ele diz:

Creio que minha última carta era de Roma. Não sei se por inspiração dos túmulos dos Cipiões ou por outro motivo, passei, em seguida, meu tempo a [tratar] escavar o verso saturnino, sobre o qual chego a conclusões diferentes da de Louis Havet. (*apud* JAKOBSON, [1971]1990, p. 4).

Tendo em vista a análise das sequências dos cadernos sobre os anagramas (conforme a catalogação de Godel) publicados e comentados por Jean Starobinski, pode-se notar uma evolução no pensamento saussuriano com relação a essas pesquisas. No gráfico abaixo, temos a sequência pesquisada por Ferdinand de Saussure:

(Saturninos) (Homéricos) (Virgílio, Lucrécio, Sêneca, etc.) (autores latinos) (Carmina epigraphica) (Angelo Policiano) (Thomas Johnson) (Pascoli, etc.)

De acordo com esse gráfico, Saussure teria investigado os versos saturninos (arcaicos), em seguida os poemas homéricos²⁵. Após isso, Saussure teria analisado os poemas de Virgílio, de Lucrécio e de Sêneca, estes dois últimos publicados e comentados por Starobinski²⁶. Após analisar os poetas latinos do período clássico,

²³ Tradução nossa: A inscrição arcaica do Forum é um divertimento indicado quando eu sinto a necessidade de quebrar a cabeça. Nada que possa tirar daí, mas é interessante contemplar o bloco enigmático e garantir em primeira mão a leitura.

²⁴ É importante notar que, conforme Gandon (2002), as cartas escritas entre janeiro e novembro de 1906 são destinadas apenas a Bally (além de dois rascunhos e com destinatários desconhecidos). Já ao final de 1906 e no ano de 1907, o levantamento dado por Gandon (*op. cit.*) informa que Saussure escreveu apenas a Meillet, no que se refere às pesquisas sobre os anagramas. Já em 1908, Saussure escreve tanto para Bally, como para Meillet, além de incluir também seu aluno Léopold Gautier. No último ano, 1909, Saussure escreverá duas cartas para Giovanni Pascoli e a última para Bally (*cf.* GANDON, 2002).

²⁵ Os versos saturninos e os poemas homéricos trazem as primeiras considerações sobre o funcionamento dos anagramas. Entretanto, é possível percebermos que, ao longo dos outros cadernos, situados nas caixas subsequentes, há sempre a retomada dos termos e também das leis propostas por Saussure, numa tentativa de postular a regra ideal para o processo anagramático. De um modo geral, quando utilizo a expressão 'fato anagramático', refiro-me precisamente ao nome (ou ao *tema* [que abarca um conjunto de nomes]) anagramatizado, sendo que o 'processo anagramático' abrangeria tanto o processo que o poeta faria ao compor um poema quanto a decifração necessária para recompor o nome ou o tema, embora (como veremos adiante) Silva (2009) diferencie 'anagrama', como sendo o processo anagramático, de 'hipograma', como sendo o nome anagramatizado. Assim, na presente dissertação, tais expressões (fato e processo anagramático) seriam então outras nomeações que estariam vinculadas à produção que ficou conhecida como *Anagramas de Saussure* ou simplesmente *anagramas*.

²⁶ De acordo com Starobinski (1974, p. 70), o caderno sobre o poeta Lucrécio é intitulado de "*Anagrammes chez Lucrèce, Premier Cahier*", com páginas numeradas de 44 a 69. Com relação ao modo de publicação desse caderno,

Saussure passa para o período neolatino, principalmente com os poemas de Ângelo Policiano, datados do período renascentista (século XIV). Na sequência, Saussure analisaria as traduções latinas de Thomas Johnson, do início do século XIX e, por último, dedicaria seu tempo a observar a presença de anagramas nos trabalhos de Rosati e Giovanni Pascoli, sendo este último contemporâneo e correspondente de Saussure sobre os anagramas²⁷.

Assim, a catalogação de Godel, iniciada pelo registro *Ms. fr. 3962*, traz justamente os cadernos dedicados aos versos saturninos e que, conforme atestam essas duas cartas, é o terreno de exploração inicial das pesquisas sobre os anagramas. Outras cartas, datadas de 12 e 18 de junho de 1906, são endereçadas a Bally. Sobre a carta do dia 12, Saussure pede a Bally que confirme “[...] si la B.P.U. possède la collection de l’*American Journal of Philology*: il aimerait y consulter deux articles de Lindsay sur le saturnien.”²⁸ (GANDON, 2002, p. 14), e, na carta do dia 18, solicita a Bally algumas informações linguísticas (sentido passivo; participio passado) de trechos de versos saturninos.

Conforme Gandon (2002, p. 14), em 05 de julho de 1906, Saussure volta a escrever a Bally, e “[...] rompt brutalement avec les considerations habituelles et liées de syntaxe et de quantité, pour aborder le domaine des Anagrammes.”²⁹ A ideia quantitativa³⁰ refere-se ao fato de que uma consoante ou vogal, ao figurar uma primeira vez no verso saturnino, deverá aparecer novamente, em duplicidade, nos poemas saturninos. Isso significa que haverá, para as vogais e consoantes, outras vogais e consoantes idênticas, em números pares, nos versos saturninos. Já a ideia sintática refere-se às observações acentuais e, portanto, fonética das palavras.

Na análise dos versos saturninos, Saussure investiga os aspectos vocálicos, apontando que “[...] há somente transação para o *timbre* entre ě breve – ĭ breve; ō breve – ã breve; 2) algumas vezes ē : ei; 3) algumas vezes ō : ū.” (*apud* STAROBINSKI, 1974, p. 19). Em outro momento, Saussure considera que “É raro que se possa chegar à

ressalto que no livro de Starobinski essas passagens foram digitadas, enquanto que Gandon (2002, pp. 212-237) publica as fotocópias manuscritas desse caderno.

²⁷ É possível perguntar se esse percurso cronológico dos textos poéticos não teria uma dimensão diacrônica. Essa dimensão temporal nos estudos saussurianos fez parte da formação de linguista do genebrino, e deve indicar algumas características de sua produção no campo da poética. Para isso, o tema concernente à dimensão diacrônica nos anagramas será abordado no terceiro capítulo dessa dissertação, intitulado de “O encontro de Saussure com os anagramas na fundação da Linguística Moderna”.

²⁸ Tradução nossa: “[...] se a B.P.U possuía a coleção do *American Journal of Philology*: pois ele adoraria tê-la para consultar dois artigos de Lindsay sobre o saturnino.”

²⁹ Tradução nossa: “[...] rompe brutalmente com as considerações habituais e ligadas a sintaxe e quantitativa, para abordar o domínio dos Anagramas.”

³⁰ Conforme Starobinski (1974, p. 17), numa carta rascunho de 14 de julho (destinatário desconhecido), Saussure ainda demonstra considerar a importância das análises quantitativas do saturnino.

absoluta repartição par. Por exemplo, o som *c* é em número ímpar em [...]”. Além desses termos, como *timbre* e *som*, que remetem aos aspectos vocais e sonoros, há também observações quanto ao caráter *implosivo* das consoantes.

Essas análises quantitativas, sintáticas e fonéticas se mesclam nos versos saturninos e, de certa forma, fornecem os primeiros elementos teóricos para o fato anagramático. É, portanto, a partir dessa materialidade sonora que Saussure se inscreve nesse momento. De acordo com as cartas de Saussure, as análises dos poemas saturninos se estendem até julho de 1906, mês que Saussure passa a citar também análises dos textos homéricos.

Na realidade, essa etapa preliminar em que Saussure analisa as combinações fônicas dos saturninos ainda não é marcada pelo objetivo em reconstituir nomes anagramatizados nos poemas latinos. O aspecto sonoro e sintático dos saturninos desperta em Saussure novo interesse em pesquisar os poemas homéricos e é a partir dessas novas pesquisas que o genebrino passa então a ver possíveis formações anagramáticas nos poemas homéricos. Aliás, como veremos adiante, após constatar a presença de anagramas nos poemas gregos, Saussure então volta a observar os saturninos para comprovar a existência de anagramas nesses poemas, e não somente aspectos aliterantes.

A partir dos trabalhos de Gandon (2002), Starobinski (1974) e manuscritos de Saussure, é possível situar cinco cartas cujo tema refere-se ao poeta Homero, catalogados no registro *Ms. fr. 3963*, conforme quadro a seguir:

DATA	DESTINATÁRIO	TÓPICOS	CATALOGAÇÃO DE GODEL	REFERÊNCIAS
17/07/1906	Bally	Aliteração; a palavra-tema é nomeada aqui de <i>stichwort</i> ; os textos homéricos são considerados como um vasto e contínuo anagrama	Ms. fr. 3963	(GANDON, 2002, p. 15)
22/07/1906	Bally	Combinações de vogais e de consoantes; dúvida/abandono da <i>stichwort</i> ?		(GANDON, 2002, p. 16)
30/07/1906	Desconhecido	Cita, inicialmente, o nome de Scipio e depois faz longas considerações sobre as pesquisas na poesia homérica; uso dos termos <i>stichwort</i> / <i>stichvers</i> ; ausência do termo palavra-tema; fonia homérica; homofonia poética; poema homérico; <i>Ilíada</i> ; <i>Odisséia</i> ; jogo voluntário poético?;	Ms. fr. 3963	Ms. fr. 3957/2 – (STAROBINSKI, 1974, p. 18)

		homofonia		
07/08/1906	Bally	Retorno à palavra <i>stichwort</i> ; "Le mot principal" est "toujours un nom propre"; texto homérico é um 'contínuo criptograma'; primeira ocorrência, possivelmente, do termo criptograma como variante do termo anagrama	Ms. fr. 3963	(GANDON, 2002, p. 16)
31/08/1906	Bally	Após resposta de Bally, Saussure volta a pesquisar os textos homéricos	Ms. fr. 3963	(GANDON, 2002, p. 16)

Quadro demonstrativo das cartas de Saussure sobre os anagramas - nº 1

O conteúdo dessas cinco cartas representa um momento importante na elaboração de Saussure sobre os anagramas. A composição anagramática, encontrada nos textos homéricos, reafirma as elaborações antes delineadas nos cadernos sobre os saturninos, tais como palavra-tema (*stichwort*), combinações fônicas, homofonia, acrescentando, agora, o termo criptograma.

Na realidade, a noção de palavra-tema é tratada também nas análises dos versos saturninos³¹, pois o objetivo das combinações fônicas era constituir um *tema*. De acordo com Starobinski (1974), Saussure oscila entre o uso da palavra *tema* e *texto*, pois em um de seus manuscritos, a palavra “texto” está rasurada (riscada) e Saussure substituiu-a por *tema*, de modo a supor que Saussure “pensou num texto sob o texto, num pré-texto, no sentido lato do termo” (STAROBINSKI, 1974, p. 19).

Assim, a questão do *tema* revela que há um processo, *a priori*, que governa a própria composição do poema. Sendo assim, Saussure tece uma série de pressupostos que ordena a composição poética em torno do *tema*:

1. Antes de tudo, impregnar-se das sílabas e combinações fônicas, de toda a espécie que poderiam constituir o TEMA. Este tema – escolhido por ele mesmo ou fornecido por aquele que pagava a inscrição –, é composto por apenas algumas palavras, quer seja unicamente de nomes próprios, quer seja de uma ou duas palavras anexadas à parte inevitável dos nomes próprios.

³¹ É importante ressaltar que nas cartas apresentadas, nesse tópico, sobre as análises nos versos saturninos, não há informações sobre a questão da palavra-tema, tal como Saussure relata para Bally, nas cartas em que menciona as análises dos textos homéricos.

O poeta deve, então, nesta primeira operação colocar diante de si, tendo em vista seus versos, o maior número possível de *fragmentos fônicos* que ele pode tirar do tema: por exemplo, se o tema, ou uma das palavras do tema é *Hercolei*, ele dispõe dos fragmentos – *lei* –, ou – *cõ* –, ou com um outro corte das palavras, dos fragmentos – *õl* –, ou *ēr*; por outro lado, de *rc* ou de *icl* etc.

2. Deve então compor seu trecho introduzindo em seus versos o maior número possível desses fragmentos, por exemplo, *afleicta* para lembrar *Herco-lei*, e assim por diante (*apud* STAROBINSKI, 1974, p. 19).

A questão do *tema*, presente desde o início das pesquisas sobre os anagramas, será um dos pilares de Saussure para sustentar o fato anagramático. Assim, o objetivo de Saussure, já nos versos saturninos e na prosa homérica, é encontrar uma série de combinações fônicas que remetem a uma composição temática, a um processo de fragmentação de nomes que por sua vez tornaria a base da versificação greco-latina.

Para Gandon, os termos *temas*, *texto* e *título* antecedem a ideia de anagrama em Saussure. Ao buscar uma melhor definição para ‘tema’, Gandon (2002, p. 393) expressa

Se rencontre aussi le terme de *Stichwort*: “Il aurait fallu, si la base était juste, à peu près la vie d’un homme pour établir les *Stichwort* qui se succédaient, de moment en moment, sur l’espace de douze livres homériques seulement” (lettre à Bally du 22 juillet 1906: *CFS* 48 (1994) 107). L’Éditeur des lettres, R. Amacker, établit en note un rapprochement avec celle du 17 juillet 1906: les *Stichworte* ou “mots-thèmes” commandent les Anagrammes et “se renouvellent tous les vers ou tous les $2\frac{1}{2}$ vers ou tous les 3 vers, et sans la moindre imprécision sur le nombre des consonnes, voyelles, et *hiatus* exigé sur cet espace par le *Stichwort*”, *CFS* 44, 14990 {1991} 53). La raison de ce choix terminologique n’est pas forcément nette: *Stich* signifie: “piqûre”, “morsure” - d’où au “figure”, “allusion”. Il est clair que le terme allemand comporte une once de causticité tout à fait absente du français “mot-thème”.³²

Se a ideia convencional de anagrama aponta para uma transposição de letras, como, por exemplo, a palavra ‘amor’, que pode ser anagramatizada na palavra ‘roma’, o processo combinatorial que Saussure entrevê nos poemas greco-latinos é mais complexo. A noção de *stichwort*, ou palavra-tema, é um fio condutor primário da composição do poema, e a fragmentação desse *tema* não ocorre no nível da escrita, mas

³² Tradução nossa: Encontra-se também o termo *Stichwort*: “teria sido necessário, se a base fosse justa, quase a vida de um homem para estabelecer os *Stichwort* que se sucediam, a todo momento, no espaço dos doze livros homéricos apenas” (Carta a Bally, de 22 de julho de 1906 *CFS* 48 (1994) 107). O editor das Cartas, R Amacker, observou, em nota, uma aproximação com a de 17 de julho de 1906: os *Stichworte* ou “palavras-tema” dominam os Anagramas e “se renovam em todos os versos ou em todos os 2 e meio versos ou todos os 3 versos, e sem a mínima imprecisão sobre o número de consoantes, vogais e hiatos exigidos neste espaço pelos *Stichwort*”, *CFS* 44, 14990 {1991} 53). A razão desta escolha terminológica não é nitidamente clara: *Stich* significa “picada”, “mordida” – daí “figura”: “alusão”. É claro que o termo alemão comporta uma pitada de causticidade totalmente ausente da “palavra-tema”.

sim nos aspectos fonêmicos das palavras. Assim sendo, esse novo conceito de anagrama demandou de Saussure uma reflexão terminológica apurada, um refazer constante, a fim de encontrar o melhor conceito que demonstrasse a realidade da descoberta.

Em um dos cadernos dedicados aos poemas de Homero (*Ms. fr. 3963*), Saussure intitula de ‘Terminologia’ a parte em que ele lapida os termos e conceitos do processo anagramático. Assim,

Servindo-me da palavra *anagrama*, não penso fazer intervir a escritura nem a propósito da poesia homérica, nem a propósito de qualquer outra velha poesia indo-européia. *Anafonia* seria mais justo, na minha maneira de ver: mas este último termo, se nós o criamos, parece antes apto a prestar um outro serviço, a saber, o de designar o anagrama incompleto, que se limita a imitar certas sílabas de uma palavra dada sem ser obrigado a reproduzi-la inteiramente. (*apud STAROBINSKI, 1974, p. 21*)

É possível observar, nesse trecho, que a discussão sobre um novo termo que melhor retrate a relação da palavra-tema com a composição poética, ainda é algo que ocupa Saussure. Se, por um lado, o termo *anagrama* poderia indicar ao leitor uma combinação a partir do escrito, embora fornecesse a ideia completa de transposição de letras, por outro lado, *anafonia* seria um termo representativo, embora pecasse por indicar um tema incompleto, que apenas margeasse a *Stichwort*. Mas, o que irá prevalecer é o termo *anagrama*, que nesse caso, se constituirá a partir da recomposição dos fonemas da palavra-tema. Com razão, Starobinski (1974, p. 22) expressou que as regras fônicas são *combinações de fonemas e não de letras*.

No momento em que analisa os poemas homéricos, Saussure parece retomar os versos saturninos, expressando:

Que base existe *a priori* para imaginar que a poesia homérica tenha podido conhecer alguma coisa como o anagrama ou a anafonia? Isto se liga a um conjunto de estudos que são para mim partes do verso saturnino latino (*apud STAROBINSKI, 1974, p. 22*).

Num primeiro momento, a passagem acima mostra Saussure dividido entre duas análises: saturninas e homéricas. Isso mostra o entrelaçamento em que opera as construções terminológicas, de modo que a constatação do processo em um conjunto de textos serve de base para análise de outros textos ou autores. Além disso, é importante notar que a conclusão obtida por Saussure na análise dos versos saturninos é o fato de o poema latino arcaico estar todo centrado na imitação de uma palavra-tema, a partir dos fragmentos dessa palavra, e não apenas no fator de aliteração.

Na mesma passagem transcrita por Starobinski, Saussure analisa o verso saturnino *Taurasia Cīsauna Samnio cēpi* e afirma que

Este é um verso anagramático que contém completamente o nome de *Scīpio* (nas sílabas *cī + pī + iō*, além disso em *S* de *Samnio cēpit* que é inicial de um grupo onde quase toda palavra *Scīpiō* aparece. – Correção de – *cēpi* – pelo – *cī* – de *Cīsauna*) (*apud* STAROBINSKI, 1974, p. 22).

Vale lembrar que esse mesmo verso, *Taurasia Cīsauna Samnio cēpi*, é parte das inscrições de uma das tumbas dos Cipiões, tal como se pode observar na reprodução dessas inscrições abaixo:



Nesse aspecto, vemos Saussure retomar a antiga inscrição³⁴ do fórum romano para atestar como o anagrama aparece no verso saturnino. É possível ver que esse verso (pelo fato de figurar em uma das tumbas dos Cipiões, visitadas por Saussure em Roma) fora um dos primeiros a ser analisado sob a perspectiva do anagrama, conforme carta de Saussure a Meillet, em 12 de novembro de 1906.

O trabalho de Saussure nos textos gregos e latinos é árduo e, visto que lhe faltam referências externas para melhor conduzir essas pesquisas, ele precisa comparar o fato anagramático a partir de textos em línguas diferentes. Assim, é possível refletir que, embora o saturnino lhe forneça os princípios básicos do fato anagramático, Saussure busca contrapontos desses princípios na poesia grega. Na carta de 30 de julho de 1906 (*cf.* quadro demonstrativo), Saussure traz as seguintes considerações sobre os textos homéricos:

³³ Inscripción del sepulcro de Escipión Barbado. Lucio Cornelio Escipión Barbado, hijo de Gneo, hombre fuerte y sabio, cuyo aspecto estuvo a la par en todo al valor, fue cónsul, censor, edil cerca de vosotros. Tomadas Taurasia y Cisauna en el Sannio, sometió a toda Lucania y se llevó rehenes. Inscripción sobre el sarcófago de Escipión Barbado – Referencia: http://es.wikipedia.org/wiki/Tumba_de_los_Escipiones acceso em 17/01/2011 15:56

³⁴ Cf. tópico “Panorama geral das pesquisas saussurianas no campo da poética”.

deux premiers vers. La grande question
serait de savoir si le nombre des repro-
-ductions phoniques est déterminé ou non.
Il peut être déterminé, tout en semblant
indéterminé, s'il est en relation avec le
nombre de vers constituant le passage, ou
avec d'autres facteurs ignorés. Et en même
temps on peut se demander s'il y a
deux comptes distincts: celui des pho-
-nèmes isolés, et celui des groupes
syllabiques, ou si cela fait un seul
compte. - J'en reviens à A 172, ou 173.

(Manuscrito de Saussure da página 7 da carta de 30/07/1906 – Ms. fr. 3957 – Envelope 02)³⁵

O trecho da carta acima retrata um momento em que Saussure se indaga se o número das reproduções fônicas, acrescento, da palavra-tema, é determinado ou não. Entretanto, se há a possibilidade de esse número ser determinado ou indeterminado, a principal dúvida é saber se as reproduções fônicas podem ocorrer a partir de fonemas isolados ou grupos silábicos. Para Saussure, a questão do fato anagramático está evidente, considerando as análises saturninas e homéricas. É assim que ele pode expressar, em um dos cadernos dedicados a Homero:

Em um sistema onde nenhuma palavra poderia ser mudada sem dificultar, a maior parte do tempo, muitas combinações necessárias no que se refere ao anagrama, em um tal sistema não se pode falar dos anagramas como de um jogo acessório de versificação, eles se tornam a base, quer o versificador queira ou não, que o crítico de um lado e o versificador de outro queiram ou não. Fazer versos com anagrama é, forçosamente, fazer versos segundo o anagrama sob o domínio do anagrama (*apud* STAROBINSKI, 1974, p. 23)

Aqui, há termos que acentuam o mérito do fato anagramático, como a repetição do vocábulo *sistema* e também a oposição entre *jogo acessório* e *base*, na composição do poema. Saussure não era um pesquisador que utilizava termos casualmente. Considerando a importância da noção de sistema na teorização sobre a língua, é possível afirmar que esse termo apontava para as relações inerentes à construção do tema, do

³⁵ Tradução nossa: “dois primeiros versos. A grande questão seria saber se o número de reproduções fônicas está determinado ou não. Ele pode ser determinado, como um todo, ou parecer indeterminado. Pode estar relacionado com o número de versos que constituem a passagem ou a outros fatores ignorados. E, ao mesmo tempo, pode-se questionar se há duas contas distintas: a dos fonemas isolados, e a dos grupos silábicos, ou se isto perfaz uma única conta. Volto a A 172 ou 173:

anagrama em si, a partir das próprias combinações fônicas. Por essa razão, o anagrama, tal como Saussure expressou, não era mais secundário na trama poética, antes fundamental.

Assim, o ano de 1906 é, para Saussure, o ano em que as bases das análises nos poemas greco-latinos são lançadas. Considerando que as pesquisas de Saussure tiveram início a partir das pesquisas na poesia latina arcaica (versos saturninos) e que, num dado momento, Saussure também passou a analisar os textos homéricos, o ano de 1906³⁶, portanto, é marcado pelas pesquisas nos poemas saturninos e homéricos, como também sobre as lendas germânicas.

De acordo com o levantamento de suas cartas, a partir de Gandon (2002) e Starobinski (1974), a última carta do ano desse ano é endereçada a Antoine Meillet, datada de 12 de novembro. Essa carta ficou conhecida como “a primeira carta de Saussure a Meillet sobre os anagramas” (cf. JAKOBSON, 1971). Dois pontos nessa carta são relevantes: a) o fato de Saussure mencionar suas pesquisas sobre as lendas e b) de solicitar a Meillet que leia as notas sobre as pesquisas anagramáticas nos poemas homéricos. A próxima missiva será enviada, novamente a Meillet, quase um ano depois, em 23 de setembro de 1907.

1.3.2 – Ano de 1907: de autores latinos diversos, as pesquisas continuam

É evidente que Saussure estaria envolvido com as pesquisas sobre os anagramas, as lendas e, principalmente, ministrando o primeiro curso de linguística em Genebra, até julho de 1907³⁷. Entretanto, nenhum registro, nas fontes supracitadas, indica como as pesquisas no campo da poética estavam sendo conduzidas. Esse intervalo é observado por Jakobson (1971), quando da publicação da primeira carta de Saussure a Meillet sobre os anagramas:

Infelizmente não possuímos nenhuma carta de Saussure a Meillet entre a de 12 de novembro de 1906 e a mensagem começada a 23 de setembro de 1907 e terminada “uns quinze dias” mais tarde, texto onde encontramos várias alusões difíceis de serem decifradas. Como observou Benveniste [...], elas “supõem uma carta anterior [e até

³⁶ O percurso intelectual de Saussure no ano de 1906 é dado também a partir de Fehr (2000), na biografia que esse autor faz do mestre genebrino.

³⁷ No dia 08 de dezembro de 1906, Saussure é nomeado ‘professor ordinário de linguística geral e de história e comparação das línguas indo-européias’ (cf. FEHR, 2000) e, em 16 de janeiro de 1907, Saussure inicia o primeiro curso de linguística geral, na Universidade de Genebra.

poderíamos acrescentar: uma troca de cartas] que não temos”.
(JAKOBSON, 1971, p. 6)

Esse intervalo nas correspondências de Saussure com seus interlocutores impede-nos de saber, com precisão quais poemas foram analisados durante o ano de 1907, além de dificultar a certificação da catalogação feita por Godel nesse período. Sendo assim, a questão de saber com mais exatidão quando Saussure passou dos textos homéricos (*Ms. fr. 3963*) para os poemas de Virgílio, Lucrécio, Sêneca e Horácio e Ovídio (*Ms. fr. 3964*) fica em suspenso, pois a próxima carta em que Saussure menciona um desses poetas data de 15 de dezembro de 1907.

Continuando a sequência das cartas, o conteúdo da missiva de 23 de setembro de 1907 ainda traz comentários sobre os versos saturninos, indicando que Saussure ainda revisitava³⁸ ou analisava, ao final de 1907, os poemas saturninos e homéricos. De acordo com as referências de Gandon (2002), Saussure escreve cartas, de setembro de 1907 a janeiro de 1908, somente a Meillet. O quadro abaixo traz algumas informações sobre as cartas desse período:

DATA	DESTINATÁRIO	TÓPICOS	CATALOGAÇÃO DE GODEL	REFERÊNCIA
23/09/1907	Meillet	Elementos fônicos; correspondência binária entre vogais e consoantes; faz comparação ao epigrama dos Cipíodes; 'o anagrama está na base do jogo fônico'	-	GANDON, 2002, p. 9;17
15/12/1907	Meillet	Referências aos poetas Virgílio e Lucrécio	Ms. fr. 3964	GANDON, 2002, p. 18
18/12/1907	Meillet	sem informações	-	GANDON, 2002, p. 18
29/12/1907	Meillet	sem informações	-	GANDON, 2002, p. 18
08/01/1908	Meillet	Utiliza termos como manequim e difono	Ms. fr. 3963; 3964; 3965; 3966; 3968	GANDON, 2002, p. 18

Quadro demonstrativo das cartas de Saussure sobre os anagramas - nº 2

³⁸ Esse revisitar indica que a sequência das cartas não permite concluir, definitivamente, se Saussure já não teria escrito outro caderno, sobre poeta diferente daquele mencionado na missiva. Deste modo, poder-se-ia supor que Saussure pesquisava um determinado poeta e, ao finalizar o estudo sobre este, ou encontrar alguma dificuldade, passava para outro poeta, escrevendo em um novo caderno para a nova análise. É possível, então, pensar numa certa homogeneidade sequencial, ou seja, a catalogação de Godel seria quase fiel à sequência de Saussure, porém não é possível comprovar, somente pelas cartas, se a sequência registrada de Godel corresponderia à sequência analítica de Saussure. Essa 'quase fidelidade', estaria, então, condicionada ao fato de que Saussure poderia escrever, por exemplo, dez cadernos sobre um determinado poeta e, depois, escrever sobre outro poeta, retornando, após esse último caderno, à sequência do poeta sobre o qual ele já escrevera dez cadernos.

Conforme quadro acima, a carta de 15 de dezembro de 1907 aborda os poetas Virgílio e Lucrecio, que por sua vez estão catalogados no registro *Ms. fr. 3064*. Esse dado indica que, ao final do ano de 1907, Saussure já estava tratando da poesia latina clássica. Essa carta também mostra que a poesia clássica foi objeto de análise para Saussure após os textos homéricos, que de certa forma, caminha em acordo com a catalogação de Godel.

1.3.3 – Anos 1908 - 1909: refinamento e fim das pesquisas anagramáticas

No que se refere à terminologia, a carta de 08 de janeiro de 1908 traz dois tópicos centrais na questão do anagrama: a lei do dífono e a lei do manequim. Nesse momento, chamo a atenção do leitor para o fato de que, embora essa seja a primeira menção de Saussure aos termos *dífono* e *manequim*, nas cartas aqui mencionadas esses termos já eram utilizados desde as análises dos poemas homéricos, isto é, desde o ano de 1906.

A lei do dífono está relacionada ao princípio da consecutividade. Nas palavras de Saussure,

O princípio do dífono quer dizer que se representam as sílabas na CONSECUTIVIDADE de seus elementos. Não temo esta palavra nova, visto que se ela existisse, não é somente []³⁹, para a linguística mesma que ela faria sentir seus efeitos salutares.

Que nos elementos que formam uma palavra *se sucedem*, é uma verdade que seria melhor não considerar, em linguística, como uma coisa sem interesse pelo fato de ser evidente, mas que dá, ao contrário, de antemão o princípio central de toda reflexão útil sobre as palavras. Num domínio infinitamente especial como este que temos de tratar, é sempre em virtude da lei fundamental da palavra humana em geral que se pode colocar uma questão como a da consecutividade ou não-consecutividade, e desde a primeira⁴⁰.

Pode-se dar TAE por *ta +te*⁴¹, isto é, convidar o leitor não mais a uma justaposição na consecutividade, mas a uma média das impressões acústicas fora do tempo? fora da ordem, que tem os elementos no tempo? fora da ordem linear que é observada se eu tenho TAE por TA – AE ou TA – E, mas não o é se eu o tenho por *ta + te* a amalgamar fora do tempo como eu poderia fazê-lo com duas cores simultâneas. (*apud* STAROBINSKI 1974, p. 34)

³⁹ Em nota de rodapé, Starobinski (1974) informa que os colchetes indicam espaço em branco no manuscrito.

⁴⁰ Em nota de rodapé, Starobinski (1974) informa que a frase, no manuscrito, está inacabada.

⁴¹ “Na margem *O abstrato e o concreto*” (*apud* STAROBINSKI, 1974, p. 35).

A construção da lei do dífono toca no princípio da linearidade, ou seja, na consecutividade que os fonemas possuem nos significantes da língua. De fato, o anagrama, tal como observado por Saussure, se insere numa dimensão especial. Essa singularidade do anagrama greco-latino aponta para o fato de que os fragmentos da palavra-tema, embora fragmentados, devem permanecer unidos em pares, obedecendo a ordem consecutiva da palavra-tema. E, mesmo que haja a necessidade de fonemas isolados na recomposição do anagrama, o centro dessa recomposição é o dífono.

Ao formular a lei do dífono, Saussure tem como objetivo resguardar do fato de que “[...] tudo, então, não é permitido, até mesmo justamente entre as coisas que se tomariam por mais ou menos lícitas, se não fosse uma homofonia qualquer que decidisse.” (*apud* STAROBINSKI, 1974, p. 34). Deste modo, o que Saussure faz é buscar uma determinada lei que coíba que o anagrama seja um fato casual. Assim, ainda que esse terreno especial implique uma nova maneira de ser do tempo linear da língua, Saussure é cuidadoso em apontar que, mesmo na lei do dífono, os elementos devem obedecer a consecutividade que se apresenta na palavra-tema.

Saussure reconhece, por um lado, que o princípio do dífono desloca um aspecto da linguagem, a linearidade. A linearidade, portanto, é interrompida no anagrama greco-latino pelo fato de este não ser convencional. Se, por exemplo, tomássemos o anagrama ‘amor’ a partir do vocábulo ‘roma’, a linearidade estaria presente, embora a consecutividade dos elementos fosse diferente em ambos os termos. Nesse sentido, se o poeta utilizasse a palavra ‘amor’ em um determinado verso, ele fragmentaria essa palavra em dífonos, como *AM-*, *MO* ou *OR*, obedecendo, parcialmente, a consecutividade inicial da palavra-tema.

Nesse sentido, embora a consecutividade e a linearidade sejam interdependentes e executadas simultaneamente, trata-se de dois conceitos distintos. A consecutividade é a sucessão dos elementos numa dada unidade linguística, que, por sua vez está submetida ao sistema a que essas unidades pertencem. Sendo assim, podemos afirmar que cada língua opera com diferentes tipos de consecutividade, de acordo com as regras sistêmicas de cada língua.

Por exemplo, em português uma consecutividade do tipo /kʃŋ/ em palavras é impossível de se constituir, enquanto na língua inglesa é comum esse tipo de encontro fonêmico. Se tomarmos os vocábulos ‘reação’ e ‘reaction’, temos o seguinte quadro fonêmico:

	Ortográfico	Fonêmico
Língua Portuguesa	reação	/rea'são/
Língua Inglesa	reaction	/ri'ækʃn/

Se, na língua inglesa, é possível ocorrer o encontro entre três consoantes numa determinada sílaba situada no interior de um vocábulo, como no exemplo de *reaction*, na língua portuguesa isso não é possível, visto que será necessária a inserção de uma vogal, como, por exemplo, no vocábulo ‘acham’, cuja transcrição fonêmica é /aʃaŋ/. Assim, a sequência fonêmica /kʃŋ/ inexistente em português, visto que os núcleos das sílabas em português são as próprias vogais. (cf. SILVA, 1999)

Nesse sentido, a consecutividade depende do modo com que o sistema linguístico opera no encadeamento dos elementos que constituem as unidades linguísticas ou palavras. Além disso, por se tratar de um fato sistêmico, a consecutividade é caracterizada pela sincronia, que por sua vez está regida pela teoria do valor (cf. Saussure).

Já a linearidade é um conceito que remete muito mais a uma temporalidade do que a um aspecto sistêmico da língua. De acordo com Saussure (1970, p. 84)

O significante, sendo de natureza auditiva, desenvolve-se no tempo, unicamente, e tem as características que toma do tempo: a) *representa uma extensão*, e b) *essa extensão é mensurável numa só dimensão: é uma linha*⁴².

A linearidade, portanto, está associada à cadeia sonora, pois esta tem como princípio o fato de *ser linear*. De acordo com Saussure (1970, p. 120), “[...] a cadeia fônica tem, como caráter primário, ser linear (ver p. 84). Considerada em si própria, ela é apenas uma linha, uma tira contínua, na qual o ouvido não percebe nenhuma divisão suficiente e precisa [...]”.

Caracterizar o princípio da linearidade do significante enquanto auditivo e participante da cadeia fônica não isenta o próprio significante de ser psíquico e incorpóreo⁴³. O que está em jogo, nesse momento, é o fato de que todo ato de fala ocorre na linearidade do significante, ou seja, na realização de um sintagma, ou, nas

⁴² Conforme De Mauro (1974), a lição sobre o aspecto linear do signo linguístico foi proferida no terceiro curso de linguística geral, mais precisamente no mês de maio; considerando que esse terceiro curso iniciou-se ao final de 1910 (cf. CLG, p. XVII) e terminou em julho de 1911, essa lição data, então, de 1911.

⁴³ Cito aqui duas referências de Saussure a respeito do significante: o caráter psíquico, exposto no capítulo do CLG que trata do signo linguístico, e o caráter incorpóreo, tratado no capítulo sobre a teoria do valor.

palavras de Saussure, na frase, pois esta “[...] é o tipo por excelência de sintagma [...]”, que, por sua vez, “[...] pertence à fala e não à língua [...]”.⁴⁴

Embora Saussure tenha caracterizado o significante como psíquico, é possível observarmos que o princípio da linearidade também se associa ao ato de fala, no que se refere à execução sonora e auditiva operada no circuito da fala (*cf.* CLG, 1970, p. 20). Quando se trata de apontar o significante enquanto psíquico e incorpóreo, isto é, dotado de aspectos inerentes à língua, chega-se às questões de significação e de valores que emanam do recorte que a língua faz na massa sonora.

Sendo assim, a distinção feita aqui, entre *consecutividade* e *linearidade*, aponta para dois aspectos de uma cadeia linguística, ou seja, de que esta se trata de uma *extensão* e que há, para cada língua, uma ordem própria no quesito sequencial de seus respectivos fonemas. Essa extensão da cadeia linguística, no circuito da fala, é captada pelo ouvinte, física, fisiológica e psiquicamente, como uma extensão linear. Mas essa linearidade só é concebida pela consecutividade com que suas unidades, sejam estas os fonemas, os signos etc., figuram nessa cadeia. Nesse sentido, a língua se manifesta linearmente no ato de fala a partir da consecutividade de cada elemento, recortado pela língua a partir das relações de significação e de valor que perpassam o sistema linguístico.

Sendo assim, toda *extensão* sintagmática, temporal só pode ser concretizada pela *sucessão* ou *consecutividade* de seus elementos. Assim, tanto a linearidade quanto a consecutividade são interdependentes. Como, então, imaginar essa operação simultânea? Suponhamos, para isso, uma linha imaginária que atravessasse todos os signos de uma língua. Essa linha pode ser representada, num dado signo, como algo que transpassa esse signo. Poderíamos representar assim: **LINEARIDADE**. Rompendo-se essa linha, os fonemas que formam essa palavra se dispersarão, quebrando com a unidade do signo.

O elemento paradoxal do hipograma é que, embora se situe em *um domínio infinitamente especial*, cujos elementos aparecem fragmentados numa não-linearidade, a lei do dífono é também um resquício da consecutividade dos elementos da palavra-tema e, portanto, um eco da linearidade. Nesse sentido, ao mesmo tempo em que há o rompimento da linearidade, a lei do dífono ainda preserva algo da consecutividade da palavra-tema, pelo fato de se constituir de um par mínimo, uma ligação dual que remete à palavra-tema.

⁴⁴ Necessário ainda citar outra passagem de Saussure (1970, p. 145) em que, na realização do sintagma, língua e fala se imbricam: “Cumpro reconhecer que no domínio do sintagma não há limite categórico entre o fato de língua, testemunho de uso coletivo, e o fato de fala, que depende da liberdade individual.”

Assim, em um dos cadernos classificados no registro *Ms. fr. 3966*, temos a seguinte passagem sobre a lei do dífono:

Não creio que se pudesse repetir demasiadamente que o *monófono* é inexistente para o hipograma, sendo esta a lei central sem a qual não se poderia falar de hipograma, sem a qual estaríamos no *anagrama* ou em *absolutamente nada*.

É claro que a liberdade de que acabamos de falar para as iniciais-finais não infringe em nada este princípio. Um T-inicial (tela) ou um final-T (habet) não vale absolutamente nada se permanece isolado: ele adquire valor unicamente em razão da inicial-final *que o segue, ou o precede*, com a qual ele pode formar um *Dífono* como {-A-T ou como {T-A-, como {- R-T, ou como {T-R. Fora deste complemento seu valor é nulo

Todo *polífono*, ao contrário, é naturalmente, para o hipograma de natureza semelhante ao dífono.

Mas, precisamente porque o dífono é a unidade mínima e *simplíssima* entre todas, há regras que começam com o *trífono* somente, porque este representa

Dífono + x
(*unidade geral + x*)

O trífono é a primeira unidade complexa, pois o dífono é a unidade irreduzível.

E todas as regras especiais do trífono se enxertam na base anterior do dífono. Estas regras podem tomar, parece-me, o nome de regras de “agrupamento”, porque se trata com efeito, sempre disto: em volta de um núcleo *DIFÔNICO* agrupam-se um ou vários elementos *monofônicos* (*ipso facto*, privados da faculdade de existir por eles mesmos, recebendo-a unicamente do fato de estarem na órbita do *DÍFONO*)⁴⁵. (*apud* STAROBINSKI, 1974, p. 35)

Tomando como exemplo a palavra *peritus*, Saussure (*apud* STAROBINSKI, 1974) estabelece cinco parâmetros para certificar a lei do dífono:

- 1º. Dífono interno + inicial da palavra => trífono – exemplo: *P-RI* ou *P-IT*, etc.;
- 2º. Dífono interior + final da palavra => trífono – exemplo: - *RI-S* ou - *ER-S*, etc.;
- 3º. Dífono inicial + monófono interno => (Saussure não menciona essa combinação como trífono) – exemplo: *PE-T-* (aqui há liberdade de escolha dos monófonos interiores);

⁴⁵ De acordo com Starobinski (1974), esse trecho está catalogado na caixa *Ms. fr. 3966*, numa série de folhas destacadas, não fazendo parte de um caderno completo. Ressalto ainda, nesta nota, que vemos aqui claramente aspectos da teoria do valor associada ao funcionamento dos anagramas; essa relação será analisada no subtópico ‘Sincronia e teoria do valor: o anagrama como um sistema?’

4°. Dífono final + monófono interno (*idem* parâmetro 3°);

5°. Dífono interno + monófono interno.

De fato, se Saussure atem-se à lei do dífono é porque, de certo modo, opera nessa lei um resqúcio da linearidade da palavra-tema e, a partir desse fragmento linear, o fato anagramático pode então ser reconstituído. Nesse aspecto, esses cinco parâmetros sustentam a lei do dífono e, portanto, justificam a presença ou ausência do processo/fato anagramático. Saussure não deixa escapar a necessidade de que, em cada linha do verso analisado, deva constar ao menos um dífono, senão dois, minimizando assim o acaso.

Além da elaboração da lei do dífono, Saussure procura caracterizar o espaço em que os fragmentos da palavra-tema aparecem. A esse espaço Saussure nomeia de *locus princeps*, e que também pode ser compreendido como *manequim*⁴⁶. Assim, no caderno dedicado ao poeta Virgílio, Saussure nomeia esse espaço de *complexo-manequim*, destacando a relevância do modo como o anagrama se apresenta nos versos do poema:

Nenhuma apreciação dos anagramas em Virgílio pode ser levada a efeito sem um estudo especial desta passagem, que, à primeira vista, não contém nenhum deles.

A passagem é, para todo o poema, de uma importância central: é nele que Enéias recebe a missão de transportar os Penates troianos para a Itália.

Menos ainda que em qualquer outra parte, não se pode, pois, duvidar que os recursos totais da poesia tenham sido empregados, inclusive o anagrama, e quando se vê que a passagem é, do começo ao fim, sublime na expressão, não existe, para mim, nenhuma razão para repudiar o anagrama: tampouco acredito que as rimas tenham impedido as expressões sublimes na poesia francesa, se elas não as tivessem inspirado mais de uma vez.

A visão de *Heitor* chama, evidentemente, como anagrama, pelo nome de Heitor. Mas, desde o primeiro momento, duvida-se que Heitor com a pobreza de suas sílabas, em que uma coincidia, além disso, com a terminação latina banal de *Victor*, *auctor* etc., pudesse ter sido escolhido por Virgílio. Uma substituição qualquer deste nome era necessária; Homero poderia ter tomado ou qualquer epíteto consagrado para Heitor. Virgílio não tinha escolha, e se ele não tomasse Heitor, tomaria quase necessariamente *Priamidēs*, como único nome suficientemente claro além de Heitor.

Este nome, que não é pronunciado no texto, torna-se o tema de uma cadeia ininterrupta de anagramas – mas que é construída de uma maneira particularmente clara. Com efeito, a cada anagrama é dado, por centro, um *complexo-manequim* imitando “Priamides” e as palavras que se estendem em volta de cada complexo traz exatamente o complemento necessitado pelas sílabas que faltam no manequim. [...] (*apud* STAROBINSKI, 1974, p. 39)

⁴⁶ Starobinski (1974) publica três passagens sobre o termo *manequim*, retirados a partir de dois registros, o *Ms. fr. 3964* e o *Ms. fr. 3968*, as quais reproduzimos nesta parte do trabalho.

Conforme atestam os cadernos de Saussure reproduzidos por Starobinski (*op. cit.*) e as cartas de dezembro de 1907 e janeiro de 1908 a Meillet⁴⁷, é principalmente nos cadernos dedicados ao poeta Virgílio que se pode perceber as primeiras informações sobre essa teia anagramática, nomeada de *complexo-manequim*. Nesse sentido, o anagrama recebe uma especificidade complexa, de não apenas repetir as sílabas de um nome, mas de sustentar toda a cadeia poética. Sendo assim, na passagem acima, vemos Saussure rejeitar um nome ‘fraco’ silabicamente, tal como *Hector*, buscando nessa rede anagramática, outro nome apontado como constituinte do *complexo-manequim*: *Priamidēs*.

Para Saussure, o *complexo-manequim* é outra possibilidade de compreender o fato anagramático. Deste modo, a presença da palavra-tema, fragmentada no poema, ocorrerá não apenas a partir da presença de dífonos dessa palavra, mas também a partir de vocábulos nos poemas, cuja função é de sinalizar a presença do fato anagramático. Observe os exemplos de *complexo-manequim* apontados Saussure, após as considerações supracitadas, no poema *Eneida*:

- [...]
 1.º Anagrama, marcado pelo primeiro complexo imitativo.
 Tempus erat quo || PRĪMĀ QUIĒS || ...
 são encontrados no próprio complexo os segmentos:
 | Prī ēs |
- 2.º Anagrama. O próximo “manequim” que se encontra depois de
 |Prima quiēs| é
 | PERQVĔ PĒDĒS |
- [...]
- 3.º Anagrama – Se centro é dado, seja pela frase (como nos casos
 precedentes), seja pelo complexo-manequim
 || PPUPIBUS IGNĒS ||
- [...]
- 4.º Anagrama – Agrupado em volta do manequim
 || PLŪRĪMĀ MŪRŌS ||
- [...]
- 5.º Anagrama – Deve-se provavelmente considerar complexo
 imitativo novo
 EX - || PROMERE VOCES ||
 embora o P inicial não esteja completamente destacado
 [...]

(*apud* STAROBINSKI, 1974, p. 39)

De acordo com Starobinski (1974, p. 40), Saussure encontrará na análise dessa passagem de *Eneida* “[...] nada menos que dez “manequins” satisfatórios que começam

⁴⁷ Conforme Quadro demonstrativo das cartas de Saussure sobre os anagramas - nº 2.

por P e terminam por S.” Após ter analisado esse poema sob a perspectiva do manequim *Priamidēs*, Saussure acrescentará, em um *post-scriptum* (*Ms. fr. 3964*):

Sem nada suprimir da ideia que eu havia expresso, segundo a qual para ter uma palavra-tema que oferecesse um certo estofo, e que permitisse desenhar o anagrama, Virgílio deveria ter escolhido *Priamidēs*, acredito ter ido demasiado longe admitindo, por isto, que ele absolutamente não se preocupava com Heitor no mesmo trecho.

[...] Tendo, por diversas vezes, procurado o que me chamava a atenção como significativo nestas sílabas, não o encontrei inicialmente porque estava unicamente atento a *Priamidēs*, e de repente compreendi que era a solicitação de Heitor que meu ouvido recebia inconscientemente, solicitação que criava este sentimento de “alguma coisa” que tinha relação com os nomes evocados nos versos.

< - Mas, talvez, fosse devido à presença da palavra Heitor nos próprios versos.> (*apud STAROBINSKI, 1974, p. 40*)

Nesse ponto da análise, Saussure retrocede ao perceber que, além do manequim *Priamidēs*, é possível também observar trechos que remetem ao manequim *Heitor*. Pode-se pensar acerca do número de vezes que Saussure observava o mesmo poema, atento ao aspecto fonético-fonológico dos versos, buscando, em primeiro lugar, dentre um conjunto de palavras-temas possíveis, aquela que fosse mais elaborada e, posteriormente, a palavras-temas menos complexas.

É interessante destacar que essas revisões processuais nas análises de Saussure indicam a presença de um movimento entre a elaboração teórica e a constatação empírica da palavra-tema no poema. O refinamento terminológico demonstra a complexidade do processo anagramático que Saussure visualiza nos poemas greco-latinos. Cada verso poderia esconder um ou mais temas, e isso demandava do genebrino visitar constantemente cada poema, a fim de cercear qualquer dúvida quanto a um possível engano acerca da realidade do fato anagramático.

É possível notar esse movimento de construção terminológica a partir da seguinte consideração de Starobinski (1974, p. 37):

[...] Saussure indica, no corpo do discurso poético, grupos restritos de palavras, em que a inicial e a final correspondem à inicial e à final da palavra-tema, e constituem seu índice. Saussure recorre, primeiramente à noção de *locus princeps*; ele lhe acrescentará o termo *manequim*, que conservará e utilizará correntemente em seguida.

Após essa consideração, Starobinski (1974) publica o trecho de um dos cadernos catalogado como *Ms. fr. 3968*, em que Saussure tece uma longa explicação sobre os conceitos de *locus princeps* e *manequim*:

Toda **peça** bem composta deve apresentar, para cada um dos nomes importantes **que alimentam o hipograma**, um *locus princeps*: uma série de palavras, *estreita e delimitável*, que se pode designar como o lugar especialmente destinado a este nome. Isto sem prejuízo de qualquer **hipograma mais extenso**, e conseqüentemente mais disperso, que pode correr e que corre em geral, através do conjunto da peça, paralelamente ao **hipograma condensado**.

O *locus princeps* comporta diferentes formas que tentaremos classificar. Mas é, antes de tudo, **o melhor e talvez o único meio decisivo para a prova geral**, todo o resto cai sob o cálculo das possibilidades; isso, ao menos, é tão particular e tão claramente marcado pelos **sinais de uma intenção**, que não vejo, quanto a mim, nenhuma possibilidade de colocá-la em dúvida, enquanto que o fato se repete numa infinidade de exemplos concordantes, submetidos a uma lei idêntica, e a uma lei, desta vez não muito fácil de preencher nas prescrições que indicava.

1. A forma mais perfeita do que se pode revestir o *locus princeps* é a do manequim unido ao silabograma, isto é, do manequim fechando *em seus próprios limites*, claramente dados pela inicial e pela final, o silabograma perfeito. [...] (**grifos nosso**) (*apud* STAROBINSKI, 1974, p. 37)

Se, por um lado, propus acompanhar o pensamento saussuriano na direção de que a catalogação feita por Godel indica um percurso cronológico nas pesquisas sobre os anagramas, por outro isso nem sempre indica que há uma elaboração teleológica de um determinado conceito. É perceptível haver uma construção terminológica, mas essa construção sempre está aquém do fato anagramático, de modo tal que há sempre algo a acrescentar. Nesse sentido, é possível notar que, se em cadernos do registro *Ms. fr. 3964*, há termos como ‘complexo-manequim’ e também uma análise demonstrativa da ideia de manequim a partir do poema *Eneida II*, no caderno do registro *Ms. fr. 3968* Saussure usa o termo *locus princeps*, que por sua vez parece indicar, sob um outro ponto de vista, a mesma ideia.

Além disso, é possível observar que a ideia de *locus princeps* indica o local em que os fragmentos da palavra-tema aparecem, independentemente do fato de haver fonemas iniciais ou finais da palavra-tema. No manequim, embora a ideia de espaço persista, há a condição de se encontrar os fonemas iniciais e finais da palavra-tema nos versos poéticos. Nesse sentido, a ideia de manequim é um dos fatores principais na localização do anagrama e, mais do que isso, uma possível comprovação da intenção poética⁴⁸ na elaboração do processo anagramático.

⁴⁸ A questão da intenção, apontada por Saussure na última parte da consideração supracitada, mostra-nos que essa sempre foi uma preocupação em suas pesquisas no campo da poética. De fato, essa questão envolve o fato de a língua ser um sistema de possibilidades, o que pode ser entrevisto tanto numa perspectiva intencional como não-intencional. Na presente dissertação, trataremos da intenção poética como uma busca sobre a origem do fato anagramático,

A fim de demonstrar que a catalogação de Godel segue uma ordem cronológica, estando os últimos cadernos registrados na sequência numérica 3968 e 3969, exponho no quadro abaixo a sequência das cartas, que por sua vez também trazem indícios da discussão de Saussure sobre a veracidade do fato anagramático:

DATA	DESTINATÁRIO	TÓPICOS	CATALOGAÇÃO DE GODEL	REFERÊNCIA
13/04/1908	Bally	Aborda temas pesquisados nos poemas de Virgílio	Ms. fr. 3964	GANDON, 2002, p. 18
28/08/1908	Gautier	Saussure comenta o envio de alguns cadernos e afirma que enviará os cadernos sobre Angelo Policiano; esses últimos, de acordo com Saussure, contem análises que podem confirmar, de uma vez, a veracidade do processo anagramático	Ms. fr. 3967	STAROBINSKI, 1974, p. 94
07/09/1908	Bally	Pesquisas na poesia latina moderna; Latinidade Renascentista - Angelo Policiano	Ms. fr. 3967	GANDON, 2002, p. 19
16/09/1908	Bally	Textos de Thomas Johnson; tesouro hipogramático	Ms. fr. 3968	GANDON, 2002, p. 19
01/10/1908	Diretor Colégio Eton	latinidade moderna; Thomas Johnson (século XVII)	Ms. fr. 3968	STAROBINSKI, 1974, p. 103
09/10/1908	Meillet	Os anagramas excedem os poemas latinos e são encontrados nas poesias modernas	Ms. fr. 3968	GANDON, 2002, p. 18
19/03/1909	Pascolli	poesia latina moderna; fortuitos ou desejados	Ms. fr. 3969	STAROBINSKI, 1974, p. 104

Quadro demonstrativo das cartas de Saussure sobre os anagramas - nº 3

Passamos agora para o último termo a ser analisado, o qual de certa forma engendra todos os outros termos já abordados nesse tópico. Trata-se do *hipograma*. No trabalho de Starobinski (1974, p. 24), a primeira passagem sobre o termo *hipograma* é

tomada no mesmo sentido diacrônico dos comparativistas em sua busca pela origem das línguas. Nesse aspecto, a busca pela origem do fato, pela comprovação da existência desse processo como sendo intencional, é discutido no Capítulo Três, enquanto um dos aspectos diacrônicos da produção saussuriana sobre os anagramas. Por fugir à proposta da presente dissertação, a possibilidade não-intencional do fato anagramático não será discutido nesse trabalho.

retirada do registro *Ms. fr.3965*, mais precisamente de um “Caderno de tecido amarelo intitulado *Cicéron Pline, le jeune, fin.*”. A passagem é a seguinte:

1. Por que não *anagrama*.
2. Sem ter motivo [para manter] particularmente o termo hipograma, no qual me detive, me parece que a palavra não responde demasiadamente mal ao que deve ser designado. Não está em desacordo muito grave com os sentidos de *ὑπογράφειν, ὑπογραφή, ὑπόγραμμα* etc., se excetuarmos o sentido de *assinatura* que não é senão um dos que ele toma.
seja *fazer alusão*;
seja *reproduzir por escrito* como um escrivão, um secretário,,
ou mesmo (pensávamos neste sentido especial mais divulgado) sublinhar por meio de pintura os traços do rosto.
Quando o tomarmos mesmo no sentido mais difundido, ainda que mais especial, de sublinhar por meio de pintura os traços do rosto, não haverá conflito entre o termo grego e nossa maneira de empregá-lo; pois, trata-se ainda no “hipograma” de sublinhar um nome, uma palavra, esforçando-se por repetir-lhe as sílabas, e dando-lhe assim uma segunda maneira de ser, fictícia, acrescentada, por assim dizer, à forma original da palavra. (*apud* STAROBINSKI, 1974, p. 23).

A partir da passagem supracitada, é possível retirar um núcleo conceitual que resumiria a ideia de hipograma, qual seja, a de “[...] sublinhar um nome, uma palavra, esforçando-se por repetir-lhe as sílabas, e dando-lhe, assim uma segunda maneira de ser, fictícia, acrescentada, por assim dizer, à forma original da palavra”. É importante lembrar que Saussure, em suas análises poéticas, parece buscar integrar os termos e conceitos sobre o fato anagramático.

Assim, Saussure inicia a passagem acima negando o termo anagrama, para em seguida expor o hipograma. Entretanto, é evidente que ele não abandona o termo anagrama nos demais cadernos, sendo este um conceito que dá ideia do fato como um todo, na construção terminológica de Saussure. Entretanto, para ser mais específico quanto ao fato anagramático, Saussure utiliza o termo hipograma para mostrar que o fato anagramático gira em torno de um núcleo, isto é, do hipograma.

Ora, se por um lado há um poema permeado de fragmentos da palavra-tema, a distribuição desses fragmentos deve figurar entre os fonemas iniciais e finais dessa palavra, princípio esse nomeado por Saussure de *locus princeps*. Por outro, é impossível falar de palavra-tema, pois essa não é mais do que fragmentos distribuídos na linearidade do poema. O que seria então? Seria então o próprio hipograma que, operando a partir da lei do dífono, é visto como uma nova maneira de ser da palavra-tema. O termo anagrama, portanto, englobaria todo o processo, desde a ideia de

repetição da palavra-tema, passando pela construção poética a partir do manequim, de tal modo a dar uma segunda maneira de ser àquilo ou a quem se pretende homenagear.

Para se ter uma ideia desse percurso decifrativo e de que a construção terminológica de Saussure possui um movimento circular, isto é, de termos que se interligam, nos cadernos referentes a *Carmina Epigraphica* (Ms. fr. 3966), Saussure discute a questão da figura estilística *paronomásia*⁴⁹ que, embora contenha semelhanças com o conceito de hipograma, não se encaixa no perfil do processo anagramático. Conforme Starobinski (1974, p. 25), a distinção entre *paronomásia* e *hipograma* advinha da hipótese de que Saussure

[...] temesse, mais ou menos conscientemente, que esta “figura de palavras” colocasse em perigo todo o aspecto de descoberta ligado para ele à teoria dos anagramas. Talvez lhe parecesse essencial distinguir a imitação fônica que aparece livremente no decorrer do texto (a paronomásia) e a imitação obrigatória que, segundo ele, regula a gênese. (grifos do autor).

Entretanto, se por um lado a paronomásia aponta para uma imitação fônica livre, ou seja, que obedece, por exemplo, a estética do poema, por outro a imitação fônica no processo anagramático estaria condicionada à própria base do poema, estando os fragmentos dessa imitação esparsos sob os versos poéticos. A ideia de anagrama como ‘base poética’ remete à obrigatoriedade do poeta em redigir o poema utilizando-se dos fragmentos da palavra-tema, não sendo apenas um efeito estético. Além disso, a diferença entre a paronomásia e o hipograma saussuriano reside no fato de que, enquanto a primeira incide em semelhanças (fônicas ou escritas), de palavras ‘inteiras’, o *hipograma* estaria fragmentado entre outras palavras indiferentes a ele.

Essa diferença é notada quando do exemplo em que Saussure extrai o nome *Scipio* do verso latino *Taurasia Cīsauna Samnio cēpi*. Não é possível entrever nenhuma palavra similar ao nome *Scipio* nesse verso, porém os elementos fonêmicos que o compõem estão dispersos na linha poética. Tendo o hipograma especificidades diversas da paronomásia, Saussure também conjectura outro termo para o processo anagramático: *paragrama*. Nesse sentido, em um dos cadernos do registro Ms. fr. 3964, são observadas as seguintes considerações saussurianas sobre o termo *paragrama*:

⁴⁹ “[Do Gr. *Paronomasia*, pelo lat. *Paronomasia*.] S. f. 1. Semelhança entre palavras de línguas diferentes, que indica origem comum; adnominação. 2. Emprego de palavras semelhantes no som, porém diversas na significação; agnominação. [...]” (AURÉLIO, 1986, 1272). Em exemplos de parônimos, podemos citar, conforme Bechara (2005, p. 97) “[...] *cardeal, cardial, desfear, desfiar, descrição, discrição* [...]”.

O termo *anagrama* é substituído, a partir deste caderno, por este, mais juto, *paragrama*.

Nem anagrama, nem paragrama, querem dizer que a poesia se dirige para essas figuras segundo os signos escritos; mas substituir *-grama* por *-fono* em uma ou outra destas palavras levaria justamente a fazer crer que se trata de uma espécie de coisa espantosa.

Anagrama, por oposição a Paragrama, será reservado ao caso em que o autor se contenta em dispor num pequeno espaço, como aquele de uma palavra ou duas, todos os elementos da palavra-tema, aproximadamente como no “anagrama” segundo a definição; - figura de importância absolutamente restrita no meio dos fenômenos oferecidos ao estudo, e que representa em geral apenas uma parte ou um acidente do Paragrama. (*apud* STAROBINSKI, 1974, p. 24)

Segundo Starobinski (1974) há realmente uma variação terminológica nos cadernos de Saussure sobre os anagramas. Essa variação, de um modo geral, reflete uma busca terminológica capaz de mostrar um determinado fato sob os mais variados pontos de vista. Assim, Saussure inicia os primeiros passos buscando na repetição e no aspecto fonético o jogo fônico que se esconde sob os versos saturninos. Entretanto, em alguns momentos Saussure aponta que há um sistema e um jogo de valores na relação entre esses elementos fônicos, isto é, que não é apenas quantidade ou sonoridade que sustenta o anagrama.

Contudo, falar em anagrama seria simplificar um fato fundamental para a poesia greco-latina. Saussure conclui que há uma relação entre esses fragmentos fonêmicos com um determinado tema; que esse tema se constitui de uma ou mais palavras, isto é, de uma ou mais palavras-temas; que essas palavras-temas agora figuram no poema numa não-consecutividade regida pela lei do dífono, dífono esse cujos fonemas são consecutivos; que esses fragmentos difônicos estão vinculados a um complexo-manequim, situados em lugares, *locus princeps*, cuja forma mais completa é o ‘manequim’, que são palavras ou versos cujas iniciais e finais remetem à palavra-tema.

Nesse sentido, esse refinamento conceitual não ocorre linearmente, mas se constrói num movimento de construção e de retomadas, seja pela particularidade que é o fato anagramático, seja pela característica peculiar de Saussure em conceituar determinado fato de língua ou de linguagem, em seus diversos ângulos possíveis. De início, vemos um Saussure rodeado pelas análises fonéticas e quantitativas, figurando na gênese dessas pesquisas o caráter fonético dos elementos anagramáticos. Depois, as análises poéticas se interligam por leis e regras que direcionam as pesquisas para o aspecto formal, isto, pelo caráter das relações que ocorrem tanto no aspecto conceitual quanto no próprio aspecto dos elementos hipogramáticos, pois se revestem de valores para que ocorra a recomposição do anagrama.

Essa evolução já prefigura a ideia que Saussure possui do fato anagramático, qual seja, de que não se trata de um anagrama convencional, mas sim de um anagrama singular. Essa singularidade, portanto, é nada mais do que a descoberta de um fazer poético, de um princípio regencial nos poemas clássicos e modernos. Trata-se, então, da descoberta de uma base poética, a qual Saussure procurará refinar a cada conceito, a fim de afastar qualquer dúvida que assombre tal achado. De fato, para Saussure, a presença desses fragmentos hipogramáticos nos poemas não é aleatória. Assim, a elaboração de regras, leis e ordenamentos visam qualificar o processo anagramático enquanto fato central na composição do poema, pois, ao contrário disso, temia Saussure ser vítima de uma ilusão.

Se tomarmos, por exemplo, o conceito de *locus princeps* em sua forma de manequim, que destina um lugar delimitável para os fragmentos do hipograma, é possível ler nesse conceito um lugar de consistência no qual Saussure se apoia para continuar com as análises poéticas. É nesse sentido que a amplitude da produção de Saussure sobre os anagramas, tanto na relação de cadernos escritos, quanto no próprio movimento terminológico que engendra, tem mais a mostrar do que aparenta.

Nesse sentido, para expor o que esse movimento terminológico pode refletir, é preciso colocar a seguinte questão: *o que esta construção terminológica reflete?* Num primeiro momento, e talvez de forma mais abrangente, essa construção terminológica colocaria as pesquisas de Saussure num lugar de construção de um saber sobre a linguagem e, por que não, sobre a língua?⁵⁰ Ou essa construção terminológica refletiria apenas a insatisfação terminológica presente em outros trabalhos de Saussure, mas sem qualquer objetivo de aproximar as análises poéticas aos estudos linguísticos?⁵¹

Antes, porém, de passar para a análise, nos próximos capítulos, dessas hipóteses, proponho observar, no próximo tópico, o funcionamento dessas leis que constituem os anagramas, a partir de partes de um caderno de Saussure dedicado à análise dos poemas de um poeta renascentista.

⁵⁰ Essa questão é, portanto, uma pista de aproximação entre os estudos linguísticos de Saussure e suas pesquisas no campo poético, a qual desenvolveremos no Capítulo Três desta dissertação.

⁵¹ Esta questão pode ser melhor compreendida a partir de alguns autores, analisados no tópico 'Rumos Diferentes' do capítulo 2 dessa dissertação.

1.4 – Aspectos dos anagramas a partir de trechos de um manuscrito

O objetivo do presente subtópico é observar uma análise de Saussure no texto do poeta Angelo Policiano⁵², escrito para o epitáfio de (fra) *Filippo Lippi*⁵³. Essa observação, após a apresentação dos principais conceitos sobre os anagramas, é pertinente no sentido de melhor situar o leitor quanto ao ato saussuriano de decifração de um hipograma:

O senhor bem viu, além do que pude dizer-lhe, que se trata sobretudo de obter previamente um tipo de garantia qualquer, por exemplo, o da *probabilidade* do conjunto, ou aquele de que “alguma coisa” é certa. Ora, parece-me, cada vez mais, que o texto de Ângelo Policiano fornece o meio para fixar essa questão de fé e resolvê-la cômoda e imediatamente: com efeito, se o hipograma não existe em Ângelo Policiano, quero dizer como algo que é preciso reconhecer desejado pelo autor, declaro então abandonar o hipograma por toda a parte, sem remissão alguma e para todas as épocas da latinidade [...]

O senhor verá, creio eu, que há também alguns novos pontos de vista, trazidos pelo estudo exato de Policiano. Como eu dizia, não é o hipograma que deve reter toda a atenção: ele não dá, por assim dizer, senão o fio das sílabas, e não se deve jamais perder de vista o texto: nesse texto há palavras cuja composição silábica constitui uma nova prova corrente de que eles não são escolhidos ao acaso.

O trecho acima, escrito no final do ano de 1908, indica-nos tanto o caminho que Saussure havia trilhado nessa pesquisa como também a necessidade dele de confirmar a existência do processo anagramático. Ainda nessa passagem, é possível depreender que a solução para o fato anagramático era mais do que evidente na poesia de Angelo Policiano, e que, para Saussure, as análises desses versos indicavam uma forma real e comprobatória do fenômeno dos anagramas.

O poema analisado por Saussure pretende refletir sobre o ponto chave da questão dos anagramas: encontrar, num determinado poeta ou obra, a forma mais exata de uma construção anagramática. Esta forma, se analisada por qualquer outra pessoa que lesse o poema, seria a prova irrefutável da realidade poética e consequente ponto de apoio na aprovação do método e da análise empreendida por Saussure.

⁵² Poliziano, Angelo Ambrogini, *Montepulciano, 1454 – Florença 1494*, humanista e poeta italiano. Filólogo, autor de poemas em grego, latim e italiano, escreveu *Estâncias para a justa* (1478) e *Fábula de Orfeu* (1480), que inspirou o *Orfeu* de Monteverdi (1607). (LAROUSSE, 2007, p. 1660).

⁵³ De acordo com o dicionário Larousse (2007, p. 1516), Filippo (1406-1469) nasceu em Florença e foi “[...] Monge até 1457, foi herdeiro de Fra Angelico e Masaccio (quadros de altar; afrescos da catedral de Prato, 1452-1464).”

Para que o leitor tenha uma ideia do todo⁵⁴ do poema de Ângelo Policiano, trago, na sequência, uma transcrição do texto – que trata de um epitáfio – dedicado a Filippo Lippi:

*Canditus hic ego sum picturae fama Philippus:
Nulli ignota meae est gratia mira manus.
Artifices potui digitis animare colores,
Sperataque animos fallere voce diu.
Ipsa méis stupuit natura expressa figuris,
Meque suis fassa est artibus esse parem.
Marmores tumulo Medices Laurentius hic me
Condidit; ante humili pulvere tectus eram⁵⁵.*

Starobinski (1974)⁵⁶ reproduziu apenas seis páginas⁵⁷ dessa análise saussuriana. Conforme figura abaixo, temos uma visão geral das etapas em que se constitui o processo anagramático referente ao texto de Ângelo Policiano, com suas divisões, marcações, observações e rasuras:

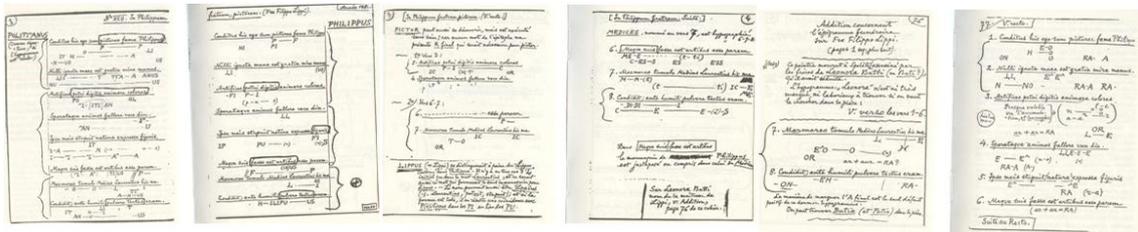


Fig. 1 – Reprodução das seis páginas manuscritas por Saussure sobre o texto de Angelo Policiano

Cada página tem uma forma de análise diferente das demais. Nas duas primeiras o texto está completo, isto é, Saussure escreve os oito versos do poema. Nas outras, o texto está incompleto, porém Saussure insere, além das análises fonêmicas, observações teóricas sobre o processo anagramático, bem como informações históricas dos personagens cujos nomes figuram no poema. Quanto à numeração dos versos, nas páginas 1 e 2 ela não ocorre; já nas demais páginas, Saussure enumera os versos dos poemas.

O primeiro elemento que chama a atenção, por exemplo, nas duas primeiras páginas, são os nomes (hipogramas), em caixa alta, na parte superior das páginas,

⁵⁴ A opção em transcrever todo o poema, nesse primeiro momento, deveu-se ao fato de que o leitor pudesse observar o texto sem as intervenções que Saussure faz ao buscar a recomposição dos hipogramas, de modo a dar ideia global do poema. Além disso, penso ser válido esse procedimento, pois possibilita ao leitor fazer uma leitura do texto isento das influências que as análises de Saussure encerram.

⁵⁵ Tradução realizada pelo Prof. Dr. João Bortolanza (UFU-MG):

*Sepultado estou aqui Filipe com a fama da pintura/e ninguém é desconhecida a admirável graça de minha mão
As cores pude animar com os dedos de artista/E os ânimos por muito tempo falhar a esperada voz
Pasma ficou a própria natureza expressa com minhas imagens/e confessou-se igual a mim nas suas artes
Lourenço Medici no marmóreo túmulo aqui me/escondeu; estava antes coberto por humildade.*

⁵⁶ As figuras são uma reprodução das páginas compiladas por Jean Starobinski (1974, p. 96-101), e as marcações em cores inseridas nas outras figuras têm como objetivo pontuar nossos comentários sobre as análises de Saussure.

⁵⁷ As páginas reproduzidas por Starobinski estão numeradas na ordem 1, 3, 4, 76, 77, sendo que a segunda página está sem numeração.

POLITIANUS e PHILIPPUS. A questão que surge daí, considerando o que Saussure expressou a Gautier em 1908, é pensar o motivo pelo qual o hipograma passa a não *reter toda a atenção*, ou seja, o hipograma parece adquirir um caráter secundário a partir dessa análise do texto de Ângelo Policiano.

Outro ponto que se pode notar é que, além de estarem sublinhados, os versos são agrupados entre chaves {}. Embora esse procedimento não tenha sido descrito nas elaborações terminológicas de Saussure, o foco desses agrupamentos é, precisamente, aquilo que ele nomeou de *locus princeps* ou manequim (lugares em que há as letras iniciais e finais dos hipogramas), existentes ao longo dos versos. Esse panorama geral dá uma noção espacial de como aparecem esses lugares delimitadores dos anagramas.

Conforme figura 2 abaixo, Saussure circunscreve, com um retângulo, partes dos versos primeiro, terceiro e oitavo⁵⁸. Nessas três delimitações há um fonema inicial /p/ e um fonema final /s/ que constituem o manequim do nome *Politi^anus*. Destacamos na figura abaixo, os respectivos versos e delimitações dos manequins⁵⁹:

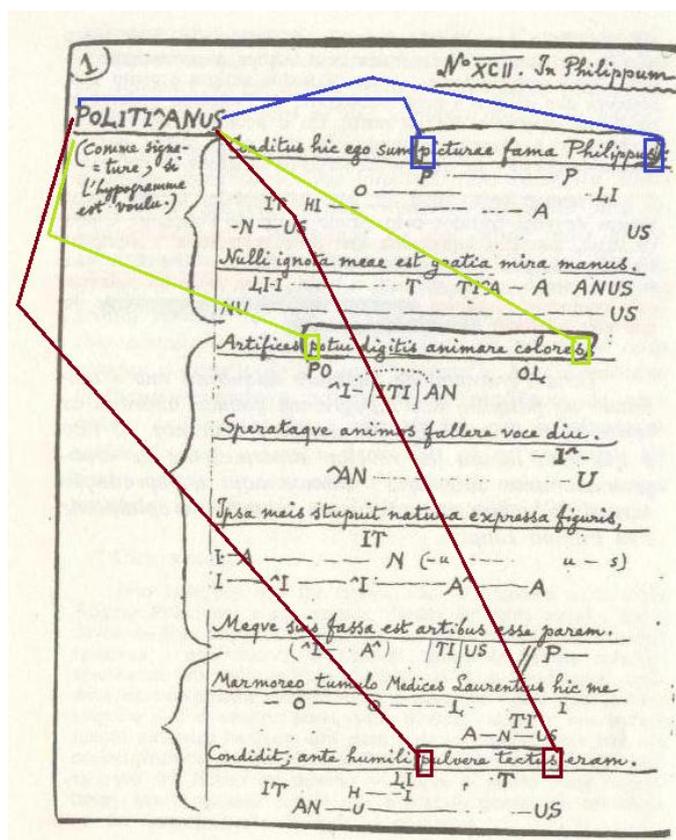


Fig. 2 - Reprodução da página 1

⁵⁸ Observamos que nas páginas 1 e 2 Saussure não enumera os versos, mas somente nas análises posteriores das páginas 3, 4, 76 e 77.

⁵⁹ As três cores aqui inseridas – azul, amarela e vermelha (escolhidas aleatoriamente) – têm a função de destacar os três respectivos *locus princeps*, destacados também pelos fonemas iniciais e finais (*manequins*); essa função também vale para as demais análises.

Após sublinhar os manequins, é possível notar como os fonemas que compõem o hipograma *Politianus* se destacam dos versos do poema, como plumas que, uma vez soltas, se elevam de uma superfície. Esses fonemas, isolados ou em grupos (dífonos ou trífonos), refletem aquilo que Saussure caracterizou como o processo de fragmentação que o nome sofreu na composição poética. Trata-se, portanto, da visualização do segundo modo de ser da palavra-tema, ou seja, trata-se do próprio hipograma.

Nesse momento em que os fonemas aparecem esparsos é que se pode observar como ocorre a interrupção (parcial) da linearidade. Digo parcial para apontar a característica do dífono, que opera ainda na consecutividade dos fonemas hipogramáticos. De fato, aí reside o núcleo do processo anagramático: o hipograma não se revela como um anagrama convencional. Seus elementos estão dispersos na linearidade do poema e, por isso, ele figura numa outra dimensão que não a mera transposição de letras.

Entretanto, a lei do dífono impõe que esses fonemas não possuem valor se figurarem isolados no poema. Dito de outro modo, o nome inicial deve ser fragmentado a partir de dois fonemas, respeitando a consecutividade da palavra inicial. No caso do hipograma *Politianus*, as sequências fônicas possíveis seriam uma combinação dupla a partir de cada fonema desse nome: *po, ol, li, it, ti, ia, an, nu, us*, além de figurarem em trífonos. A questão dos monófonos só possuiria valor se de fato os dífonos hipogramáticos aparecessem primeiramente no poema.

Assim, o modo como os dífonos figuram no poema deve estar circunscrito aos fonemas delimitadores (os manequins). Entretanto, ao observar as cinco regras⁶⁰ da lei difônica delimitadas por Saussure, surge a seguinte questão: um manequim circunscribe todos os fonemas hipogramáticos? A resposta é negativa, pois, se observarmos os manequins destacados, vemos que nenhum deles comporta todos os fonemas hipogramáticos. Entretanto, o hipograma pode ser reconstituído se e somente se forem utilizados todos os fragmentos hipogramáticos que se encontram entre os dois manequins, isto é, entre o primeiro e terceiro versos, conforme figura abaixo:

⁶⁰ Reproduzimos novamente as cinco regras da lei do dífono:

1º. Dífono interno + inicial da palavra => trífono – exemplo: *P-RI* ou *P-IT*, etc.;

2º. Dífono interior + final da palavra => trífono – exemplo: *-RI-S* ou *-ER-S*, etc.;

3º. Dífono inicial + monófono interno => (Saussure não menciona essa combinação como trífono) – exemplo: *PE-T-* (aqui há liberdade de escolha dos monófonos interiores);

4º. Dífono final + monófono interno (*idem* parâmetro 3º);

5º. Dífono interno + monófono interno.

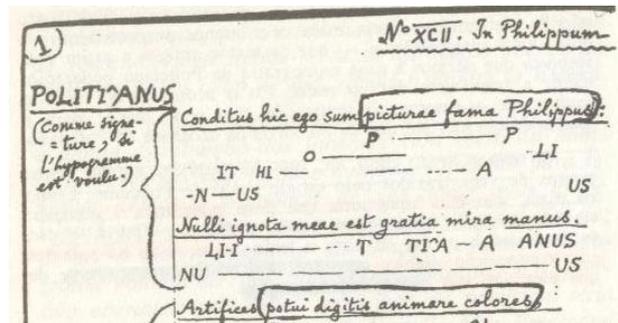


Fig. 3 - Reprodução parcial da página 1

É, portanto, entre dois *locus princeps*, destacados por Saussure nos versos entre as chaves, que se encontram os fonemas pertencentes ao hipograma. Assim, conquanto os manequins delimitem os espaços em que os fonemas hipogramáticos figuram, as chaves possuem o simples papel de reforçar a função delimitativa dos manequins. Entretanto, esses espaços delimitadores não são regidamente intransponíveis. Vale notar que nessa página 1 é possível reconstituir, a partir dos monófonos, dífonos e trífonos, quatro vezes o hipograma *Politianus*, e não apenas três, se se considerar a quantidade de chaves x manequins x hipogramas.

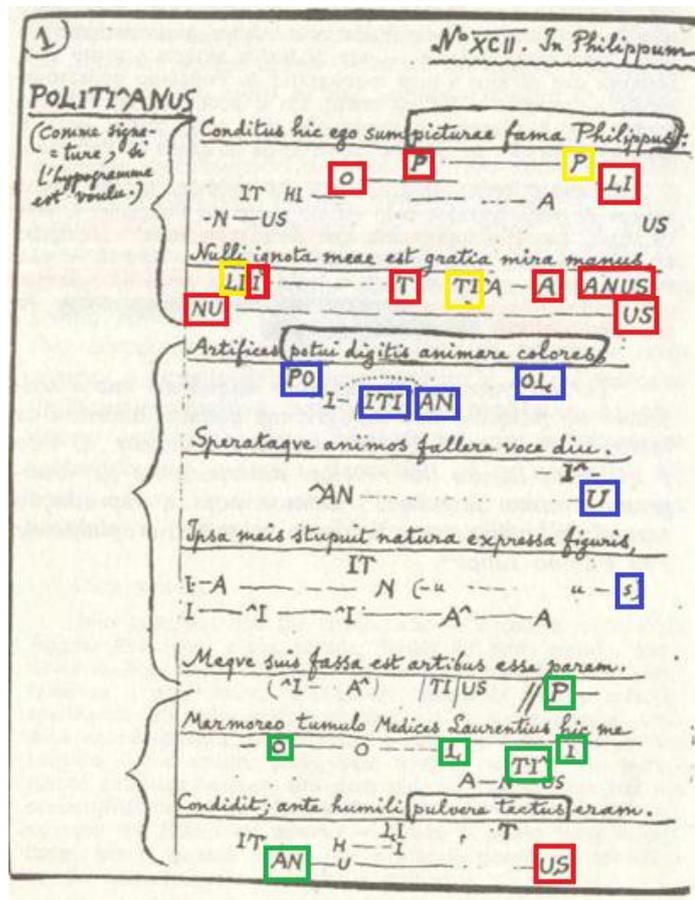


Fig. 4 - Reprodução da página 1

As marcações que fizemos na figura 4 mostram uma tentativa de recompor o máximo de vezes possível o nome *Politianus* a partir dos elementos fonêmicos em destaque. Foi possível, então, recuperar quatro vezes esse hipograma, conforme destacado pelas cores amarelo, vermelho, azul e verde, presentes na figura acima.

A questão é que essa quantidade foi permitida pelo simples fato de que o fonema /p/ repete-se apenas quatro vezes, limitando assim a quantidade de hipogramas. Mas chama a atenção o fato de que ainda sobram elementos suficientes para que fosse reconstituído mais um ou dois hipogramas. Isso é interessante na medida em que os dífonos não figuram no poema apenas para depois serem reconstituídos: eles figuraram o máximo de vezes no poema, independente se completam ou não um hipograma. A base poética do anagrama não consiste apenas em quantificar fonemas que podem reconstituir quantidades *X* de hipogramas, mas sim ‘fonemizar’ o poema com os fonemas da palavra-tema.

A fim de atestarmos a consideração supracitada, numa compilação completa dos fonemas pertencentes ao hipograma *Politianus*, temos as seguintes informações:

- a) Fonema /p/: 04
- b) Fonema /o/: 05
- c) Fonema /l/: 05
- d) Fonema /i/: 22
- e) Fonema /t/: 09
- f) Fonema /a/: 12
- g) Fonema /n/: 08
- h) Fonema /u/: 04
- i) Fonema /s/: 07

Se temos, portanto, quatro fonemas /p/, isso quer dizer que seria possível reconstituir o hipograma *Politianus* quatro vezes. Mas, e os demais fonemas destacados que superam a quantidade de vezes o fonema /p/, conforme compilação acima? É possível compreendermos essa quantidade de fonemas que sobram a partir do que Saussure expressa sobre o *modus operandi* da composição, em que o poeta *introduz o maior número possível desses fragmentos*, não importando quantas vezes seja possível ou não reconstituir um hipograma completo.

Além disso, os monófonos excedentes não perdem seu valor, visto serem considerados parte do processo anagramático pelo fato de orbitarem em torno dos dífonos. Deste modo, considerando os grupos fonêmicos como sobressalentes no processo anagramático, numa compilação de todos esses grupos da página 1, temos:

- a) po: 01
- b) li: 03
- c) it: 02
- d) us: 06
- e) tia: 01
- f) anus: 01
- g) iti: 01
- h) an: 03
- i) ol: 01
- j) ti: 02

A partir dessa compilação de dífonos, trífonos e até mesmo um grupo com quatro fonemas (*anus*), a possibilidade de reconstituir hipogramas, em princípio, ficaria restrita a somente dois, novamente pelo fato de termos dois dífonos /po/. Assim, numa questão de probabilidade, a média de constatação do processo anagramático poderia ser vista, no caso da página 1, sob o prisma da existência de dois hipogramas completos e sujeitos à lei do dífono, para uma melhor garantia do fato.

Entretanto, a lei do manequim ainda poderia fornecer uma comprovação a mais, pois este adquire uma importância elevada no processo. Por haver três manequins, iniciados, logicamente, com o fonema /p/, ter-se-iam, no mínimo, três hipogramas *Politianus* no poema analisado. Assim, a primeira página demonstra que a evidência da realização do fenômeno está baseada em três pilares:

- a) lei do dífono;
- b) presença de *locus princeps*;
- c) na quantidade de fonemas hipogramáticos absorvidos pela sonoridade do próprio poema.

Nas páginas⁶¹ 03 e 04, Saussure já não reproduz o poema em sua totalidade. Na página 03 ele analisa quatro versos, divididos em dois grupos. Nessa parte, o que Saussure procura são os fonemas do hipograma *pictor*⁶². Contudo, a diferença nessa página é que Saussure inicia sua análise ponderando que não há um *locus princeps* para esse nome, pelo fato de que, embora haja a palavra *potui*, iniciada com o fonema /p/,

⁶¹ Não nos deteremos na segunda página, pois se trata de uma análise semelhante à da página 01.

⁶² A tradução de *pictor* para língua portuguesa é *pintor* (MONTAGNER e SILVA, 2009); a busca por um vocábulo que indica uma profissão é coerente com o tema do próprio poema, cujos três primeiros versos, abaixo traduzidos, demonstram de modo particular:

*Sepultado estou aqui Filipe com a fama da pintura
De ninguém é desconhecida a admirável graça de minha mão
As cores pude animar com os dedos de artista*

não há nenhum vocábulo neste poema terminado em /r/⁶³. Apesar disto, ele procede à análise fonêmica:

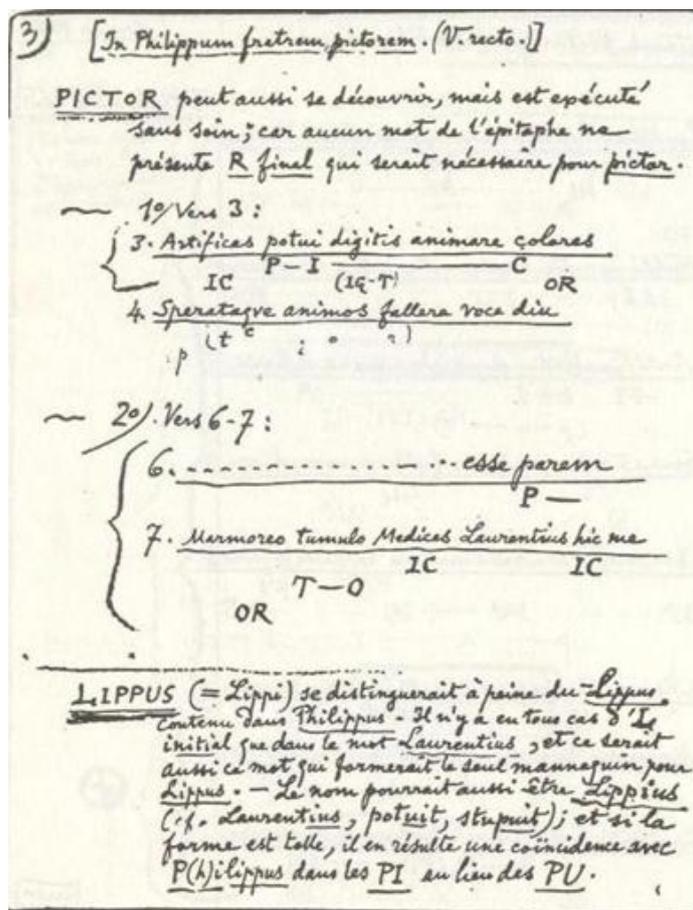


Fig. 5 - Reprodução da página 3

A outra observação escrita por Saussure nessa página é sobre o hipograma *Lippus*, que ele insere como uma variação do sobrenome *Lippi* (de *Philippus*). Nesta passagem, Saussure está ciente de que o hipograma *Lippi* não deve ser extraído do nome *Philippus* (seria assaz evidente?), e que o próprio nome *Laurentius* (verso *Marmores tumulo Medices Laurentius hic me*) é o que deve ser considerado como o real manequim para o hipograma *Lippus*.

Na página 4 (cf. figura 6), Saussure passará à reconstituição do hipograma *Medices*⁶⁴. Nesse processo, Saussure se detém apenas nos versos 6, 7 e 8, sublinhando:

⁶³ Como aponta o manuscrito, há somente fonemas internos.

⁶⁴ A família Medici fora uma família italiana de banqueiros, mecenas, príncipes, duques, cuja história abarca um período de quase quatro séculos na região de Florença. Um dos primeiros, conhecido como Cosme de Medici, nascido em Florença em 1389, era banqueiro e mecenas nesta cidade. Seu neto, Lourenço I de Medici, nomeado como *Lourenço o Magnífico*, também florentino, “[...] fora protetor das artes e das letras. Poeta governou Florença de 1469 a 1492 e deu vida ao real renascentista”. (LAROUSSE, 2007, p. 1558).

- O manequim desse nome no verso 6: **Meqve suis** fassa est artibus esse parem (seta vermelha);
- Os grupos fonemáticos que compõem o hipograma *Medices* (seta verde);
- A justaposição entre o manequim do hipograma *Medices* e o manequim do hipograma *Philippus* (setas azuis);
- A indicação para que o leitor verifique o complemento dessa análise na página 76, em que Saussure procurará reconstituir alguma referência sobre *Leonora Butti* – amante de Lippi (seta marrom).

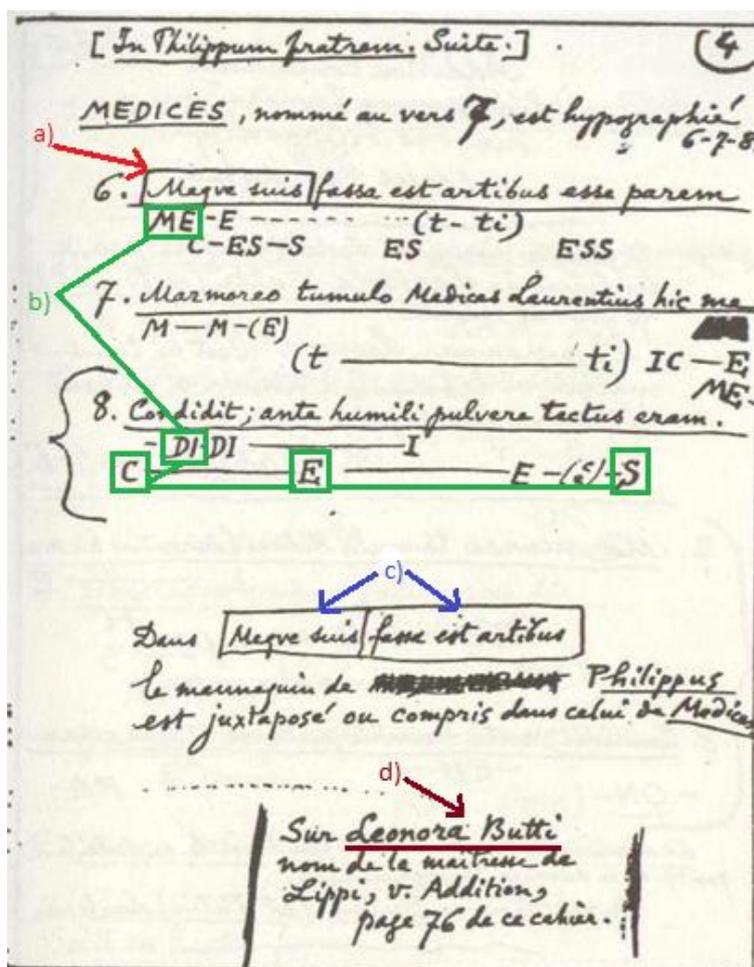


Fig. 6 - Reprodução parcial da página 4

É possível depreender dois pontos a partir da observação do manuscrito da página 4. Primeiro, a presença que podemos notar de outro manequim para o hipograma *Medices*, no verso **Marmoreo** tumulo *Medices Laurentius hic me*. Geralmente, os manequins destacados por Saussure nas páginas precedentes são compostos por mais de uma palavra, embora em alguns casos esse lugar possa ser demarcado com apenas uma. É fato que a ideia de comprovar o fenômeno leva sempre Saussure a procurar mais

garantias que evidenciem a presença do hipograma; no caso desse manequim, *Marmores*, todavia, não há explicação para que Saussure não o tivesse notado.

Em segundo lugar, Saussure destaca dos versos tanto o fonema /d/ quanto o fonema /t/ para compor o hipograma *Medices*. Na realidade, trata-se de dois dífonos /ti/ retirados dos vocábulos *artibus* e *Laurentius*, conforme figura abaixo:

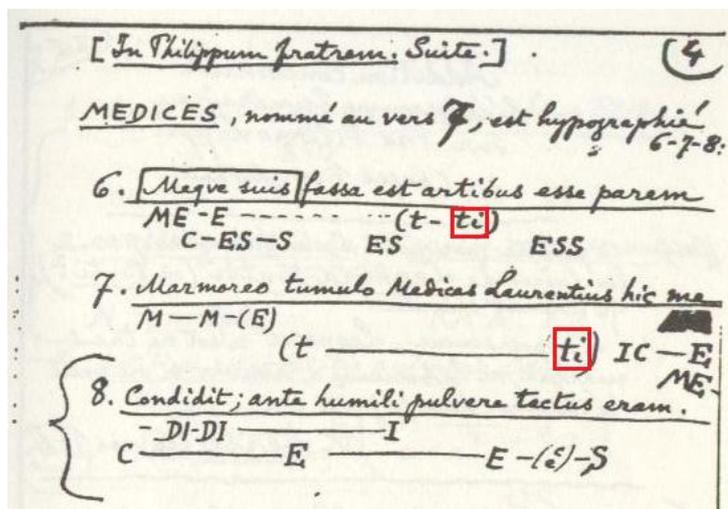


Fig. 7 - Reprodução parcial da página 4

O fato de Saussure ter destacado o dífono /ti/ parece se relacionar com a observação ao final dessa página, em que se analisa o nome de *Leonora*, cujo sobrenome *Butti* é composto do dífono /ti/. Essa indicação, que remete o leitor à página 76⁶⁵, revela como Saussure entrevia não apenas um hipograma por análise, mas estava atento às formações fonêmicas que revelariam outros hipogramas. Conquanto na página 4 o foco seja o hipograma *Medices*, Saussure não deixa passar despercebidos fragmentos de novos hipogramas correlatos ao tema.

Para além dessas indicações, seria possível ainda pensar numa variação do nome /*Medices*/ para /*Metices*/?. É visto que a diferença elementar entre um e outro está no fato de o primeiro ser um ‘sonoro’ e o segundo ser ‘surdo’ ou ‘desvozeado’, havendo, para ambos, pontos de articulações similares. Contudo, o que leva Saussure a destacar o fonema /t/ como um substituto ou como uma variação do fonema /d/? Não seria por falta do fonema /d/, visto que há dois dífonos /di/ no verso 8.

Na transcrição que Starobinski (1974) faz dos manuscritos de Saussure sobre os anagramas, as análises que buscam cercear as diferenças fonêmicas entre vocábulos podem ser enumeradas a partir de alguns termos, tais como *enfraquecimento* e *queda*

⁶⁵ A página 76 é a quinta página desse manuscrito analisado por Saussure e reproduzido por Starobinski (1974).

(desaparecimento) de fonemas, considerando as mudanças vocálicas e consonantais.

Num exemplo de queda e enfraquecimento fonêmico, observe-se a transcrição de uma análise saussuriana:

- Aparentemente *-d* final não devia ter caído em nenhum lugar. Mas confesso que não encontro os anagramas em acordo nesse ponto. A observação do *d* até a época histórica pode ter se dado graças à posição sintática diante de vogal, com exclusão das outras (*eqvōd ego* contra *eqvō primum*, ou *eqvō/* na pausa), e assim as quedas do *-d* podem ser mais antigas do que se supõe.

- O enfraquecimento de *ā* pós-inicial (*talentum* por *talāntum* etc.) refere-se, felizmente, a apenas uma única forma do texto: *perfecto*, verso 8. O caso é, aliás, complexo, pois para *perfecto* intervem a questão independente da época *em que os pré-verbos se incorporaram ao verbo*. Há, por assim dizer, duas possibilidades em favor de *per-fācto*, comparativamente ao que seria o caso de *talantum-talentum*. (grifos do autor). (*apud STAROBINSKI, 1974, p. 48*)

O conhecimento sobre a fonética das línguas – nesse caso, do latim – permitia a Saussure caminhar com segurança no processo anagramático. Aqui, também, a presença da mudança linguística é latente, e para isso Saussure busca na diacronia aquilo que poderia justificar uma determinada variação do hipograma. Assim, essa mudança histórica, diacrônica, tem como resultado uma possível variação de um nome na sincronia do anagrama.

Como se pode notar, as ponderações saussurianas são perpassadas pela incerteza histórica, que de certa forma são refletidas na análise e reconstituição dos hipogramas. Assim é que, num dado momento, Saussure (*apud STAROBINSKI, 1974, p. 48*) expressa que “[...] esperar recuperar a forma exata de todas as palavras é naturalmente absurdo.” Portanto, no que tange à questão do dífono /*ti*/ como fragmento do hipograma *Medices*, há, sim, uma relação fonêmica que indicaria a presença de uma forma, se não perfeita, mas aproximada do hipograma.

Na página 76 (que é uma adição das análises da p. 4), Saussure busca depreender o hipograma de *Leonora Butti*. O título dessa página é “Adição concernente ao epigrama funerário de Fra Filippo Lippi⁶⁶.” Abaixo desse cabeçalho, Saussure traz informações históricas, como o ano de 1469 (à margem esquerda), que é o ano da morte⁶⁷ de Filippo. Na sequência, conforme figura 8, Saussure escreve:

⁶⁶ Tradução nossa para “Addition concernant l’epigramme funéraire sur Fra Filippo Lippi.”

⁶⁷ No manuscrito é possível ver dois riscos em sinal de cruz, ao lado do número 1469.

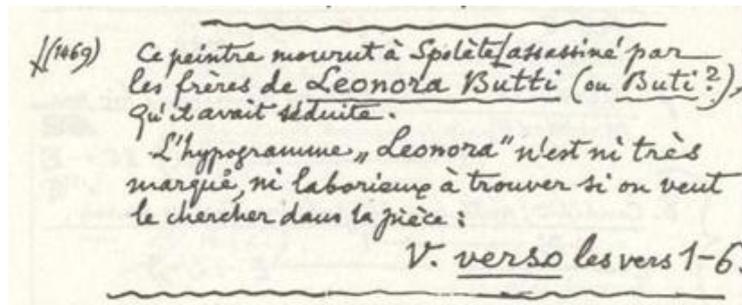


Fig. 8 - Reprodução parcial da página 04⁶⁸

Essa passagem é complementar à informação da página 04, em cuja última nota Saussure indica que Leonora Butti é o “[...] nom de la maîtresse de Lippi.”⁶⁹. O vocábulo *maîtresse* pode ser traduzido tanto por ‘senhora’ como por ‘amante’. Considerando, entretanto, a informação histórica dada por Saussure no manuscrito da página 76 (fig. 8), no que se refere à sedução de Leonora por Filippo, a melhor tradução nesse caso parece ser ‘amante’.

De modo geral, as páginas 76 e 77 trazem as análises saussurianas para a reconstituição do hipograma *Leonora Butti*, diferenciando-as das outras análises somente pela ausência do manequim:

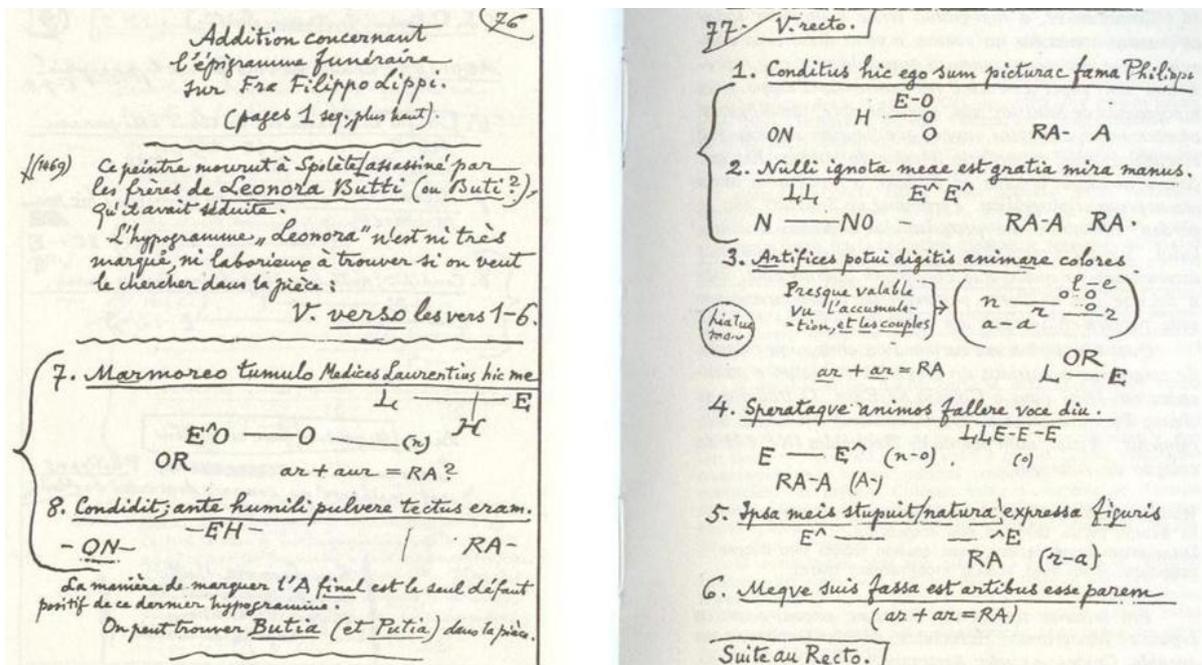


Fig. 9 - Reprodução das páginas 76 e 77

⁶⁸ Tradução nossa: Este pintor morreu em Spolete / assassinado pelos irmãos de Leonora Butti (ou Buti?), a qual ele havia seduzido. O hipograma “Leonora” não é nem muito marcado, nem muito difícil de encontrar se o pesquisarmos nas partes: V. verso os versos 1 – 6.

⁶⁹ Tradução nossa: “[...] nome da amante de Lippi.”

Assim, podemos notar que, na análise dos oito versos de Angelo Poliziano, Saussure irá depreender os seguintes hipogramas: a) o nome do próprio poeta, *Politianus*; b) o nome central do poema, *Philippus*; c) o sobrenome *Lippus*, que Saussure equivale a *Lippi*; d) o nome *Medices* e e) o nome de *Leonora*, nome da amante de Philippus. Esses nomes revelam não apenas que era preciso considerar a intenção do poeta, mas também que o processo anagramático se dava num trabalho de alta complexidade com os elementos fonêmicos.

Nesse aspecto, esse poema (epitáfio) analisado por Saussure traz, implicitamente, as marcas daquele que está sepultado, Philippus, e daquele que lhe presta a última homenagem simbólica, o poeta Angelo Poliziano. Além disso, conta veladamente algo íntimo, o nome da amante de Philippus, Leonora Butti, e também algo familiar, Medices, o nome da família em cujo seio fora criado.

O encontro de Saussure com os anagramas, desde suas primeiras análises dos versos saturninos até as análises dos poemas neolatinos ou modernos, permite-nos ver como o processo anagramático possui pontos que sustentam a veracidade do fato. Após todo o percurso e, ao ver como Saussure pinça todos os fragmentos hipogramáticos, levantando tantos elementos da superfície do texto, a sensação é de que esse processo é, por assim dizer, a base ou o fundamento que sustenta o poema de Angelo Poliziano.

Entretanto, esse percurso que se vê nessas seis páginas, de fato, levou cerca de três anos e uma produção de quase uma centena de cadernos, para que, em 1908, Saussure pudesse fazer uma análise de tal tipo nesse poema renascentista. Como vimos no tópico sobre a terminologia do anagrama, Saussure parte dos aspectos acentuais e quantitativos até chegar à elaboração de conceitos que irão nortear toda a teoria do anagrama, tais como palavra-tema, lei do dífono, *locus princeps* (manequim) e hipograma.

Dito de outro modo, é possível observar nessa construção terminológica a coocorrência do aspecto histórico de uma língua, constatado pelas mudanças que um dado fonema havia sofrido ao longo dos séculos, como no exemplo que Saussure nos dá quando cita o enfraquecimento do *ā* pós-inicial numa dada época. Isso decorre, é certo, em virtude de que o *corpus* datava de épocas passadas (eram textos clássicos, renascentistas etc.) e a mutabilidade linguística já houvera se operado na própria língua em que o texto fora escrito.

Contudo, se por um lado a diacronia ajuda na compreensão de como abordar ou mesmo recompor esse ‘corpo despedaçado’, por outro é preciso fixar-se na sincronia e estabelecer parâmetros pelos quais esse mesmo corpo tomaria uma forma, se não

idêntica, semelhante ao que fora. Eis o porquê de não se tratar de letras, pois nesse caso a transposição deveria ser matematicamente exata, ou talvez mais simplista. Tratando-se, pois, de fonemas e de um *corpus* arcaico, a respectiva possibilidade de variação diacrônica afeta, nesse caso, a própria análise sincrônica, de modo que as condições comprobatórias tendem a sofrer maiores reveses.

Essas ‘condições comprobatórias’ transparecem, então, nas cartas de Saussure a seus confidentes. No caso da missiva a Gautier, Saussure propõe um desafio a si mesmo de que, se não houvesse anagrama no texto de Policiano, ele abandonaria essas pesquisas. Porém, vemos nesse texto que há mais do que um hipograma: são seis nomes que podem ser reconstituídos a partir do poema. Esses nomes, portanto, deveriam dispersar as dúvidas com relação à veracidade do processo anagramático, permitindo qualquer leitor constatar a realidade desse processo.

É fato que, num conjunto de oito versos, a reconstituição de seis nomes outrora fragmentados aponta para uma consistência do processo. Essa consistência, portanto, depende, nesse primeiro momento, do fator quantitativo, isto é, do número de fonemas que se pode depreender dos versos e da respectiva quantidade de hipogramas possíveis de serem reconstituídos. Entretanto, se essa consistência quantitativa é a única comprovação de Saussure acerca desse artifício poético, isso não resultaria de suas próprias elaborações, como o próprio mestre indaga?

Após uma análise de alguns versos, vemos uma extensa ponderação de Saussure:

Nenhum fim possível à questão das possibilidades como o mostra a seguinte ilustração:

A maior censura que se pode fazer é de que há possibilidade de encontrar, em média, em três linhas (verdadeiras ou não) material para fazer um hipograma qualquer.

Logo, a melhor refutação será mostrar os numerosos hipogramas onde, ao contrário, somente no final de sete ou oito linhas se chega a constituir o hipograma (entendo *sete* ou *oito linhas concorrentes*, não: à distancia de sete ou oito linhas do NOME no texto, o que é sem importância).

Teremos então refutado, pelo próprio caminho que a objeção escolhe, a ideia de que é fácil encontrar um hipograma qualquer em três linhas. (*apud* STAROBINSKI, 1974, p. 87)

Assim, esse universo de probabilidades, de repetições e de aparente facilidade de reconstituição dos nomes, é que se erige o próprio obstáculo para Saussure! Essa questão é transposta para nós, leitores destas produções saussurianas, no próprio aspecto de ilusão que toma conta de Saussure, pois em uma de suas frases, ele assim se

expressa: “Ou esses encontros são inevitáveis, e o pesquisador é vítima de uma ilusão [...]”.(apud STAROBINSKI, 1974, p. 87).

Se, por um lado, a incerteza que transparece na fala de Saussure persegue-o até o final dessas pesquisas, por outro a sistematização que opera em cada página manuscrita, em cada análise, transpassa o campo das possibilidades e do acaso. O anagrama saussuriano, deste modo, não teria nada de casual ou fortuito. Indicariam, então, os anagramas, relações entre os elementos das línguas (grego ou latim)? Apontariam para fatores sincrônicos (diferenças entre fonemas, fragmentações e reconstituições de signos, rompimentos de princípios, como a linearidade, etc.) numa relação constante com a historicidade do poema, com a busca da origem do fato, numa perspectiva diacrônica?

Se essa construção terminológica parece indicar um *modus operandi* de Ferdinand de Saussure, qual seja, o de partir de uma perspectiva diacrônica, de análise quantitativa e fonética para, em seguida, contrapor fatos que podem caracterizar um funcionamento sistêmico de língua e de linguagem, o presente capítulo permite-nos indagar se haveria possíveis conversões entre as elaborações de conceitos aqui descritas e os conceitos expostos por Saussure nos cursos de linguística geral (1907 – 1911).

Antes, porém, de investigarmos possíveis conversões entre ambas as produções saussurianas⁷⁰, é necessário percorrermos outro encontro, aquele que se dá entre estudiosos da linguagem e a produção saussuriana sobre os anagramas. Esse encontro, nomeado de encontro da Linguística com os Anagramas de Saussure, fornecerá algumas pistas e direcionamentos para possíveis aproximações e ou oposições na produção de Saussure, no campo da poética e no campo da linguística.

⁷⁰ As quais serão trabalhadas no Capítulo Três.

CAPÍTULO 2

A Linguística encontra o “Saussure dos anagramas”

2.1 – Introdução

A produção saussuriana sobre os anagramas veio a público a partir dos artigos de Starobinski ao final da década de 1960. Nesse momento, Saussure, conhecido como fundador da linguística moderna e da corrente estruturalista, foi reconhecido também como pesquisador de textos literários. Esse reconhecimento, de imediato, fez com que se perguntasse se havia um ‘outro Saussure’, que não apenas aquele do *Curso de Linguística Geral* (1916). De fato, a produção saussuriana no campo da poética teve um impacto nos estudos da linguagem. Nosso objetivo nesse capítulo é situar, a partir de alguns autores, como esse impacto ocorreu e o modo como esses estudiosos abordaram essa produção poética, sob a ótica do pensamento linguístico de Ferdinand de Saussure.

2.2 – Ecos esparsos

Tratar o que poderia ser considerado como um encontro entre a linguística e a produção de Saussure sobre os anagramas implica pensar o modo como essa produção ressoa no campo da linguagem. Nesse primeiro tópico, ‘Ecos esparsos’⁷¹, o objetivo é refletir sobre os estudos que, centrados no *Curso de Linguística Geral* (1916), mencionem ou discutam, brevemente, aspectos da produção de Saussure sobre os anagramas. Alguns dos estudos selecionados para esse tópico foram: Salum (*apud*

⁷¹ A noção de ‘ecos esparsos’ pode ser examinada a partir de três acepções nas produções saussurianas: a) após a morte de Saussure, os editores do CLG propuseram a elaboração desta obra, mas se depararam com a falta de escritos que pudessem refletir com maior fidelidade o pensamento saussuriano, o qual, de fato, já se assemelhava a um eco na memória daqueles que o ouviram; b) Starobinski (1974, p. 111) intitula a última parte de sua obra de *Ecos*, ponderando que a linguagem “[...] é uma combinação mesmo que não intervenha a intenção explícita de praticar uma arte combinatória”, isto é, a linguagem produz ecos e se torna um terreno fértil para se pensar uma *linguagem sob a linguagem* (p. 113); c) Silveira, em seu livro *As marcas do movimento de Saussure na fundação da linguística* (2007), analisa a questão colocada pelos editores do CLG sobre a ‘recriação’ do pensamento saussuriano (que resultou no CLG), afirmando que a edição “[...] nos entrega algo que se aparenta como um presente grego: ecos da palavra de Saussure na forma de ‘um todo orgânico’”.

Saussure, 1970), Gadet (1987), Normand (200) e Bouquet (1997; 2002; 2009) e Depecker (2009)⁷².

A questão central aqui discutida é: de que modo essas breves informações/indicações da produção sobre os anagramas ajudam na compreensão do pensamento saussuriano? Considerando que a produção saussuriana sobre os anagramas “[...] sempre foram colocados em posição de exceção em relação às produções do linguísta” (SILVEIRA, 2007, p. 97), podem esses ecos retratar o lugar que os anagramas ocupam nos estudos da linguagem?

Seguindo, então, os autores citados para esse tópico, tomemos como ponto de partida o prefácio da edição brasileira do *Curso de Linguística Geral* (1970), de Isaac Nicolau Salum. No prefácio, Salum (1970) traz informações pertinentes sobre a primeira edição do CLG, em relação ao percurso que as edições francesas tiveram na Europa, e também acerca das diversas traduções que se seguiram, tanto em países orientais quanto nos ocidentais.

Após historicizar aspectos relativos à elaboração da primeira edição do Curso de Linguística Geral (1916), no que se refere à autoria ou não de Saussure desta obra, Salum (1970) passa a indicar os diversos momentos de publicações das fontes manuscritas do CLG, principalmente as que foram publicadas nos *Cahiers Ferdinand de Saussure*. De acordo com Salum (1970), esses *Cahiers* começaram a ser publicados no ano de 1941, mas os manuscritos de Saussure e as relações das fontes manuscritas foram publicados apenas a partir de 1954, por Godel.

Quanto aos anagramas de Saussure, a informação de Salum (1970) é de que houve uma publicação, em 1960, apenas da “[...] relação dos assuntos e outras informações” nos *Cahiers* nº 17. Além disso, Salum (1970, p. XX) traz um comentário de Godel sobre os cadernos de Saussure no campo da poesia:

R. Godel não se mostra muito entusiasta com essas pesquisas. Eis o que ele diz: “Na época em que Saussure se ocupava de mitologia germânica, apaixonou-se também por pesquisas singulares [...] Os cadernos e os quadros em que ele consignou os resultados dessa longa e estéril investigação formam a parte mais considerável dos manuscritos que ele deixou”. (*Cahiers*, nº 17 (1960), p. 6)

⁷² Outros estudos, como Harris (2001) Pétróff (2004) e Quijano (2006) poderiam figurar nesse subtópico, porém, o conjunto de autores aqui delimitados fornece dados para uma discussão satisfatória para essa parte. Por exemplo, no trabalho de Harris (2001), cujo título – *Saussure e seus intérpretes* – poderia fornecer possíveis apontamentos entre ambas as produções saussurianas, poética e linguística, não há menção aos trabalhos de Saussure no campo da poética. Esse silêncio em Harris (2001) sobre os anagramas de Saussure pode ser correlato ao silêncio a que o próprio Saussure procedeu com relação a tais pesquisas nas aulas de linguística geral, conforme menciona Calvet (1975). Entretanto, por fugir ao objetivo dessa dissertação, restringimo-nos a apenas a pontuar essas questões.

É interessante pensar como o parecer de Godel, em 1960, era pouco animador em relação ao conjunto de cadernos de Saussure sobre os anagramas. Se, por um lado, isso reflete a importância que as notas e fontes inéditas do *Curso de Linguística Geral* despertavam no seio linguístico, por outro ofusca a produção de Saussure no campo da poesia. De fato, o próprio CLG estava no auge, considerando o percurso que a edição teve na década de 1960, não somente na França, mas em suas diversas traduções, como para o inglês, polonês, húngaro e italiano.

Assim, o interesse pelos manuscritos sobre linguística e pelas notas de aulas dos alunos de Saussure encobriam a importância dos cadernos sobre os anagramas, colocando estes últimos nesse lugar de exceção, conforme Silveira (2007). Dava-se, então, preeminência ao debate acadêmico em torno do ‘Saussure do CLG’ em contraste com o ‘Saussure dos manuscritos’, tal como seria retratado mais tarde por Calvet (1975). Isso posto, os cadernos sobre os anagramas teriam que esperar até as publicações de Jean Starobinski, a partir de 1964, e, principalmente, após sua obra *As palavras sob as palavras – Os anagramas de Ferdinand de Saussure* (1971), promovendo um novo olhar para o pensamento saussuriano, talvez como uma segunda revolução (cf. Aron, 1970) ou, sob a nova nomeação, de ‘Saussure dos anagramas’.

No livro *Saussure, une science de la langue*, Gadet (1987, p. 6) menciona, já no primeiro capítulo, que, diante do “simples nome de Saussure, os linguistas se dividem em partidários e opositores”⁷³. Dentre os diversos partidos aliados e opositores, há espaço para os

Adversaires encore, ceux qui vont opposer, au Saussure du *CLG*, l’autre Saussure, celui qui avait des préoccupations de poétique. Ces oppositions, et la violence que les as souvent accompagnées, laissent entendre que le *CLG* continue à constituer un enjeu: peut-on dire, et en quel sens, que c’est avec lui que commence la linguistique moderne? (GADET, 1987, p. 6)⁷⁴

Esses apontamentos preliminares de Gadet propõem uma reflexão sobre o paradoxo⁷⁵ em que se instaurou a linguística moderna: de um lado, o *Curso de*

⁷³ Tradução nossa de: “Le seul nom de Saussure divise les linguistes en partisans et adversaires”.

⁷⁴ Tradução nossa: “Adversários ainda, aqueles que vão opor, ao Saussure do *CLG*, o outro Saussure, o que tinha preocupações acerca da poética. Essas oposições, e a violência que as acompanhou frequentemente, deixam entender que o *CLG* continua a constituir uma questão: pode-se dizer, e em que sentido, que é com ele que começa a linguística moderna?”.

⁷⁵ Entretanto, esse paradoxo que se fez presente na instauração da linguística moderna é intrínseco ao pensamento de Saussure. Se considerarmos Saussure como neogramático em 1891⁷⁵, é fato que já nessa época ele se questionava qual deveria ser o objeto da linguística e, para tal, buscava diferenciar os estudos das línguas no universo da linguagem. Nesse sentido, a divisão interna da linguística, nomeada por Saussure de linguística estática e linguística evolutiva a partir de 1907, já despontava em seu pensamento quase duas décadas antes. Essa divisão teórica reflete,

Linguística Geral, editado após a morte de Saussure por Bally e Sechehaye, constitui-se como uma obra indiscutível para os estudos sobre língua e linguagem no século XX; por outro, as elaborações no campo da poética, além de serem consideradas marginais, parecem contradizer as noções linguísticas veiculadas no CLG.

A partir desse ponto dicotômico, Gadet (1987, p. 7) se interroga: “Qu’y a-t-il alors d’essentiel chez Saussure, qui transcende telle ou telle pratique linguistique?”⁷⁶. De acordo com Gadet (1987), a construção teórica de Saussure sobre a língua produziu um “[...] effet de déconstruction du sujet psychologique libre et conscient qui régnait dans la réflexion de la philosophie et des sciences humaines naissantes, à la fin du XIXe siècle.”⁷⁷

Esse efeito de desconstrução pode ser compreendido a partir de uma mudança de paradigma.⁷⁸ Diferentemente de Saussure, os comparativistas não haviam refletido sobre a possibilidade de se pensar a língua enquanto sistema de valores, independente em si da vontade individual do falante. Assim, essa transcendência linguística saussuriana, apontada por Gadet (1987), pautou-se na construção de um novo saber sobre a língua⁷⁹. O efeito Saussure, enquanto pensamento dicotômico, não apenas teve como mérito a delimitação da língua como objeto da linguística, mas também permitiu aos linguistas futuros a possibilidade de investigar questões não trabalhadas pelo próprio pai da linguística, como a noção de fala em si.

A questão é: esse novo paradigma sobre a língua (que abriu discussões para conceitos não trabalhados) fundamenta-se apenas nas aulas de linguística geral, que deram origem ao CLG, nos manuscritos sobre linguística, ou também nas centenas de cadernos dedicados à poesia greco-latina?⁸⁰

em certa medida, o pensamento dicotômico saussuriano durante os últimos anos de vida: entre 1906 e 1911, Saussure leciona estudos linguísticos na Universidade de Genebra e, ao mesmo tempo, pesquisa no campo da poética.

⁷⁶ Tradução nossa: “O que há então de essencial em Saussure, que transcende esta ou aquela prática linguística?”.

⁷⁷ Tradução nossa: “[...] efeito de desconstrução do sujeito psicológico livre e consciente que reinava na reflexão da filosofia e das ciências humanas nascentes, no fim do século XIX”.

⁷⁸ A noção de paradigma inscreve-se na perspectiva de Kuhn (1978), em que o percurso de uma ciência é mais do que simplesmente um acúmulo de descobertas e invenções pessoais. Nesse sentido, todo paradigma deve ser abordado não apenas em um viés de comparação, por exemplo, entre um determinado estágio científico e outro, mas sim inserido no momento histórico em que ocorre. Em outras palavras, o paradigma é olhado a partir de suas semelhanças e diferenças com relação ao grupo científico em que se inscreve. Para Kuhn (1978, p. 30), um paradigma científico se sustenta a partir de duas características, em que “Suas realizações foram suficientemente sem precedentes para atrair um grupo duradouro de partidários, afastando-os de outras formas de atividade científica dissimilares. Simultaneamente, suas realizações eram suficientemente abertas para deixar toda a espécie de problemas para serem resolvidos pelo grupo redefinido de praticantes da ciência.”

⁷⁹ O novo saber, em Saussure, é sustentado, a partir do princípio da arbitrariedade, pelo qual se pode dizer que a língua não é uma nomenclatura (SAUSSURE, 1970, p. 79); além disso, esse novo saber sobre a língua é sustentado pelo fato de esta ser um sistema de unidades (signos) cujos valores são dados pelas relações e posições dessas unidades, e não mais pela positividade que o signo poderia ter, ao representar um determinado objeto da realidade. Esse novo saber, portanto, está na contramão das teorias linguísticas pré-saussurianas (neogramáticos, gramática de Port-Royal, pensamento grego, etc.), que viam a língua como um reflexo do pensamento.

⁸⁰ Questão essa que nos remete ao Capítulo Três.

Seguindo por essa via instituída por Saussure, entre a desconstrução do falante ‘senhor’ de sua fala e a construção de um novo saber, o da língua enquanto fato social, Gadet (1987) traz, no último capítulo de seu livro, intitulado *Le jeu du signifiant*, algumas pontuações sobre a produção saussuriana no campo da poesia. Num primeiro momento, essa autora retoma a dicotomia CLG e anagramas⁸¹, expressando que

L’expression de la distinction entre *CLG* et *Anagrammes* à travers de la métaphore du jour et de la nuit laisse entendre que ceux-ci n’ont rien de commun avec le *CLG* (c’est le jour e la nuit). Le fait est qu’il est un seul concept pour apparaître dans les deux problématiques: la linéarité, qui est posée dans le *CLG*, et récusée par les *Anagrammes*, comme on le voit dans l’exemple Scipio. (GADET, 1987, p. 113)⁸²

Embora Gadet (1987) apresente essa metáfora do dia e da noite, aplicada a uma aparente oposição entre o CLG e os anagramas, seu objetivo nesse momento é mostrar que os anagramas constituem um ponto de interrogação para Saussure, enquanto linguísta. Esse ponto de interrogação é dado pelo fato de que o princípio da linearidade, teorizado no CLG, é rompido nos anagramas. O rompimento do princípio da linearidade conduz Gadet (1987) a observar que a teoria dos anagramas comporta uma interrogação sobre a língua, interrogação essa que é também notada no CLG⁸³. Nas palavras dessa autora,

On peut penser que le raisonnement a pris pour Saussure la forme suivante: si les anagrammes ne sont pas voulus, ce que leur abondance même tend à étayer, alors il faut reconnaître, en dehors de la langue comme pure forme, une matérialité au signifiant, un poids à la substance. C’est entrevoir un infini à la langue, le fait que tout n’y est pas homogène, que le signe n’est pas transparent, que le sujet n’est pas maître de la langue [...] (GADET, 1987, p. 114)⁸⁴

⁸¹ Conhecida como ‘dicotomia fácil’, a metáfora da noite (anagramas) e do dia (CLG) também é mencionada em outro trabalho, (cf. GADET, 1981/2004); Para Gadet, as produções de Saussure não devem ser abordadas num viés maniqueísta, porém podem ser correlacionadas a partir da própria teoria do valor. Esse posicionamento, portanto, será abordado no capítulo 3, em que trato da teoria do valor na relação com os anagramas.

⁸² Tradução nossa: “A expressão da distinção entre *CLG* e *Anagramas* por meio da metáfora do dia e da noite deixa entender que estes não têm nada em comum com o *CLG* (é o dia e a noite). O fato é que ele é um único conceito a aparecer nas duas problemáticas: a linearidade, que é colocada no *CLG*, é recusada pelos *Anagramas*, como se vê no exemplo Scipio”.

⁸³ Conforme Gadet (1987), há uma espécie de contradição entre o primeiro Curso (1907) e o terceiro Curso (1910-1911), em que o pensamento saussuriano parece divergir entre questões teóricas sobre analogia, etimologia e o mecanismo da língua (principalmente o mecanismo de associação). Por fugir a meu objetivo, ater-me-ei apenas aos comentários da autora que são pertinentes à produção de Saussure sobre os anagramas.

⁸⁴ Tradução nossa: “Pode-se pensar que o raciocínio tomou, para Saussure, a seguinte forma: se os anagramas não são desejados, o que a sua própria abundância tende a sustentar, então é preciso reconhecer, fora da língua como pura forma, uma materialidade ao significante, um peso à substância. É entrever um infinito na língua, o fato de que nem tudo ali é homogêneo, que o signo não é transparente, que o sujeito não é o dono da língua [...]”.

A hipótese de Gadet (1987) indica que os anagramas engendram uma questão que está além do aspecto formal da língua. Embora essa autora correlacione os anagramas ao mecanismo associativo da língua, sinaliza também que a proliferação dos anagramas nos poemas está relacionada ao excesso de ‘materialidade’ do significante, sendo este tomado no âmbito da substância fônica. Essas duas possibilidades, uma vez imbricadas, tornam-se, nas palavras de Gadet (1987), um jogo de puro significante.

Tomado sob esse prisma de substancialidade, a visão de Gadet coloca em oposição os anagramas à máxima do CLG, quando trata sobre o conceito de língua, segundo a qual esta é “[...] uma forma, e não substância.” (GADET, 1987, p. 131). Essa breve menção de Gadet aos anagramas confirma o quanto essa produção saussuriana levanta questões no âmbito da linguagem. Entretanto, estaria o pensamento saussuriano, ao pensar no jogo dos significantes (que opera no mecanismo associativo), voltado para a questão dos fonemas hipogramáticos enquanto substância? Se Saussure não esclarece essa questão nos anagramas, como ela poderia ser resolvida? Como veremos, embora seja possível relacionar a proliferação dos anagramas ao mecanismo associativo dos significantes, associar a noção de substância a essa proliferação se torna incompatível com a perspectiva de língua em Saussure⁸⁵.

Para além dessa dualidade, forma e substância, a questão observada por Gadet (1987) em relação ao jogo do significante nos anagramas e conseqüente correlação ao mecanismo de associação leva à reflexão sobre a proximidade de ambas produções saussurianas. Embora essa questão venha a ser tratada, mais especificamente, no tópico *O princípio da arbitrariedade no fato anagramático* (3.3), adianto que a possibilidade infinita de elaboração anagramática pode ser entrevista na seguinte passagem do CLG: “Uma palavra qualquer, pode sempre evocar tudo quanto seja suscetível de ser-lhe associado de uma maneira ou de outra” (SAUSSURE, 1970, p. 146).

Também Normand⁸⁶ (2000), deixa entrever uma possível relação entre o mecanismo de associação, dado por Saussure no terceiro Curso, e a produção de

⁸⁵ A problemática de forma e substância nos anagramas é levantada por Wunderli (2004) e é abordada no capítulo 3 dessa dissertação. Contudo, focalizo somente a noção de forma no pensamento saussuriano, ligada à teoria da língua enquanto sistema de pura diferença, de modo que o conceito de substância, excluído por Saussure, não é discutido nessa dissertação, por fugir a seu objetivo.

⁸⁶ Há outros trabalhos de Normand (1992; 2009) que poderiam figurar nesse tópico. Entretanto, escolhi o trabalho de 2000, *Saussure*, por ser mais adequado ao objetivo desse tópico. Além disso, se fosse o caso de abordar, por exemplo, o trabalho de Normand (1992) que se trata de uma apresentação do trabalho *La coupure saussurienne*, no Colóquio em Ceresy La Salle sob o tema é *Saussure Aujourd’hui*, seria necessário apresentar todos os outros 29 trabalhos desse Colóquio que fazem referência a Saussure, mas que não abordam questão alguma sobre os anagramas. Reitero, porém, que, dentre os trinta e três trabalhos apresentados, apenas três abordaram a produção de Saussure sobre os anagramas. Do mesmo modo, é possível referir ao colóquio de 1988, em Geneva, com o tema *Présence de Saussure*, em que, das 14 apresentações, três abordaram questões sobre os anagramas de Saussure.

Saussure sobre os anagramas. A questão da associação de significantes é tomada sob um viés psicanalítico, ou seja,

[...] tout ce qui dépend d'un sujet dans la singularité de ses associations échappe à l'analyse [...] Ces associations contingentes et particulières, apparaissant ou non à la conscience, nous savons puis Freud, qui les appelle "livres" [...] (NORMAND, 2000, p. 155)⁸⁷

Nessa mesma perspectiva, a associação dos elementos hipogramáticos leva à proliferação dos anagramas presente em qualquer texto que se analise. Assim, a questão teórica do mecanismo de associação está presente, como ponto comum entre Gadet (1987) e Normand (2004), em breves menções sobre a produção de Saussure no campo da poética. Entretanto, ao contrário de Gadet (1987), a perspectiva de Normand (2004) quanto à proliferação dos anagramas é vista sob a noção de língua enquanto forma, enquanto sistema que evoca elementos diferenciais para uma possível recomposição/associação com outros elementos desse sistema.

Bouquet (1997; 2002; 2009), expoente leitor de Saussure na atualidade, tanto a partir de sua obra introdutória à leitura de Saussure quanto pela publicação dos manuscritos sobre linguística geral (conhecido como *ELG – Escritos de Linguística Geral*), traz apontamentos breves em torno da produção saussuriana sobre os anagramas. No livro *Introdução à leitura de Saussure*, de 1997, a primeira consideração de Bouquet sobre os anagramas visa traçar o perfil de Saussure enquanto um 'contemplador solitário' em suas pesquisas. Bouquet (1997) vê nessa contemplação solitária uma oposição à expressividade que o *Curso de Linguística Geral* outorgou à Saussure.

Para Bouquet (1997), essa contemplação solitária também é sentida pelo fato de Saussure nunca ter escrito algo visando uma publicação; assim foi com o *Mémoire* (1878) ou com outros artigos publicados durante seu percurso acadêmico. Ao contrário disso, Bouquet (1997, p. 63) expressa "Porque o autor de *Mémoire*, que não é propriamente um autor, é um ávido decifrador de enigmas". À essa avidez, acrescenta-se o fato de Saussure ser, de acordo com Bouquet (*op. cit.*), um *solitário em sua mesa de trabalho*, produzindo estudos

⁸⁷ Tradução nossa: "[...] tudo o que depende de um sujeito na singularidade de suas associações escapa à análise [...] Essas associações contingentes e particulares, aparecem ou não na consciência, sabemos após Freud, que as chama "livres" [...]".

[...] sobre as lendas germânicas do *Nibelungenlied* – que prefiguram, em certos aspectos, a *Morphologie du conte* de Propp ou o estruturalismo mitográfico de Dumézil – e uma longa exploração, de certa forma fracassada, cujo objetivo era recuperar os “hipogramas” (as palavras sob as palavras, segundo a expressão de Jean Starobinski) na poesia latina (BOUQUET, 1997, p. 63).

Entretanto, mesmo considerando essa exploração de Saussure como fracassada, Bouquet (1997) retorna – no último capítulo, intitulado *Horizontes epistemológicos da semântica saussuriana* – à produção de Saussure sobre a poesia latina. Nesse retorno, Bouquet discute questões referentes à formalização da sintaxe e do léxico a partir de uma entrevista de Saussure com Riedlinger (19 de janeiro de 1909), e à noção de ‘sistema de geometria’⁸⁸.

Partindo dessa noção geral de sistema geométrico, Bouquet (1997) expõe, num primeiro momento, a relação entre a formalização sintática (no sentido dos estudos sobre a sintaxe das línguas) e a formalização lexical (estudos dos léxicos linguísticos). Após isso, propõe uma terceira formalização, objetivando compreender o aspecto de *deformabilidade* que a língua, embora, para explicar essa deformabilidade, Bouquet (1997, p. 295), afirme que:

Toda língua é suscetível de deformação – e isso é justificado por um fato mínimo: toda língua é capaz de poesia. Se toda língua é capaz de poesia, a noção de “poético” pode ser entendida como algo que constitui – ou pertence a – uma função específica da linguagem. Podemos definir a função específica que se confunde com – ou engloba – a função “poética” como a da “deformabilidade” do sentido lexical ou proposicional.

A essa função poética, Bouquet (1997) dá o nome de *apo-linguística*⁸⁹, remetendo à desestabilização que todo sistema linguístico é passível de sofrer, em oposição ao termo *endo-linguístico*, que remete à estabilização do sistema no plano sincrônico (língua num estado de tempo) e no semântico (um dicionário, por exemplo). De um modo geral, a relação apo-linguística e a endo-linguística estão vinculadas à seguinte hipótese:

Se a língua é, no plano semântico, um sistema formal algébrico, esse sistema é, por natureza, suscetível de deformação; as deformações

⁸⁸ Considero importante essa questão sobre a geometria no pensamento saussuriano e, penso que ela merece ser discutida a parte, por sua própria relevância e densidade, em um projeto que envolva uma análise dos aspectos algébricos que há na produção saussuriana, desde o *Mémoire* (1878) até chegar ao Curso de Linguística Geral (1916). Diante disso, faço apenas menção dessa questão com breves pontuações.

⁸⁹ Trata-se aqui de um neologismo criado por Bouquet (1997, p. 295).

virtuais desse sistema participam de sua estrutura formal, e o próprio sistema dessas deformações é algébrico. (BOUQUET, 1997, p. 295).

Para Bouquet (1997), os anagramas de Saussure se inserem na deformação criada pela relação entre o significado de um sintagma e um objeto fonológico. Nesse sentido, esse autor (*op. cit.*, p. 298) toma a seguinte análise de Saussure feita no verso do poema de Ângelo Policiano:

Artifices potui digitis animare colores

P – I		C
I C	IgT	OR,

No exemplo acima, Saussure retira do verso do poema os fonemas que recompõem o hipograma *Pictor*. De acordo com Bouquet (1997), a forma que se extrai desse verso, *pictor*, pode ser formalizada a partir de aspectos apo-linguísticos, como a aliteração explícita em cada palavra do sintagma. Além disso, esse aspecto é “[...] acentuado por uma posição canônica de fim de verso” (p. 298), que se pode notar na relação entre o hipograma *pictor* (pintor) e o último signo do sintagma, *colores*.

Entretanto, se nessa relação é possível reconstituir o signo *pictor*, Bouquet (1997, p. 299) reitera que

[...] a revelação de *pictor* por Saussure pode ter apenas a especificidade de uma leitura ingênua, focalizada nos títulos (ou, por outro lado, nos nomes próprios) – pode até ser possível construir outros manequins para esse mesmo verso e descobrir neles efeitos de sentido: *amor, apud, dolor, domo, igni-, mortis*, etc. –; tudo isso não impede que a literalização e a formalização consideradas aqui, estágio infinitamente mais sofisticado que os das categorias de deformação precedentes, permaneçam, mesmo que não correspondam às hipóteses do pesquisador de anagramas, teoricamente pertinentes [...].

Nesse sentido, a possibilidade de anagrama é uma realidade algébrica da própria língua, mesmo que essa possibilidade tenha um aspecto ingênuo. Na realidade, essa possibilidade anagramática não tem nada de ingênuo, pois é, antes, uma operação entre as forças que estão em jogo na relação entre a língua (enquanto sistema, enquanto possibilidade de relações) e o próprio discurso. O discurso, para Bouquet (1997) opera no campo que ele denomina de dispersão (forças centrífugas), enquanto a língua

(compreendida aqui enquanto o repertório lexical e sintático) tende ao equilíbrio (forças centrípetas), tende à continuidade dos elementos de um conjunto⁹⁰.

Assim, o conceito de *deformabilidadidade* proposto por Bouquet (1997) é condizente com a hipótese de que a deformação poética presente na produção saussuriana sobre os anagramas pode ser matematizável (algébrico), formalizada por processos, conceitos e relações. No caso dessa produção saussuriana, a matematização ocorre não somente pelo termo hipograma, mas por outros, como a lei do dífono, a lei do manequim, etc.

É importante ressaltar que, para Bouquet (1997), embora algébrico, o fato poético é em si mesmo uma deformação, que ultrapassa o campo da formalização da linguística. Talvez seja esse um dos motivos para que a dicotomia ‘Saussure dos anagramas’ e ‘Saussure do CLG’ se apresente, com tanta força, nos estudos da linguagem: o fato poético, embora matematizável, pode não parecer, para alguns estudiosos, como possibilidade de ser abordada num viés estritamente linguístico e sim poético.

Assim, embora nesse trabalho, Bouquet (1997) aprecie a produção sobre anagramas numa relação com o pensamento semântico saussuriano, essa apreciação parece situar mais como um exemplo e não como uma condição *sine qua non* para relacionar o trabalho de Saussure sobre os anagramas ao seu percurso como linguista⁹¹. Mesmo que Bouquet (1997) faça algumas incursões que aproximem o estudo de Saussure sobre a poesia aos estudos sobre a língua, por se tratar de um trabalho de ‘introdução à leitura de Saussure’, a ênfase de Bouquet nesse livro é o pensamento saussuriano a partir do CLG.

Não se percebe, portanto, que o trabalho de Bouquet (1997), de caráter introdutório, busque uma discussão aprofundada ou que aborde, com maior pertinência, o percurso de Saussure sobre os anagramas como um percurso análogo ao percurso linguístico. Apesar disto, trata-se de um trabalho em que se nota uma possível indicação de que a linguística tem encontrado o “Saussure dos anagramas”.

⁹⁰ A relação que Bouquet (1997) apresenta remete-nos aos conceitos de mutabilidade e imutabilidade propostas por Saussure no CLG. A língua, sendo um sistema de signos que escapa à vontade dos falantes, também possui *um caráter de fixidez*, exprime Saussure (1970, p. 88). Por outro lado, de minuto a minuto, há uma relação de deslocamento entre o significado e o significante, o que, para Saussure, “É uma das consequências da arbitrariedade do signo” (SAUSSURE, 1970, p. 90). Além desse fator, outro ponto que permite a mudança é a própria circulação entre os falantes, que promove a mutabilidade, ou, para usar o termo de Bouquet (1997), a dispersão que opera entre o significado e o significante.

⁹¹ Entretanto, Bouquet (1997), após essas considerações sobre a deformação poética, faz uma breve indicação de que o início da teoria do valor em Saussure coincide com o término das pesquisas desse linguista sobre a poesia greco-latina. Não irei me deter nessa breve passagem de Bouquet (1997) nesse momento, visto que tratarei da relação entre a teoria do valor e os anagramas no capítulo 3.

Ao contrário do livro de 1997, o trabalho de Bouquet de 2002, em conjunto com Rudolf Engler, intitulado de *Escritos de Linguística Geral*, está limitado somente à produção de Saussure na linguística, não havendo manuscrito sobre os anagramas. Nesse trabalho foram editados e organizados os novos manuscritos, descobertos em 1996, como também antigos documentos, já figurados na edição de Engler (1968 – 1974).

Embora não haja menção aos manuscritos de Saussure sobre os anagramas nessa edição de Bouquet (2002), há, um manuscrito do novo acervo BPU⁹² - 1996, intitulado ‘Nota sobre o discurso’, que já havia comparecido na obra de Jean Starobinski (1974). Transcrevo o conteúdo desse manuscrito de Saussure:

A língua só é criada em vista do discurso, mas o que separa o discurso da língua ou o que, em dado momento, permite dizer que a língua entra *em ação como discurso?*

Os vários conceitos estão ali, prontos na língua (ou seja, revestidos de uma forma linguística), como *boeuf, lac, ciel, fort, rouge, tristge, cinq, feudre, voir*. Em que momento ou em virtude de que operação, de que *jogo* que se estabelece entre eles, de que condições, esses conceitos formarão o DISCURSO?

A sequência dessas palavras, por mais rica que seja, pelas ideias que evoca, indicará apenas, para um indivíduo humano, que um outro indivíduo, ao pronunciá-las, quer lhe comunicar alguma coisa. O que é preciso para que tenhamos a ideia de que se quer comunicar alguma coisa usando termos que estão disponíveis na língua? É uma questão igual à de saber o que é o *discurso*, sendo que, à primeira vista, a resposta é simples: o discurso consiste, quer seja de maneira rudimentar e por vias que ignoramos, em afirmar uma ligação entre dois dos conceitos que se apresentam revestidos da forma linguística, enquanto a língua realiza, anteriormente, conceitos isolados, que esperam ser postos em relação entre si para que haja significação do pensamento. (*apud* BOUQUET, 2002, p. 237)

Para além do fato de haver algum equívoco quanto ao tratamento dado a esse manuscrito, qual seja, o de ser catalogado como ‘novo acervo BPU - 1996’ embora tendo comparecido em obra anterior, o manuscrito ‘Nota sobre o discurso’ figura, estrategicamente, na obra de Starobinski (1974), como um manuscrito congruente aos cadernos sobre os anagramas.

De fato, Starobinski (1974) aponta que esse manuscrito ‘Nota sobre o discurso’ está inserido na catalogação feita por Robert Godel⁹³, registrado sobre a sigla *Ms. fr. 3961*, que compreende os cadernos dedicados à métrica védica. Além de estar catalogado, conforme Starobinski (1974), nos cadernos dedicados à métrica védica, esse

⁹² BPU: Biblioteca Publica e Universitária de Genebra.

⁹³ Essa catalogação foi publicada nos *Cahiers Ferdinand de Saussure*, nº 17 (SALUM, 1970, p. XIX)

texto aparece logo no início do livro de Starobinski, como uma espécie de ponte entre o pensamento saussuriano no campo da linguística e outras produções, como as lendas e os anagramas. Assim, de acordo com Starobinski (1974, p. 13), *A passagem dos “conceitos isolados” ao discurso não é apenas interessante em si mesma: é o modelo que permite compreender outras atualizações.* (grifo do autor).⁹⁴

Assim, o livro de Bouquet (2002) é, de fato, isento de qualquer menção sobre a produção saussuriana no campo da poesia. Entretanto, esse livro faz uma ligação indireta ao livro de Jean Starobinski (1974) a partir do manuscrito intitulado ‘Nota sobre o discurso’. Sendo tomado por Starobinski como um manuscrito integrante das análises de Saussure no campo das lendas e da poesia greco-latina, é retomado por outros autores, como Lopes (1993), que reatualiza as considerações sobre esse manuscrito em relação à produção de Saussure sobre os anagramas.

Na esteira desse percurso de ecos esparsos, em um artigo recente de Bouquet (2009), intitulado *De um pseudo-Saussure aos textos saussurianos originais*⁹⁵, novamente a produção de Saussure sobre os anagramas é considerada marginal. Nesse artigo, há apenas uma menção aos anagramas, que transcrevemos a seguir:

Se Regard é o único ouvinte linguista das lições de Linguística Geral, e se, dentre seus contemporâneos, Meillet é provavelmente o linguista de quem Saussure sente-se intelectualmente mais próximo – é a ele unicamente que Saussure confiaria sua pesquisa sobre os anagramas, – um terceiro protagonista digno de fé é ainda mais radical, mas ele terá precisado esperar os últimos anos do século XX para que seu testemunho fosse publicado. Trata-se de Albert Riedlinger, com o qual Bally e Secheyne, que não assistiram às lições, co-assinam o livro de 1916 (BOUQUET, 2009, 164).

O que está em jogo nesse trecho é apenas uma analogia, bastante simplista, entre o percurso do *Curso de Linguística Geral* e a produção de Saussure sobre os anagramas. Tal como Meillet, confidente e censor das pesquisas saussurianas sobre os anagramas – as cartas Saussure-Meillet são provas indiscutíveis para compreender essa produção –, o testemunho de Albert Riedlinger, a partir de uma carta que escreve a Léopold Gautier, em 1957, é importante para compreender o percurso editorial do CLG.

⁹⁴ A estratégia de Starobinski (1974) em situar esse manuscrito logo no início de sua obra refletiu-se no estudo de Lopes (1993), ao trabalhar a intertextualidade na teoria de Saussure sobre os anagramas. Lopes, então, a partir desse manuscrito de Saussure sobre o discurso, atualiza a ligação entre língua e discurso, apontando a diferença entre o signo construído na língua e o signo em construção no discurso. A abordagem de Lopes (1993) será estudada no tópico ‘rumos diferentes’ deste capítulo.

⁹⁵ Podemos considerar esse título como associado ao trabalho de Calvet (1975), ‘Por e contra Saussure’, em que se coloca uma discussão entre a ‘imagem de Saussure’ (pseudo-Saussure) fabricada pelos editores do CLG, e o ‘homem Saussure’ (textos originais), ou seja, aquele que manuscreeu diversos cadernos sobre os anagramas.

Assim, somente a produção de Bouquet de 1997 traz uma maior contribuição para compreender a produção de Saussure sobre os anagramas. As demais são quase irrelevantes para esse objetivo. De fato, embora expoente leitor de Saussure, autor preocupado com o destino dos manuscritos de Saussure no campo da linguística, a fim de compensar o que se imagina faltar no CLG, Bouquet (1997; 2002; 2009) traz poucas contribuições para pensar os anagramas de Saussure como um campo de saber sobre a língua.

O trabalho de Depecker (2009), cujo título *Comprendre Saussure d'après les manuscrits*⁹⁶ traz, já na contracapa do livro, três apontamentos que nos permitem tecer algumas reflexões a respeito da produção saussuriana sobre os anagramas:

- 1º. “Ferdinand de Saussure (1857-1913) fonde la linguistique moderne [...] Mais qu'en est-il exactement?”
- 2º. “Comment Saussure a-t-il conçu sa theorie linguistique?”
- 3º. “[...] Et c'est, à bien de égards, un nouveau Saussure que l'auteur de ce livre nous fait découvrir.”⁹⁷

O primeiro apontamento, que é propriamente uma questão importante, *quem é Saussure?* é uma pergunta que pressupõe um estudo complexo do pensamento teórico desse linguísta. A fim de compreendê-lo, principalmente ‘após os manuscritos’ é vital considerar até que ponto é possível ‘compreender’ Saussure.

Assim, a pergunta *quem é Saussure?*, pertinente para qualquer pesquisador do movimento de fundação a linguística, está condicionada ao segundo apontamento, “Comment Saussure a-t-il conçu sa theorie linguistique?”⁹⁸. Como Saussure concebeu sua própria teoria linguística, requer que o pesquisador de Saussure esteja consciente dos diversos ângulos a serem considerados nessa teorização: seu percurso como neogramático, como comparativista, como linguísta histórico, como pesquisador de lendas e mitos, como pesquisador da poesia greco-latina, enfim, uma série de percursos que refletem facetas diversas de um mesmo pesquisador.⁹⁹

⁹⁶ Tradução nossa: “*Compreender Saussure a partir dos manuscritos*”.

⁹⁷ Tradução nossa: “1º. ‘Ferdinand de Saussure (1857-1913) funda a linguística moderna [...] Mas o que é isso exatamente?’ ; 2º. ‘Como Saussure concebeu sua teoria linguística?’; 3º ‘[...] E é, sob muitos pontos de vista, um novo Saussure que o autor deste livro nos faz descobrir’”.

⁹⁸ Tradução nossa: “Como Saussure concebeu sua teoria linguística?”.

⁹⁹ Almejar ‘descobrir’ um ‘outro’ Saussure (se é que existe) pode ser uma tarefa irrealizável. O trabalho de Silveira (2007) fornece pistas para encarmos certa impossibilidade de encontrar o ‘verdadeiro Saussure’, mesmo em seus manuscritos. De fato, essa busca é cercada por uma série de obstáculos que se encontram nesses manuscritos: inúmeras rasuras, espaços em branco, reelaborações, folhas esparsas, ordem de compilação dos manuscritos dúbia etc. Para Silveira (2007, p. 29), embora seja inegável o fato de o CLG refletir o pensamento de Saussure, “[...] o que se perde são os laços internos desse pensamento”. Sendo assim, por mais que o pesquisador intente, após os manuscritos publicados em fins do século XX, os laços perdidos no CLG não são *nada fáceis de recuperar*, expressa Silveira (*op. cit.*).

Entretanto, a empreitada de Depecker (2009) em ‘compreender Saussure, após os manuscritos’ é pautada numa escolha teórica, sob o título de *Sélection des manuscrits*. Essa escolha teórica é introduzida pela seguinte consideração:

Parmi les milliers de feuillets manuscrits de Saussure, il a fallu faire des choix. Ont été privilégiés ici les principaux éléments susceptibles de restituer l'évolution de la pensée de Saussure et de servir à la réflexion sur linguistique d'aujourd'hui. Ainsi, nous avons été amené à ne parler que très peu des manuscrits de phonétique ou de la somme des feuillets portant sur la recherche des anagrammes dans la poésie, ou Saussure s'est ingénié à découvrir l'inscription de noms cryptés dans les corps de poèmes anciens.

Ce sont principalement les manuscrits portant sur des questions de linguistique générale que sont ici évoqués [...] (DEPECKER, 2009, p. 3)¹⁰⁰

A exclusão de todo o percurso saussuriano que inclua as pesquisas sobre as lendas germânicas e sobre os anagramas na poesia é evidente. O que estaria em jogo, então, sob o título ‘*Compreendendo Saussure [...]*’? O fato de fazer uma escolha é academicamente aceito, e até preciso, pois não se discute a heterogeneidade do pensamento saussuriano. Mas, o fato de excluir, por exemplo, as pesquisas de Saussure sobre os anagramas, como uma produção que não trate de linguística, não seria uma escolha não produtora nessa empreitada? A produção saussuriana sobre os anagramas não lançaria luz para compreender a evolução do pensamento saussuriano e serviria como reflexão acerca da linguística na atualidade, principalmente no que tange a sua fundação?

Assim, na introdução desse livro de Depecker, denominada *Un autre Saussure*¹⁰¹, há somente uma passagem sobre as pesquisas de Saussure no campo da poética:

S'ajoutent à cela plusieurs lettres de Saussure à ses correspondants. Elles illustrent, de façon saisissante, le cheminement des recherches de Saussure et leur climat psychologique: la lassitude, l'incompréhension dont il fait l'objet, son << épistolophobie >>, ne sont pas à négliger pour saisir certains traits de sa pensée. Outre qu'il traite abondamment, dans ses lettres, de questions d'indo-européen, il évoque aussi la préoccupation qu'il a de dégager les principes d'une linguistique générale (1894 sq). Il écrit à Antoine Meillet: << il n'y a pas un seul terme employé en linguistique auquel j'accorde un sens

¹⁰⁰ Tradução nossa: “Dentre as milhares de folhas manuscritas de Saussure, foi preciso fazer escolhas. Foram privilegiados aqui os principais elementos suscetíveis de restituir a evolução do pensamento de Saussure e de servir para a reflexão sobre a linguística de hoje. Assim, fomos levados a falar muito pouco dos manuscritos sobre fonética ou das folhas que tratam da pesquisa dos anagramas na poesia, em que Saussure procurou descobrir a inscrição de nomes criptografados nos corpos de poemas antigos. São, principalmente, os manuscritos tratando de questões de linguística geral que são aqui evocados [...]”.

¹⁰¹ Tradução nossa: Um outro Saussure.

quelconque >> (4 janvier 1894, *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n° 21, p. 95). On trouve également dans ses lettres des développements sur l'anagramme homérique ou les vers saturnien (1903 sq.). Des ces études sur les anagrammes, qui courent sur plusieurs milliers de feuillets et où Saussure s'épuiserá, il ne sortira qu'un doute généralisé sur la démarche (Starobinski, 1971). (DEPECKER, 2009, p. 12)¹⁰²

Embora esta seja a única passagem no trabalho de Depecker, ele sinaliza a relevância das correspondências de Saussure, que abarcam dois aspectos de suas pesquisas no campo da linguagem: a) o percurso de desenvolvimento das ideias e b) o 'clima psicológico' em que Saussure se encontrava ao abordar temas como lendas, poesia greco-latinas etc. Contudo, mesmo que essa passagem traga esses dois aspectos, de um modo geral, no trabalho de Depecker (2009) os anagramas são tomados como estudos marginais na obra de Saussure e que não espelham seu pensamento linguístico.

O título desse trabalho de Depecker (2009), *Compreender Saussure*, parece encerrar algo joyciano. Embora não fosse pretensão de Saussure que os universitários ocupassem dele por trezentos anos¹⁰³, como foi no caso de James Joyce, o fato é que há uma busca em compreender Saussure que perdura quase um século. Essa busca ocorre por três vias: a do CLG, a das fontes manuscritas e a dos cadernos dos alunos de Saussure. Entretanto, essas vias se entrecruzam, não sem barreiras, tais como as encontradas nos manuscritos, como as rasuras, os brancos, as hesitações, a ausência de sequência nos manuscritos, etc.

De fato, o simples tema *Compreender Saussure* requer uma infinidade de pontos de vista, autorizados pelo próprio movimento de fundação da linguística, em virtude da variedade temática com que Saussure se deparou ao longo de sua vida. E, em um desses pontos de vista, deveria estar inclusa a produção no campo da poesia, produção esta que mais uma vez é colocada em lugar de exceção.

Esse lugar de exceção seria autorizado também por Saussure? É possível notar que, enquanto pesquisava sobre os anagramas, a interlocução com alguns de seus

¹⁰² Tradução nossa: "Acrescentem-se, a isso, várias cartas de Saussure a seus correspondentes. Elas ilustram, de forma impressionante, o encaminhamento das pesquisas de Saussure e seu clima psicológico: o cansaço, a incompreensão de qual é o objeto, sua "epistolofobia", não devem ser negligenciados para captar alguns traços do seu pensamento. Além de tratar, abundantemente, em suas cartas, de questões indo-europeia, ele evoca também a preocupação que tem de extrair os princípios de uma linguística geral (1894 sq). Ele escreve a Antoine Meillet: "não há um único termo empregado em linguística ao qual eu atribua qualquer sentido" (4 de janeiro de 1894, *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n° 21, p. 95). Encontram-se, geralmente, em suas cartas, desenvolvimentos sobre o anagrama homérico ou os versos saturninos (1903 sq.). Nesses estudos sobre os anagramas, que ocupam vários milhares de folhas e em que Saussure se esgotará, ele vai deixar apenas uma dúvida generalizada do encaminhamento.

¹⁰³ Lacan (1975, p. 19), no seminário XXIII, intitulado *O sintoma*, expressa que "[...] foi Joyce quem deliberadamente quis que essa corja se ocupasse dele. O incrível é que ele o conseguiu, e de um modo fora de série. Isso dura, e ainda vai durar. Ele o queria, nomeadamente, por trezentos anos. Ele disse – *Quero que os universitários se ocupem de mim por trezentos anos* [...]"

colegas era confidencial, condição esta imposta pelo próprio Saussure. Na primeira carta a Antoine Meillet, datada de 12 de novembro de 1906, Saussure expressa que o consultava confidencialmente, pois temia ser vítima de uma ilusão. Assim, o fato é que o tema ‘anagramas’ não fora discutido nas aulas que ministrava diuturnamente. Se o fora, nenhum de seus alunos anotou consideração alguma sobre esse tema.

Embora esse silenciamento seja evidente, a partir das constatações supracitadas, Saussure escreveu mais de uma centena de cadernos, com considerações pertinentes sobre o processo anagramático na poesia greco-latina, deixando, em diversos momentos, reflexões que apontam para um saber sobre a língua e sobre a linguagem.

Nos trabalhos discutidos nesse tópico, é possível notar, iniciando pelos comentários de Salum (1970) e depois em Gadet (1987), que a produção saussuriana sobre os anagramas, nos anos de suas primeiras publicações, estivera ofuscada pelo auge que o *Curso de Linguística Geral* alcançava nos estudos linguísticos. Além disso, essa nova produção saussuriana, ao final dos anos de 1960, causou certo impacto revolucionário e divisionista no pensamento saussuriano, sendo, portanto, conceituada enquanto outra faceta de Ferdinand de Saussure.

De fato, os trabalhos aqui apresentados refletem ecos dessa produção, e mostram que a importância da produção de Saussure na poética é inversamente proporcional ao aprofundamento que se dá na teoria linguística do mestre genebrino. Dito de outro modo, a ênfase nos manuscritos do CLG ou a busca pela real construção metodológica em Saussure ocultam as pesquisas sobre a poesia greco-latina. Entretanto, dessa exclusão parcial é possível observarmos apontamentos que convergem para uma possível análise dessa produção com relação ao *Curso de Linguística Geral* (1916).

Nesse sentido, os autores aqui abordados contribuem para uma reflexão sobre o modo de presença das análises poéticas de Saussure nos estudos da linguagem:

- a) No caso de Salum (1970), situa a publicação do inventário que contempla os cadernos sobre os anagramas, por Robert Godel, nos *Cahiers Ferdinand de Saussure*, nº 17 (1960), além de trazer a consideração de Godel sobre esses cadernos; essa consideração é importante, pois fornece uma dimensão comparativa, entre a relevância das fontes manuscritas do CLG e os cadernos sobre os anagramas, ao final dos anos de 1950;
- b) Em Gadet (1987), a dicotomia saussuriana, que emerge da produção sobre os anagramas e do CLG, constitui, mais do que uma oposição, um ponto de interrogação para a prática linguística do próprio Saussure. Se, questiona Gadet, o anagrama não é intencional, a materialidade do significante enquanto

possibilidade anagramática põe em xeque a noção de língua e/ou signo linguístico enquanto forma. Nesse sentido, a relação entre forma e substância é o ponto de interrogação para Saussure nos anagramas, que resulta de não-saber sobre a intencionalidade poética do fato anagramático;

- c) O trabalho de Normand (2000), com o título *Saussure*, em breve apontamento, também relaciona o trabalho de Saussure sobre os anagramas ao mecanismo associativo; ao final desse sucinto apontamento, a autora resume o fato anagramático como fato de língua. Nessa rápida alusão aos anagramas, Normand (2000) filia-se a outros autores, tais como Gadet (1987), Bouquet (1997), entre outros, no sentido de indicar um possível percurso a ser investigado entre os anagramas e o CLG;
- d) Dos trabalhos de Bouquet (1997; 2002; 2009), o primeiro contribui com a hipótese sobre o fato poético, como ‘deformador’ da homogeneidade da língua enquanto sistema. Essa deformação é, entretanto, analisável, algébrica. De que forma, então, a poesia deformaria a língua? Para Bouquet (1997), a análise de Saussure nos anagramas é um exemplo dessa deformação: os versos dos poemas ecoam, para além de sua linearidade, um texto submerso. Já nos *Escritos de Linguística Geral* (2002), a contribuição é dada, sem pretensão, pela ‘Nota sobre o Discurso’, texto esse que fora publicado por Starobinski em 1974 e que, de certo modo, introduz discussões possíveis sobre a questão do discurso, da fala, e, portanto, dos anagramas, em oposição à língua. O último trabalho de Bouquet (2009) negligencia completamente os cadernos de Saussure sobre os anagramas. Nesse trabalho, Bouquet é totalmente indiferente a essa produção; ainda que seu tema evidencie um ‘retorno’ aos textos originais de Saussure, a produção de Saussure sobre os anagramas não figura entre esses textos originais, não fazendo parte, portanto, desse retorno.
- e) Por último, pode-se afirmar que o trabalho de Depecker (2009) busca compreender o pensamento saussuriano, sem sequer dedicar uma discussão à produção de Saussure no campo da poesia. Para nós, isso ocorre por meio de um silenciamento que tanto figurou nos manuscritos de linguística geral e em suas aulas, como na maioria dos discípulos e alunos de Saussure.

Assim, nesse conjunto de autores situados nesse tópico de *Ecos esparsos*, é evidente que breves incursões sobre a produção de Saussure no campo da poética servem como pistas que pontuam conexões entre o ‘Saussure do CLG’ e o “Saussure dos Anagramas”. Entretanto, alguns trabalhos há que, tratando de abordar o pensamento

saussuriano, marginalizam sua produção no campo da poética, abre-se uma questão: seria justificável relegar essa produção a um lugar de silenciamento no âmbito acadêmico ou de exceção, seja em razão da relevância do *Curso de Linguística Geral*, dos recentes *Escritos de Linguística Geral* ou pelo simples fato de serem considerados marginais? Não revelaria essa produção algo mais do que um simples tratado versificatório? Conforme exposto nesse tópico, alguns ecos já antecipam que é possível compreender, interpretar e retratar o percurso teórico de Saussure em mais de uma via, que não apenas a do *Curso de Linguística Geral* ou dos manuscritos que tonalizam um ‘retorno’ às origens. Esses ecos sinalizam uma possível relação entre essa incursão saussuriana na poética e uma faceta constitutiva do movimento fundante da linguística moderna.

2.3 – Rumos diferentes

As publicações de Jean Starobinski, ao final da década de 1960, concernentes à produção saussuriana sobre os anagramas, abriram espaço para que alguns estudiosos questionassem, ainda mais, a edição do *Curso de Linguística Geral* (1916). De acordo com Calvet (1975), a edição do CLG era posta em xeque desde as obras de Godel (1957), Engler (1968) e De Mauro (1974), as quais, ao evidenciarem as fontes manuscritas do *Cours*, denunciaram os problemas encontrados na elaboração da edição do CLG.

Esta época, de primeiras publicações e descobertas dos manuscritos de Saussure, estava circunscrita a uma necessidade de retorno às fontes, isto é, aos principais fundadores das ciências humanas do século XX (cf. PÊCHEUX, 1998), abarcando aqui Marx, Freud e Saussure. Em particular este último, dado à forma como suas ideias foram divulgadas – por meio de uma edição póstuma¹⁰⁴ –, urgia-se a necessidade de um retorno ‘mais original’.¹⁰⁵

¹⁰⁴ Indico, para a compreensão da discussão em torno da disseminação do pensamento saussuriano, o trabalho de Silveira (2007), que mostra o movimento em torno da fundação da Linguística Moderna, na relação entre Saussure e o CLG.

¹⁰⁵ Esse retorno ‘mais original’ pode ser compreendido pelo que Puech (2004) situou como sendo a quarta fase do estruturalismo na Europa, período esse em que se buscou o ‘real’ Saussure. Essa busca pelo ‘verdadeiro’ Saussure iniciou-se, então, a partir das primeiras publicações dos manuscritos de linguística de Ferdinand de Saussure por Robert Godel em 1957 e, de certo modo, intensificou-se após as publicações dos cadernos de Saussure sobre os anagramas a partir de 1964. De acordo com Puech (2004), a primeira se dá com a publicação desta obra em 1916, o que por sua vez gerou diversos debates em relação ao real pensamento de Saussure, isto é, entre aquilo que ele havia realmente escrito, o *Mémoire sur les système des voyelles en indo-européen*, e a publicação do *Cours* pelos seus alunos; na segunda fase, realiza-se o congresso em Hayes (1928), seguindo outros congressos (Eslavo e os manifestos de Praga), em que se destaca o CLG como um dos pilares nos estudos linguísticos, influenciando os trabalhos de

Nessa época, a distinção entre ‘Saussure do CLG’ ou dos manuscritos, em oposição ao ‘Saussure dos anagramas’, não havia sido cunhada. Ao que parece, essa ‘dicotomia fácil’, como foi também nomeada por Gadet (1978), parece originar-se na conferência realizada na Universidade de Columbia (EUA) em 1974, cujo tema foi ‘*Deux Saussure?*’¹⁰⁶. Entretanto, essa dicotomia já operava, principalmente, nos trabalhos de Kristeva (1969), sendo seguido por Calvet (1975) e outros autores da pesquisa literária.

A noção, portanto, de ‘rumos diferentes’ parte dessa concepção dicotômica presente em alguns pensadores de Saussure, isto é, de que a produção saussuriana sobre os anagramas possui uma rota diferente do CLG (1916). Tal como expressa Gadet (1978), o próprio Saussure carrega em si essa dicotomia: por um lado, manuscritos e aulas sobre linguística geral, análises de línguas como grego, gótico, alemão etc.. Por outro, análise de poemas greco-latinos. Deste modo, ambas as produções, anagramas e CLG, alimentam essa divisão no percurso teórico de Saussure sobre os fatos de língua e linguagem.

Para esse tópico, destacam-se aqui os seguintes autores: Kristeva (1969), que propõe uma nova abordagem para o texto literário e para o discurso poético, a partir dos anagramas de Saussure; Calvet (1975), que vê nessa análise poética de Saussure um ‘Saussure da fala’ e não da um “Saussure da língua”; Lopes (1993), que aborda a questão da intertextualidade no discurso poético, também a partir dos anagramas de Saussure, e Campos (1986). Enfim, esses autores polarizam essas produções saussurianas, vendo a produção sobre os anagramas como uma análise do discurso poético ou literária, ou ainda como um ‘Saussure da fala’ em oposição ao ‘Saussure da Língua’, presente no CLG.

Kristeva (1969) proporá uma nova reflexão para abordar o texto literário, texto este circundado pela linguagem poética. De fato, propõe (1969, p. 175) uma semiologia de paragramas¹⁰⁷, a partir de uma nova percepção do texto literário. Essa nova

Mathesius, Martinet, Jakobson, Troubetzkoy, Hjelmslev, Brondal, entre outros. Na terceira fase, Puech (2004) destaca que o CLG, como obra estruturalista, tornou-se propriedade comum dos linguistas, sociólogos, antropólogos e filósofos. Este autor assinala que o filósofo Merleau-Ponty teve um papel importante como mediador das ideias estruturalistas entre estudiosos de então, como Lévi-Strauss, Lacan e Jakobson.

¹⁰⁶ Além dessa conferência, o tema ‘Dois Saussures’ foi usado como título da revista *Recherches*, nº 16, do mesmo ano.

¹⁰⁷ Embora Saussure não defina propriamente o termo paragrama, e prefira o termo anagrama (*apud* STAROBINSKI, 1974, p. 24), é possível compreender esse vocábulo, a partir da composição do sufixo *para-* e do radical *-grama*. O sufixo *para-*, de origem grega, tem um sentido de ‘ao lado de’ ou ‘da parte de’ e o radical *-grama*, também do grego, refere-se à “letra, sinal, marca” (*cf.* CUNHA, 2007). O que interessa, nessas definições, é o radical *-grama* como “letra, sinal, marca”, que indica uma aproximação com o termo ‘hipograma’, cuja ideia, ‘sublinhar traços’, remete à noção de marca, ou sinal, e dá, à ‘essa ‘repetição’ ou ‘imitação’ de traços, um novo modo de ser de um nome. Em Kristeva (1969), a ideia de ‘sinal’ ou ‘marca’, veicula também uma imagem de algo anterior, ou seja, remete à interlocução existente no texto literário, a uma rede infinita de relações com outros textos (ou discursos), a partir da

percepção, fundamentada na produção saussuriana sobre os anagramas, considera a linguagem poética como uma segunda forma de ser da linguagem dita ‘comum’, pois os signos ali presentes podem, acima de tudo, transgredir as leis gramaticais e sistêmicas da língua.

Nesse sentido, a linguagem poética é tomada a partir de três aspectos: é a parte infinita do código linguístico, é uma via de mão dupla (escritura-leitura) e também é uma rede de conexões. De fato, Kristeva (1969, p. 178) expressa que há, na linguagem poética, “[...] le processus dynamique par lequel les signes se chargent ou changent de signification.”¹⁰⁸. Nesse sentido, Kristeva (p. 179) admite que a linguagem poética oferece ao linguista “[...] l’unique possibilité d’étudier le *devenir* des significations des signes.”¹⁰⁹.

Esse ‘devir’ da linguagem poética concentra a ideia de paragramas, visto que os signos de um texto poético ‘carregam’ marcas ou sinais de outros textos e, por isso, ultrapassam o sentido explícito no texto. Deste modo, esses signos estão submetidos tanto à lei que rege o sistema língua quanto aquilo que transgride¹¹⁰ essa mesma lei. O *devir*, portanto, está nessa transgressão da língua enquanto sistema, que permeia a linguagem poética, num processo ‘criativo-transgressor’ de novos sentidos.

Quanto à duplicidade do texto literário, Kristeva (1969, p. 181) expressa que a “[...] langage poétique est un *dialogue* de deux discours. Un texte étranger entre dans le réseau de l’écriture [...]”¹¹¹. Isso quer dizer que um texto literário é constituído pelo escrito e pelo devir de sua leitura. Para Kristeva, aquilo que foi escrito traz as reminiscências de outros textos e ao mesmo tempo se constitui em um novo texto. Essas reminiscências, portanto, são como marcas (-gramas) que remetem a novas possibilidades de relações de sentidos.

No terceiro aspecto da linguagem poética, a ideia de *réseau* (rede) sugere uma construção de significações não-lineares e um jogo de relações subtextuais. Kristeva (1969) chega a expressar que essa malha literária, sustentada pelos níveis fonéticos, sintáticos e semânticos, impossibilita até mesmo a tradução do texto literário. Mesmo

linguagem poética. Avançando um pouco mais na compreensão de ‘paragrama’, Gandon (2002) complementa, expressando que esse termo faz par com a noção de ‘anagrama’ nas análises de Saussure e, ao indicar uma nova forma de ser de um nome, o faz a partir da espacialidade e da difração dos elementos fonológicos (em pares, binários). Tanto a nova espacialidade e difração dos elementos da palavra-tema inserem-se na organização do texto literário, como também na possibilidade de emergir um novo texto sob o poema escrito.

¹⁰⁸ Tradução nossa: “[...] o processo dinâmico pelo qual os signos se carregam ou trocam de significação.”

¹⁰⁹ Tradução nossa: “[...] a única possibilidade de estudar o *porvir* (futuro) das significações dos signos.”

¹¹⁰ A transgressão da língua, enquanto um sistema de signos regidos por leis, pode ser tomada na própria perspectiva do anagrama teorizado por Saussure, a qual, permite visualizar, em um dado poema, um texto subjacente ao texto poético.

¹¹¹ Tradução nossa: “[...] a linguagem poética é um diálogo de dois discursos. Um texto estrangeiro entra na rede da escrita [...]”.

que alguém contestasse essa afirmação, poder-se-ia perguntar se, após a tradução de um poema latino, por exemplo, o *Eneida II*, o tradutor seria capaz de manter os mesmos anagramas encontrados por Saussure.

A proposta de Kristeva (1969), portanto, se opõe ao pensamento saussuriano teorizado no Curso de Linguística Geral (1916). Assim, ao valer-se da produção saussuriana no campo da poética, para criar uma nova teoria no campo da análise literária, esta autora afirma que a produção saussuriana sobre os anagramas é “[...] um acontecimento que liquida com a teoria do signo [...]” (*apud* DE LEMOS, 1995, p. 44).

A perspectiva de Kristeva (1969) se insere, portanto, nesse contexto histórico de crítica à edição como também aos estudos estruturalistas dos anos de 1950 a 1960. Essa crítica toma forma a partir das primeiras publicações dos manuscritos de Saussure por Godel (1957) e se acentua a partir das publicações dos cadernos saussurianos sobre os anagramas. Nesse sentido, essas críticas demandam a necessidade de compreender o mestre genebrino como o ‘Saussure das línguas’ e não apenas como aquele que teorizou a língua enquanto uma ‘estrutura’ de signos. Os anagramas de Saussure, nesse momento, servem como base para revisar o verdadeiro lugar de Saussure nos estudos estruturalistas.

Entretanto, até que ponto se poderia pensar que essa produção saussuriana na poética ‘aniquilária’, por exemplo, o signo linguístico teorizado no CLG? A proposta de Kristeva (1969) ocorre mediante a teoria dos anagramas, mas até que ponto essa teoria anagramática se distanciaria da produção saussuriana na linguística? Considerar a inexistência de qualquer indício do signo linguístico nos anagramas, tal como teorizado no CLG, é acirrar oposição entre a produção de Saussure sobre os anagramas e o *Curso de Linguística Geral* (1916).

Esse mesmo posicionamento é visto no trabalho de Calvet (1975), intitulado *Saussure: pró e contra*. No prefácio desse trabalho, Calvet (1975) expressa

Saussure é certamente a fonte de uma linguística que, parece, deve ser radicalmente criticada. Mas é também a fonte de uma importante reviravolta na visão dos fatos de línguas cujos efeitos mal começamos a perceber, a fonte ainda de uma tentativa fracassada como veremos (mas os reveses são sempre produtivos) de fazer da ciência da língua uma ciência social. O leitor verá que a escolha na qual Saussure apoiava a sua mira social, da língua contra a fala, assim como o par sincronia / diacronia ou como a definição limitativa do signo em termos de significantes e significados, são os primeiros pontos do conjunto teórico representado pelo CLG que devem ser criticados. Mas o Saussure dos anagramas, o outro Saussure, é fonte de fecundas reflexões, as de Julia Kristeva ou de Yvan Fonagy.

Por isso este livrinho, etapa moderna de uma reflexão materialista sobre a ciência linguística, pretende ser muito mais um pró e contra Saussure do que a tradução de uma crítica sistemática ou de uma oposição inteira e definitiva (mesmo se, no fim das contas, o não deve levar a melhor sobre o sim nessa avaliação). Contra o Saussure do Curso, base de uma linguística estrutural estereotipada e incapaz de explicar fatos de língua na sua diversidade, mas a favor do Saussure ligado aos fatos linguísticos concretos, do Saussure da fala e não da língua. (CALVET, 1975, p. 13)

A introdução de Calvet (1975) é bastante esclarecedora por destacar a existência de uma oposição entre o que ficou conhecido como ‘Saussure do CLG’ e o ‘Saussure os anagramas’. A noção de um ‘outro Saussure’¹¹² permeia a obra de Calvet, a partir de sua crítica à ideia de ‘social’ presente no CLG que exclui os falantes e centra a língua enquanto objeto da linguística. De certo modo, Calvet busca aproximar os estudos sobre os anagramas aos aspectos teóricos da fala, enquanto fato oposto ao sistema ‘língua’ elaborado por Saussure.¹¹³

De fato, Calvet (1975) fundamenta-se nos estudos inéditos sobre os anagramas para criticar a edição do CLG e, ao mesmo tempo, buscar o ‘verdadeiro Saussure’. Nessa busca, Calvet (1975, p. 38) expressa “[...] a existência dessas longas pesquisas inéditas propõe uma questão a respeito do próprio *Curso* e ao estatuto, no pensamento saussuriano, da linguística geral.”

Na passagem supracitada, Calvet (1975) insiste no fato de que as novas elaborações de Saussure podem conduzir a outra reflexão sobre o CLG e, mais do que isso, sobre as questões que a linguística investiga. De acordo esse autor,

Roman Jakobson e Júlia Kristeva foram sem dúvida os primeiros a insistir sobre o aspecto fecundo das pesquisas saussurianas, evidentemente depois que os trabalhos de Starobinski tornaram acessíveis os textos sobre os anagramas. Para Jakobson, o seu interesse reside sobretudo nas possibilidades oferecidas para o estudo da poesia: “Nessas pesquisas, Saussure abre perspectivas inauditas ao estudo linguístico da poesia”. Mas ele vê igualmente nesses

¹¹² A questão de ‘um outro Saussure’ aparece em alguns autores, como Gadet e Pêcheux (2004), Gandon (2002), Culler (1979) e o próprio Calvet (1975), a partir da menção, em suas obras, da conferência de 1974, com o tema “Dois Saussures”.

¹¹³ Antes, porém, Calvet (1975) aponta três problemas que margeiam a Edição do CLG. O primeiro problema diz respeito ao plano do CLG, em que a sequência dos capítulos, organizados pelos editores, difere da ordem dos cursos ministrados por Saussure na Universidade de Genebra. O segundo problema aponta a questão da heterogeneidade das fontes que deram origem ao CLG, pelo fato de que os cadernos dos alunos utilizados na edição abriram possibilidade para inúmeras interpretações por parte dos editores. O terceiro problema é mais radical, apontando que a composição dos cursos de linguística geral, em um livro, resultou na “[...] violação do pensamento saussuriano: afinal de contas, Saussure nunca publicou nem quis publicar uma só linha de linguística geral [...]” (CALVET, 1975, p. 26). Para Calvet (1975), o caminho teórico traçado pelos editores parte da diferenciação entre língua e fala, passando pelas unidades e depois para a noção de valor, enquanto o fato de Saussure ser um ‘homem das línguas’ apontaria para um percurso teórico (como de fato foi a sequência ministrada pelos cursos), que iniciaria pelos estudos das línguas, passaria pelos estudos das unidades e de valores, que por sua vez incluiria compreender a variedade das línguas, para enfim, chegar à distinção *língua e fala*.

postulados o embrião de uma revisão da própria linguística [...] (CALVET, 1975, p. 38).

E cita Jakobson (1974):

A análise linguística dos versos saturninos, gregos, védicos e germânicos esboçada por Saussure, é, sem dúvida alguma, útil não somente para a poética, mas também, segundo a expressão do autor, “para a própria linguística. “A genialidade da intuição” do pesquisador põe à luz a natureza essencialmente, e é preciso acrescentar, universalmente polifônica e polissêmica da linguagem poética e desafia, como bem notou Meillet, a concepção ambiente “de uma arte racionalista”, em outras palavras a ideia vazia e importuna de uma poesia infalivelmente racional (*apud* CALVET, 1975, p. 38).

Os anagramas de Saussure não apenas levantam discussões sobre uma possível relação entre a linguística e a literatura, mas também desafiam o pesquisador nas questões que a linguagem poética coloca, com sua essência polifônica e polissêmica. Nesse sentido, o pensamento saussuriano estaria situado em duas linhas de pesquisa, linguística e poética, e não apenas a partir do *Curso de Linguística Geral*? Afinal, o que isso poderia indicar, além da dicotomia “Saussure do CLG” e “Saussure dos anagramas”?

Embora essas questões nos permitam olhar a produção saussuriana sobre os anagramas enquanto ponto de interseção na fundação da linguística moderna, o lugar de Calvet (1975) se sustenta pela crítica ao CLG, visto que esta edição “[...] permanece impotente para explicar ou descrever esse discurso que se constrói essencialmente num jogo com o significante, como “uma escrita ou reescrita, criptogramática, de inscrições sonoras” (CALVET, 1975, p. 80).

O ponto de vista de Calvet (1975) para elevar a produção saussuriana sobre os anagramas como reflexo do ‘verdadeiro Saussure’ atém-se aos problemas circunscritos na edição do CLG ¹¹⁴. Assim, a ênfase de Calvet (1975) sobre a singularidade dos estudos de Saussure no campo da poética ocorre, inversamente, pela marginalização do CLG. Entretanto, ao aproximar os anagramas ao Saussure da fala, falta a Calvet (1975) uma elaboração concreta que caracterize, explicitamente, que conceito de fala se pode obter a partir dos anagramas de Saussure.

¹¹⁴ É fato que esses problemas se evidenciam, considerando o modo como se constituiu o CLG, mas é fato também que há uma marca de Saussure no CLG e que marcas como essa podem ser recuperadas a partir mesmo da Edição Crítica de Rudolf Engler, ou até mesmo de Tulio de Mauro. Tomar os problemas como marcas isoladas e até mesmo conclusivas pode ser um equívoco. Além disso, as considerações sobre o signo, no CLG, a partir da teoria do valor, ainda possibilita compreender os estudos de Saussure sobre os anagramas, tal como será abordado no capítulo 3 dessa dissertação.

Enquanto Calvet (1975) não explicita como ocorre a relação entre os anagramas e o conceito de fala, para Lopes (1993, p. 108), o interesse de Saussure nos anagramas

[...] está voltado para a *parole* de um ponto de vista teórico-prático, buscando, mais especificamente, isolar os mecanismos que presidem à *construção do discurso poético*, do poema enquanto modalidade de processo que ele concebe, inicialmente, como o estabelecimento de uma relação entre dois conceitos [...].

O ponto de partida de Lopes (1993) para aproximar os anagramas da fala foi a passagem manuscrita de Saussure sobre o discurso, publicada por Starobinski (1974) e posteriormente editada por Bouquet (2002)¹¹⁵. Nessa passagem, Saussure expressa que “A língua só é criada com vistas ao discurso [...]”, e que o discurso consiste “[...] em afirmar um elo entre dois dos conceitos que se apresentam revestidos de forma linguística [...]”. (*apud* STAROBINSKI, 1974, p. 12).¹¹⁶

Nesse sentido, Lopes (1993) afirma que, se na língua o signo é *um signo já construído*, no discurso poético o *signo está em construção*. Tomando, portanto, o fato de o ‘signo em construção’ nos anagramas ser um fato de fala e que esta é excluída do pensamento saussuriano, como ocorreria essa exclusão? De acordo com Silveira (2008),

Na produção saussuriana o conceito de fala é um dos mais controversos. O *Curso de Linguística Geral* o traz de forma negativa, ou seja, ao construir o conceito de língua, Saussure deixa surgir o que vem a ser a fala enquanto o que não é a língua. A fala aparece enquanto excesso da língua. Saussure também a situa como secundária nos estudos linguísticos, ela por si não seria capaz de ocupar o lugar de objeto da linguística. A fala está em lugar de falta para a linguística. Nesse percurso podemos apreender o que é a fala em relação à língua bem como as relações entre uma e outra e, mais do que isso, empreender uma reflexão sobre o lugar da fala na constituição da linguística.

A consideração acima retrata como a fala aparece no CLG. O ponto principal desse retrato é o fato de a fala aparecer enquanto elemento negativo, ou seja, a fala é aquilo que a língua não é. Embora Saussure não tenha se dedicado a teorizar sobre a fala, há no CLG algumas passagens que são esclarecedoras sobre seu ponto de vista sobre a fala:

¹¹⁵ Cf. tópico ‘Ecos Esparsos’.

¹¹⁶ Essas passagens prefiguram um dos poucos trechos, nos *Escritos de Linguística Geral* (2002) de Saussure, em relação ao que é o *discurso*. Embora seja possível considerar uma explicação mínima sobre o discurso, essas notas são insuficientes para apreender um conceito completo de discurso em Saussure, uma vez que essas passagens expõem a relação entre língua e discurso e não tanto uma oposição entre esses fatos, como as vezes se constrói a partir da teorização de Saussure sobre a língua no CLG.

- a) [...] enfim, é a fala que faz evoluir a língua: são as impressões recebidas ao ouvir os outros que modificam nossos hábitos linguísticos. (CLG, 1970, p. 27)
- b) Uma vez de posse desse duplo princípio de classificação, pode-se acrescentar que *tudo quanto seja diacrônico na língua, não o é senão pela fala*. É na fala que se acha o germe de todas as modificações: cada uma delas é lançada, a princípio, por um certo número de indivíduos, antes de entrar em uso. (CLG, 1970, p. 115)
- c) Nada entra na língua sem antes ter sido experimentado na fala, e todos os fenômenos evolutivos têm sua raiz na esfera do indivíduo. (CLG, 1970, 196)

As três passagens mencionadas possuem um ponto em comum: toda mudança da língua passa primeiramente pela fala. É interessante notar que esse ponto, de certa forma, o fato de que é na fala que há a possibilidade de o signo estar em estado de ‘construção’. Assim, o próprio Saussure possibilita a leitura dessa relação entre signo ‘em construção’, no discurso, e signo ‘construído’, na língua, no próprio CLG. Deste modo, não se poderia falar em uma total exclusão da fala, antes, porém, a língua e a fala são esferas diferentes no universo da linguagem.

Se é possível abordar a produção dos anagramas como um fato de ‘fala’ que exclui a língua, ou seja, que exclua o signo ‘construído’, isso permitiria pensar que essa produção jamais teria vínculo com os estudos de Saussure na própria linguística. De fato, pensar a relação entre os anagramas e fala enquanto relação que rejeite a língua seria negar o lugar que a esta ocupa no pensamento saussuriano. Da mesma forma que há uma conexão entre a língua e a fala na mudança linguística, não se pode tomar o signo ‘em construção’ nos anagramas como um elemento exterior à língua, mesmo que esse signo ‘em construção’ operasse no terreno da fala. Para Lopes (1993), esse signo estaria no discurso; entretanto, o que seria o discurso sem a língua?¹¹⁷

Contudo, compreende-se melhor essa relação entre ‘signo construído’ e ‘signo em construção’ quando Lopes (1993, p. 110) afirma que nos anagramas

O discurso surge, assim, aos olhos de Saussure, como um processo combinatório entre o já-feito da língua (e dos discursos anteriores) e o por-fazer dele mesmo, discurso em construção, até o arresto do seu ponto final. Por outras palavras: *o poema é uma modalidade de*

¹¹⁷ Como veremos no Capítulo Três, esse impasse é resolvido por Saussure ao colocar a língua e a massa falante em relação. Da mesma forma, a criação analógica indica essa relação, enquanto ato individual e também enquanto possibilidade de língua. Além disso, Saussure margeia a fala e o falante ao elaborar os mecanismos associativos e sintagmáticos. A língua, na relação associativa, tocaria na fala pela realização do sintagma. Já o falante seria margeado a partir das relações paradigmáticas, ou seja, da livre escolha individual de cada um seria uma possibilidade desse mecanismo linguístico.

discurso que se constrói pelo procedimento combinatorial de reconstruir um discurso anterior [...].

Mas a noção de ‘signo em construção’ resumiria o fato anagramático, tal como elaborado por Saussure, como apenas uma espécie de reconstrução de signos? É evidente que há uma reconstrução de palavras-temas, porém como ocorreria essa reconstrução?¹¹⁸ Embora a noção de intertextualidade em Lopes – na análise sobre os anagramas – não exponha o processo que há na ‘construção’ de um signo submerso na trama poética, essa noção é relevante em mostrar a característica dialógica do discurso, e o princípio anagramático é visto, portanto, como norteador na construção de um novo discurso, o poema.

Num certo sentido, a perspectiva intertextual contracenada com a análise poética de Haroldo de Campos (1986), que faz uma espécie de comparação entre as análises dos ideogramas chineses, a partir de Fenellosa, com os trabalhos de Saussure no campo da poética. De acordo com Campos (1986, p. 30),

[...] Em sentido análogo se poderia dizer de Saussure, embora dessintonizado com respeito à prática poética que lhe era contemporânea – Mallarmé em primeiro lugar – e inteiramente voltado para a poesia da antiguidade (védica, greco-latina ou germânica; o coevo Giovanni Pascoli só lhe mereceu atenção enquanto cultor erudito da arte latina de poetas), avançou, com seus anagramas, uma concepção do engendramento da poesia que encontraria sua resposta mais cabal não nos selados arcanos do passado, mas no fazer do futuro, inaugurado justamente pelo exemplar radicalismo mallharmeano [...]

A percepção de Campos (1986) concernente a Saussure é a de que, embora desassociado com as pesquisas poéticas contemporâneas, pôde colaborar com os estudos poéticos de então. Nesse sentido, assim como Saussure, Fenellosa percebeu uma articulação implícita na escrita ideográfica chinesa. Campos (1986) explica ainda que, enquanto no mundo ocidental, o fazer poético se dá no nível fonético, nas línguas orientais, como o chinês, a poesia ocorre no nível grafemático¹¹⁹. Entretanto, embora

¹¹⁸ Como exposto no tópico sobre a construção terminológica nos anagramas (Capítulo Um), mais do que simplesmente apontar que o discurso se instaura entre dois conceitos, nas análises poéticas Saussure mostra o processo subjacente nessa relação mínima entre dois conceitos. Nesse aspecto, essa reconstrução passa por uma série de leis e regras que remetem a um ordenamento de língua e não apenas a uma reconstrução aleatória.

¹¹⁹ A perspectiva de situar a relação do fazer poético no nível da escritura pode ser vista em trabalhos que retomam a literatura e a psicanálise, como o trabalho de Bosco (2010), que discute a aquisição da escrita, numa relação entre sujeito e língua, retomando esses apontamentos de Campos acima descritos. Também Campos, numa obra recente (2010) traz a questão dos anagramas de Saussure numa correlação entre poética e psicanálise. Esses dois trabalhos serão abordados no capítulo que trata da relação dos anagramas com a psicanálise.

esse fazer poético ocorra em diferentes códigos, o fato anagramático, enquanto segunda maneira de ser fictícia, se realiza em ambos os níveis.¹²⁰

É assim que Saussure pôde aludir sua descoberta em relação à língua chinesa. Como já exposto, Saussure expressa, em uma carta de 14 de julho de 1906, as seguintes considerações sobre os versos saturninos,

O resultado é tão surpreendente que somos levados a nos perguntar, antes de tudo, como os autores desses versos (em parte literários como os de Andronicus e Naevius) podiam ter tempo para se dar a este tipo de quebra-cabeça: pois o Saturnino é um verdadeiro jogo chinês, independente de qualquer consideração sobre métrica” (*apud* STAROBINSKI, 1974, p. 17).

Nesse sentido, Campos (1986, p. 67) admite, nessa relação entre as pesquisas saussurianas e o ideograma oriental, que

Esse “chinês” frugal, que minava a contrapelo o discurso poético no ocidente, foi o que Saussure descobriu, sem saber exatamente o que estava descobrindo... (Curiosamente, até nos propalados ‘descaminhos’ Saussure e Fenellosa se aproxima: também Saussure enfatizou, pelo menos na superfície imediata de seus trabalhos, o aspecto exteriormente ‘imitativo’ do anagrama, enquanto paráfrase disseminada ou condensada de uma palavra-tema (um nome de herói ou de divindade, ou simplesmente de um mecenas de circunstancia), fornecida pelo contexto histórico cultural exterior à materialidade autônoma do poema; também Saussure formulou uma “hipótese genética” ao se enfrentar com a questão de origem do fenômeno anagramático, embora, finalmente, o que lhe acabou por interessar tenha sido a persistência do procedimento como “regra formal”, interna ao texto, para além de qualquer “tradição oculta” rastreável diacronicamente...).

Nessa passagem, Campos (1986) expõe dois aspectos das pesquisas de Saussure no campo da poesia: o primeiro trata da busca da origem, que nada mais é do que uma busca pela comprovação do anagrama enquanto fato intencional do poeta. Nesse aspecto, Campos (1986, p. 34) considera o poeta como aquele que “[...] cria todas as palavras; por isso, a linguagem é o arquivo da História e, a bem dizer, uma espécie de túmulo das musas”. Esse lugar, de certa forma, é o lugar que Saussure aponta e que se encontra entre a origem do fato e a composição anagramática em si.

O poeta, portanto, possui um lugar especial no fazer poético, assim como, para Saussure, o indivíduo possui um lugar central no aspecto da fala. Nesse sentido, retomo novamente o caráter individual da fala para relacioná-lo à liberdade que o poeta possui

¹²⁰ Para Fenellosa, isso indica uma lei universal da poesia, que aponta para o “[...] caráter ‘plástico’, manifesto por uma ‘sequencia regular e flexível’, seria o próprio poético” (*apud* CAMPOS, 1986, p. 32) e, em outras palavras, Jakobson definiria como *função poética*, que opera sob “[...] o caráter palpável dos signos”.

na composição literária. Nesse sentido, a função poética, enquanto função da linguagem, não está desassociada do poeta, isto é, do indivíduo, de forma que o momento poético é um momento de ‘reconstrução’ de signos, de procurar no código linguístico aquilo que ele pode usar, modificar ou até mesmo criar.

O segundo aspecto aponta para a busca da compreensão do processo anagramático, a partir das leis e conceitos que subvencionam a composição poética. Nesse segundo aspecto, a leitura de Campos (1986), embora a situemos nesse tópico, aponta para uma possível relação entre os anagramas e o CLG, no que se refere ao aspecto sincrônico das regras, permanecendo em segundo plano a questão das origens. Trata-se, portanto, de reconhecer que, embora o fato poético seja entranhável nessa produção saussuriana, a busca pelas regras formais no fato anagramático é uma característica inegável nessa produção, tal como o fora na delimitação da língua enquanto forma, no CLG.

Se nomeei esse tópico como “Rumos Diferentes” foi para expor que, enquanto alguns estudos sobre o pensamento saussuriano excluem a produção do genebrino no campo da poética (*cf.* Tópico ‘Ecos Esparsos’), os estudos abordados nesse tópico tomam essa produção para elaborar pontos de vista opostos aos pontos de vista delineados no CLG. Entretanto, se esses novos pontos de vista rumam em sentido diferente daquilo que Saussure teorizou nas aulas sobre linguística, alguns pontos convergem para uma possível relação entre o “Saussure do CLG” e “Saussure dos anagramas”.

Essa convergência é ausente em Kristeva (1969), pois a autora, ao evidenciar o caráter infinito da linguagem poética, mostra que o texto literário não opera na linearidade do sintagma linguístico e que, por essa razão, o signo teorizado no CLG é incongruente com o *modus operandi* desse signo nos anagramas. Entretanto, os trabalhos de Calvet (1975) e de Lopes (1993), ao oporem a produção de Saussure sobre os anagramas ao *Cours*, já fazem emergir a questão da fala. Essa questão, pouco definida no CLG, é retomada por esses autores, contracenando com os anagramas e faz revitalizar esse ponto de certo modo excluído no pensamento saussuriano.

Assim, se de um lado Calvet (1975) critica a edição do CLG pela criação de uma ‘imagem saussuriana’, é ele próprio quem nos permite voltar aos anagramas como ponto de convergência para o aspecto da fala em Saussure. Esse ponto de convergência é abordado por Lopes (1993) na diferença entre o ‘signo da língua’ e o ‘signo da fala’, ou do discurso. Se há, então, dois objetos diferentes, língua e fala, seria permissível falar em apagamento da fala no CLG em detrimento da língua? Não. A fala no CLG é

apontada como o ponto de mudança linguística, mudança essa que tem como agente o próprio falante, em sua capacidade e vontade individual.

Além disso, embora Campos (1986) aproxime Saussure a Fenollosa, no sentido de perceber nos poemas uma segunda maneira de ser do texto poético, esse autor observa que em Saussure a intencionalidade poética é ofuscada pela formalização do processo anagramático. Dito de outro modo, Campos (1986) observa que Saussure escolhe o viés sincrônico do fato anagramático, deixando a perspectiva diacrônica da poesia.

De um modo geral, se os estudos abarcados nessa parte enfatizam a dicotomia “Saussure do CLG” e “Saussure dos Anagramas”, realçam também aspectos teóricos que operam nessa dicotomia. Nesse sentido, os estudos aqui abordados caracterizam-se como trabalhos férteis para a compreensão do lugar que os anagramas, enquanto produção poética, ocupam no pensamento saussuriano.

Além disso, possibilitam lançar luz sobre aquilo que se tem como excesso em Saussure, como é o caso da fala, e, mais do que isso, pensar uma relação com aquilo que o mestre genebrino teorizou no CLG. Sendo assim, os estudos que opõem o CLG aos anagramas se tornam úteis, visto que criam novos pontos de vista que permitem compreender melhor o percurso de Ferdinand de Saussure nos estudos sobre a linguagem, além de indicarem novos caminhos para a linguística e a poética.

2.4 – Caminhos que se cruzam

O recenseamento bibliográfico dos estudos sobre a produção saussuriana concernente aos anagramas indica que alguns autores abordam essas produções tecendo pontos de contatos com o *Curso de Linguística Geral*. Esses pontos de contatos são fixados a partir das seguintes noções saussurianas (propostas no CLG): língua, diacronia e sincronia, signo (significado e significante), princípio da arbitrariedade e linearidade do signo, relações associativas e sintagmáticas, forma e substância e teoria do valor.

A noção de língua pode ser abordada pelo fato de Saussure encará-la como um sistema, cujos elementos se encontram interdependentes, resultando em relações de valores diferenciais e negativos. Essa maneira de ver a língua possibilita olhá-la como forma, para além da substância fônica que a veicula. Assim, o ponto de partida ocorre no sentido de que, enquanto Saussure situava, nos primeiros anos do século XX, a língua como objeto da linguística enquanto ministrava os cursos de linguística em

Genebra, esse mesmo modo de pensar também perpassava os estudos em andamento sobre os versos saturninos.

Podemos observar essa aproximação pelo fato de que Saussure via nos anagramas leis e regras que não eram simples artifício do acaso, mas apostava no fato de que os poetas se baseavam no fato anagramático para compor os poemas. Embora não possamos igualar, em termos de especificidades, esses dois objetos de estudos, língua e poemas clássicos, não há como negar que ambos se encontram no universo e no ordenamento da própria linguagem e que, por essa razão, podem ser abordados sob um mesmo ponto de vista.

Tomemos por exemplo a noção de sincronia em contraponto com os anagramas¹²¹. Para Saussure (1970, p. 117), “Na prática, um estado de língua não é um ponto, mas um espaço de tempo, durante o qual a soma de modificações é mínima”. Desse modo, abordar a língua em um viés sincrônico é olhá-la num espaço de tempo compreendido em um universo diacrônico; no caso da análise dos anagramas, é possível observá-los sem esta preocupação com os estados sincrônicos, por já constituírem em si mesmos uma espécie de estado sincrônico ‘puro’.

Nesse sentido, Starobinski (1974) expressa que o *Saussure dos anagramas* possui uma necessidade de elaborar leis analíticas nos poemas estudados, da mesma forma que *Saussure do CLG* organiza os princípios da língua. Para este autor, assim como ocorreu no CLG, em que a língua é observada como um sistema que obedece a leis intrínsecas, nos anagramas Saussure procura estabelecer regras que possibilitam o estudo sincrônico do seu funcionamento.

A abordagem dos anagramas a partir de um ponto de vista sistêmico levou Starobinski (1974 p. 9) a perguntar “[...] se as dificuldades encontradas na exploração da longa diacronia da lenda, e curta diacronia da composição anagramática, não contribuíram, como reação, para incitar Saussure mais resolutamente ao estudo dos aspectos sincrônicos da língua”.¹²²

Num trabalho intitulado *A poesia a dois passos*, Siscar (1997) leva em consideração, para aproximar ambas as produções saussurianas, o fato de terem sido pesquisados paralelamente. Conforme Siscar (1997, p. 169), a produção saussuriana sobre os anagramas levanta questões pertinentes para a abordagem sincrônica, questões

¹²¹ Esse contraponto será abordado no capítulo 3, tópico 3.1 e 3.2.

¹²² Esse comentário de Starobinski (1974, p. 9) pode ser somado ao de Campos (1986) e o de Siscar (1997); embora vemos apenas indicações hipotéticas, há nesse comentário de Starobinski um possível direcionamento para se pesquisar essa questão: a partir dos pares lendas-diacronia x anagramas-sincronia.

essas que já entreviam obstáculos e novos pontos de vista na relação entre o linguista e a língua, enquanto objeto da Linguística.

Além disso, Siscar (1997) observa que Saussure dispensará a própria noção de linearidade do significante, temporal, diacrônica, para estabelecer um processo de relação entre fonemas num viés sincrônico da língua. De fato, a temporalidade nos anagramas é discutida a partir dos conceitos de sincronia e diacronia no *Cours*, em contraponto com a dimensão dos anagramas, nomeada por Saussure de não-consecutividade¹²³.

Discutir a temporalidade da língua implica analisar o pensamento saussuriano, não somente sob a ótica do CLG, mas retomando também exposições anteriores, como as três Conferências de 1891, quando Saussure estava prestes a ocupar a cadeira de professor titular da Universidade de Genebra. Nessa época, abordar os fatos de linguagem sob a ótica da diacronia era o único meio de salvação da linguística, ante a corrente naturalista que permeava alguns estudos de então.

A partir desse retrocesso, alguns autores como Béguelin (1990), De Lemos (2000) e Silveira (2007) retomam algumas produções saussurianas, como o *Essai* (1872), *Mémoire* (1878) e alguns manuscritos para investigar um movimento interno ao pensamento saussuriano, de modo a entrever laços entre as diversas facetas do genebrino e não apenas oposições ou exclusões.

A partir disso, a questão da sincronia e da diacronia nos anagramas suscita outros questionamentos, como a quebra do princípio da linearidade, levantada por Wunderli (2004), bem como a problemática da forma e substância, discutida por esse mesmo autor e por Silva (2009), sob a ótica da teoria do valor, além da razão de ser do fato anagramático (se intencional ou não), a não-arbitrariedade apontada por Campos (1986) e Barreto (2010), entre outros cruzamentos que a produção saussuriana sobre os anagramas provoca ao adentrar em conceitos e temas importantes no *Curso de Linguística Geral*.

Sendo assim, para analisar a produção saussuriana sobre os anagramas não basta tomá-la sob um ponto de vista preestabelecido, seja este o da poesia ou da linguística. Na realidade, esse ponto de vista é mais um conjunto de reconstruções e de retomadas quanto são os laços que atravessam as diversas produções saussurianas. De fato, são caminhos teóricos que se cruzam e que podem direcionar o pesquisador para um lugar

¹²³ Em seu trabalho, Siscar (1997) retoma o trabalho de Arrivé (1991) para correlacionar a linearidade da fala, sob uma perspectiva temporal, à questão do tempo na diacronia, expondo que a quebra da linearidade (temporal) aproxima-se da sincronia no pensamento saussuriano. Entretanto, é fato que o tempo linear (do signo) também se insere na perspectiva sincronia, visto que a fala também pertence a um 'estado de tempo'.

em que os conceitos ora podem estar finalizados como também podem estar em construção.

É certo que o movimento de Saussure na fundação da linguística foi marcado não somente pelos cursos de linguística geral, ministrados em Genebra, mas também por pesquisas no campo da poética, pela análise de diversos textos e poemas latinos, fossem eles de escritores clássicos ou modernos. De certa forma, essa ‘fuga’ de Saussure do campo da linguística para as análises poéticas é retratada pelos estudiosos ora como sendo uma produção marginal, ora como oposta ao CLG, embora haja aqueles que situam encontros possíveis entre ambas as produções.

De fato, no tópico *ecos esparsos* é possível questionarmos até que ponto se pode considerar os anagramas de Saussure como uma produção marginal em seus estudos sobre a língua. No segundo tópico, *rumos diferentes*, há uma relação prospectiva entre ambas as produções: os anagramas permitem pensar outras possibilidades teóricas, de certo modo pouco elaboradas ou mesmo ausentes no *Curso de Linguística Geral*, como a noção de fala ou mesmo da relação língua – poesia? Já em *caminhos que se cruzam* é possível entrever uma tensão (cf. DE LEMOS, 1995) existente entre a produção sobre os anagramas e o CLG, tensão esta que não produz *dualidades* ou *oposições*, mas que se inscreve no percurso da fundação da linguística moderna.

A partir dos direcionamentos dados pelos autores discutidos nesse capítulo, procuraremos observar e analisar, no próximo capítulo, como as questões de língua, fala e de linguagem podem ser correlacionadas entre ambas as produções saussurianas, CLG e anagramas.

CAPÍTULO 3

A linguística saussuriana e os anagramas: um encontro na fundação da linguística moderna

3.1 – Introdução

Os apontamentos estabelecidos no capítulo anterior permitiram-nos perguntar se os anagramas conteriam ou não o gérmen da fundação da linguística moderna. Nesse sentido, propomos, a partir dos conceitos pilares na fundação da linguística moderna¹²⁴, buscar como esses conceitos se relacionariam à produção saussuriana no campo da poética. De certo modo, se tomarmos como característica dessa relação o fato de que o encontro entre a poesia e a linguística em Saussure ocorre num momento de fundação de um campo científico, é possível anteciparmos que, nesse momento, haverá conceitos bem definidos, enquanto outros estarão em construção. Nesse sentido, a pergunta norteadora para esse capítulo é: se Saussure lançou as bases para a fundação da linguística, qual seria o papel de mais de uma centena de cadernos sobre a poesia greco-latina nessa fundação?

3.2 – A diacronia e a sincronia nos anagramas de Saussure

De acordo com Starobinski (1974), uma das diferenças entre os manuscritos saussurianos sobre as lendas e os manuscritos sobre os poemas greco-latinos era a de que, enquanto nos primeiros manuscritos a abordagem diacrônica era o método principal¹²⁵, nos anagramas, as análises poéticas tenderiam para um viés sincrônico, induzindo, por fim, Saussure ainda mais na direção do objeto língua¹²⁶.

Se, por um lado, o mestre genebrino estava bastante consciente das duas abordagens que se estendiam no caminho da linguística, isto é, a sincronia e a diacronia,

¹²⁴ Conceitos esses como a noção de sincronia, língua, signo, teoria do valor e outros conceitos associados.

¹²⁵ De acordo com Starobinski (1974), a produção saussuriana sobre as lendas tinham como objetivo investigar as mudanças e ou a continuidade dos símbolos míticos no curso da história, buscando um paralelo entre a ficção e a realidade

¹²⁶ Cf. Capítulo 2, tópico ‘Caminhos que se cruzam’.

por outro era necessário escolher qual seria o caminho que a linguística tomaria¹²⁷. Nesse sentido, poderia ele buscar fundamentos nos poemas e textos gregos ou latinos, para refinar suas elaborações em direção ao objeto língua? De certo modo, a resposta é afirmativa, visto que, conforme Saussure concluíra no curso III, de acordo com as anotações de Constantin, a Linguística deveria dar

[...] attention à n'importe quel idiome, obscur ou fameux, et de même à n'importe quelle période, ne donnant pas une préférence par exemple à ce qu'on appelle une "période classique", mais donnant un intérêt égal aux périodes dites de décadence ou archaïques.¹²⁸ (*apud* ENGLER, 1968, p. 19).

Nesse sentido, a produção saussuriana sobre os anagramas, ao retomar textos gregos e latinos de épocas diferentes (tempos arcaicos, clássicos e contemporâneos) fazia jus a essa tarefa, em abordar textos de qualquer período histórico. Assim, na produção poética, Saussure parece não escolher apenas o caminho da sincronia, visto que a própria seleção de textos já indicava que uma abordagem diacrônica era necessária para a compreensão do fato anagramático.

Contudo, o fato de escolher textos de diferentes datas para suas análises poéticas era tão evidente quanto o fato de que, durante 1906 e 1909, Saussure elaborava considerações importantes no campo da linguística sincrônica. Mais do que isso, desde as conferências de 1891, Saussure já se perguntava qual seria o verdadeiro objeto da linguística, deixando entrever que o fato linguístico deveria partir da análise da língua em si mesma, e não da comparação entre línguas, visando recompor uma suposta língua mãe. Assim, durante anos, Saussure interrogara a linguagem, ora pelo viés diacrônico, ora pelo sincrônico, chegando, enfim, à conclusão de que deveria optar pela abordagem sincrônica.

De início, é possível colocarmos que, mesmo ciente de que a linguística deveria trilhar o caminho da língua, por meio da sincronia, Saussure interrogava os anagramas nos poemas como um fato de linguagem, utilizando-se, para essa interrogação, de duas abordagens, a diacronia e a sincronia. De fato, autores como Starobinski (1974) e Campos (1986) perceberam que havia alguns aspectos que qualificavam a análise saussuriana na poesia numa perspectiva diacrônica, enquanto outros, como Siscar (1997) e Silva (2009) visualizaram aspectos da teoria sincrônica de Saussure nessa

¹²⁷ Tal colocação é exposta por Saussure (1970, p. 28), quando mostra que, entre o estudo da língua e o estudo da fala, "Cumprir escolher entre dois caminhos impossíveis de trilhar ao mesmo tempo; devem ser seguidos separadamente".

¹²⁸ Tradução nossa: "[...] atenção a qualquer idioma, obscuro ou famoso, e também a qualquer período, não dando um "período Clássico", mas dando um interesse igual aos períodos ditos de decadência ou arcaicos".

produção. Aliás, alguns autores, como Calvet (1975) e Lopes (1993), viram nessas produções saussurianas um fato de *parole*.

Daí, a necessidade de se perguntar, pelas vias conceituais que engendram as mudanças e os estados da língua, em que lugar, se sincronia ou diacronia, os anagramas estariam situados, ou se haveria aspectos de ambas as abordagens. De acordo com Saussure,

La *linguistique statique* “se trouvera” s’occuper de **rappports** “logiques” et psychologiques “**entre termes**” **coexistants**, “tels qu’ils sont” aperçus par la même conscience collective (dont du reste la conscience individuelle peut donner l’image) et formant un système. La *linguistique évolutive* au contraire s’occupera de rapports **entre termes successifs**, se remplaçant **les uns les autres**, non soumis à une même conscience, et ne formant pas entre eux de système. (**grifos do autor**) (*apud* ENGLER, 1968, p. 317).¹²⁹

Nessa passagem, Saussure mostra que, enquanto a linguística sincrônica se ocupa das relações entre os termos que formam um sistema, a linguística diacrônica ocupar-se-á das relações entre termos que se sucedem e que se substituem no tempo, ou seja, as mudanças fonéticas, sem formarem um sistema entre si. É importante notar que, se nos estudos diacrônicos a ideia de ‘sucessão’ de unidades linguísticas e a busca pela origem das línguas-mães¹³⁰ são características fundantes nesse método, na perspectiva sincrônica o que opera é a noção de sistema, ausente em qualquer abordagem diacrônica.

Nesse sentido, podemos apontar que o aspecto diacrônico ‘busca pela origem das causas’ nas produções saussurianas sobre os anagramas, configura-se a partir da interrogação sobre a origem do fato anagramático, ou seja, se este era intencional. Essa interrogação pode ser resumida em duas direções (*apud* STAROBINSKI, 1974, p. 42):

- a) A razão *pode ter residido* na ideia religiosa de que uma invocação, uma prece, um hino, só produziria efeito com a condição de misturar as sílabas do nome divino ao texto.

¹²⁹ Tradução nossa: A *linguística estática* tratará de se ocupar das relações ‘lógicas’ e psicológicas ‘entre termos’ coexistentes, “tais como são” percebidos pela mesma consciência coletiva (porque, de resto, a consciência individual pode revelar a imagem) e formando um sistema. A *linguística evolutiva* ao contrário se ocupará das relações entre termos sucessivos, trocando uns pelos outros, não submissos a uma mesma consciência, nem formando um sistema entre si.

¹³⁰ É importante lembrar que esse fora o foco da Gramática Comparada que, em sua abordagem diacrônica, buscava cotejar as diferenças e similaridades entre duas ou mais línguas, objetivando encontrar uma língua de origem comum entre as línguas comparadas (*cf.* PAVEAU e SARFATI, 2006). Contudo, Saussure era consciente da impossibilidade de estabelecer um ponto genético comum entre as línguas e de precisar em que momento as mudanças fonéticas tomavam lugar no curso da história. Deste modo, configuravam-se então, dois saberes impossíveis nos estudos da linguagem: a origem das línguas e o momento de uma mudança fonética.

b) A razão *pode ter sido* não religiosa, e puramente poética: da mesma ordem que aquela que preside, aliás, as rimas, as assonâncias etc.

Nesse sentido, a questão é: por que Saussure sempre pergunta se os anagramas eram intencionais ou não, de tal modo que, no fim dessas pesquisas, o mestre questionaria o poeta Pascoli sobre isso? Essa pergunta revela que, ao contrário do impossível sobre a origem das línguas, um poeta seria alguém que poderia saber sobre a causa do fato anagramático, fosse ele intencional ou não. Mas Pascoli não respondeu a segunda carta de Saussure sobre a intencionalidade do fato anagramático. Para Saussure, o fato anagramático facilmente poderia ser um artifício consciente do poeta. Em alguns momentos, Saussure se convence dessa possibilidade, como, por exemplo, ao expressar que

É sobre fragmentos do anagrama, tomado como quadro e como base que se começava o trabalho de composição. E que não se proteste porque mais de um poeta francês confessou que a rima não somente não o incomodava, mas o guiava e o inspirava, e dá-se exatamente o mesmo a propósito do anagrama (*apud* STAROBINSKI, 1974, p. 86).

Entretanto, por mais que seus pares ou interlocutores concordassem com suas análises poéticas, a questão da intenção poética do anagrama nos poemas permaneceu uma incógnita para Saussure. Ainda que essa incógnita seja da ordem de um impossível de saber nos anagramas, é possível inferir que esse fato poético está associado a uma espécie de criação, seja ela fortuita ou desejada.

Um dos processos de criação linguística que há no domínio da linguagem é a analogia. Para Saussure (1970, p. 187), uma “[...] *forma analógica é uma forma feita à imagem de outra ou de outras, segundo uma regra determinada.*”¹³¹. Além disso, Saussure mostra que a analogia “[...] é mais viva e mais fértil na criança porque sua memória ainda não teve tempo de armazenar um signo para cada ideia e, por conseguinte, ela se vê obrigada a confeccionar, a cada instante, esse signo” (ELG, 2002, p. 140).

De fato, uma criança aprende que, quando o sol está brilhando, ela deve usar o sintagma *hoje está ensolarado*. Entretanto, a criança pergunta: ...e quando está

¹³¹ Além disso, Saussure (1970) mostra que, no processo analógico, a forma antiga coexiste durante certo tempo com a nova forma. É somente após o uso social dos signos que a língua, enquanto sistema, estabelecerá qual delas irá permanecer, enquanto a outra forma deixará de figurar na língua. Entretanto, Saussure expressa que, para muitos, a analogia aparenta ser uma mudança e não uma criação, mas, pelo fato de ambas as formas coexistirem na língua durante certo tempo, isso mostra que a nova forma é uma ‘criação’ e não uma evolução fonética. Definindo a analogia como fato sincrônico, porque os editores inseriram a analogia na *Linguística Diacrônica*? Nem a *Edição Crítica de Engler* (1968) nem a *Edição crítica de De Mauro* (1974) fornecem uma resposta para essa questão. Uma hipótese possível de se formular baseia-se no fato de que, mesmo como um fato de língua, a analogia pode ser utilizada, dentre todos os fatos sincrônicos, como a que mais alude aos processos evolutivos das línguas.

chovendo..., pode-se falar *hoje está enchuvarado*? Nesse exemplo, a criação analógica, a partir do vocábulo *enchuvarado*, embora ocorra a partir de um ato de fala, associa-se com outros termos do sistema linguístico: *ensolarado*, *endiabrado*, *encharcado* etc. Tal como exposto por Saussure, a criança cria esse novo termo, mas também questiona a um adulto se esse mesmo termo pode ser verbalizado cotidianamente. Ao receber uma resposta negativa, a criança percebe que isso só pode ser justificado pelo fato de haver uma convenção social necessária que impede ou permite o uso de um determinado signo.

Mas a questão da ‘intenção criativa’ que permeia a fala da criança no processo analógico é, de fato, mais involuntária do que inteiramente intencional, no sentido de a criança pretender criar novos termos para a língua. Assim, o termo ‘involuntário’ é mais adequado do que ‘intencional’, pelo fato de a criança ainda estar em processo de aquisição dos signos de sua língua materna e, num átimo de percepção, indagar a outro se tal termo pode ou não ser usado.

Se o anagrama for intencional, a diferença entre o anagrama e o processo analógico reside na não-intencionalidade da criança, caso contrário, ambos os processos seriam bastante semelhantes. Para se ter uma ideia dessa aproximação, a criação do anagrama se baseia no que Saussure nomeou de ‘hipograma’, cujo conceito é “[...] sublinhar um nome, uma palavra, esforçando-lhe para repetir-lhe as sílabas, e dando-lhe assim uma segunda maneira de ser, fictícia, acrescentada, por assim dizer, à forma original da palavra” (*apud* STAROBINSKI, 1974, p. 24).

De modo similar, o processo analógico se define por ‘imitar’ uma forma já existente. Assim, ambos os fatos, anagrama e analogia, remetem a outra forma já instituída: na analogia, a um signo; no anagrama, à palavra-tema. De igual modo, ambas as criações estão situadas no espaço das possibilidades da língua.

De certa forma, o fato anagramático pode ser visto como uma imitação ou uma analogia da palavra-tema, de modo que seria justa a definição de Starobinski (1974, p. 25), em que “O ‘discurso’ poético não será, pois, senão a segunda maneira de ser de um nome: uma variação desenvolvida que deixaria perceber, por um leitor perspicaz, a presença evidente (mas dispersa) dos fonemas condutores”.

Assim como a criação analógica não elimina a forma precedente, o hipograma não anula a palavra-tema, indicando, antes de tudo, a forma que lhe serve de inspiração. Nesse sentido, o fato anagramático segue certas regras linguísticas, tendo como norte o signo presentificado na palavra-tema. Além disso, tal como a analogia, que opera sob o

campo das possibilidades que a língua permite e está sempre à margem da fala¹³², o fato anagramático coloca em jogo tanto a língua quanto o poeta.

Sendo, entretanto, um fato não intencional, o anagrama poderia ser abordado pelo mesmo prisma das mudanças fonéticas, ou seja, pelo fato de serem *contingenciais* e *acidentais*. Conforme análise de Silveira (2004), mesmo que um determinado elemento entrasse acidentalmente na língua, se de fato esse elemento fosse inscrito, ele automaticamente faria parte essencial desse sistema. Assim, qualquer fragmento fonêmico (dífono, trífono ou monófono) que remetesse a uma palavra-tema exterior ao poema poderia figurar nesse contexto de modo contingente, isto é, sem que o poeta tivesse intenção de selecionar as palavras que remetessem, obrigatoriamente, à palavra-tema.

Na realidade, se a questão da intencionalidade poética fazia sombra sobre as pesquisas de Saussure no campo da poética, o fato é que ele prosseguia sem hesitar, na busca pelas regras que pudessem justificar a existência do fato anagramático. Entretanto, como as análises tinham como objetivo encontrar os fonemas hipogramáticos, Saussure observava até mesmo como um determinado fonema figurava no latim arcaico, comparando com a forma atual desse fonema. Em uma dessas análises, Saussure observa:

Se o fragmento é autêntico, perguntamos não somente por que caminho ele conseguiu chegar até Tito Lívio em sua textualidade, mas também sob que forma, do ponto de vista da *língua*, este fragmento foi oferecido ao historiador antes que ele nos fosse traduzido no latim do século de Augusto. O desvio das formas linguísticas, se imaginamos realmente que a composição seja de 396 ou 397, é uma incógnita que torna paradoxal todo o resto, como a conservação do texto em uma sequência clara e inteligível, e em versos, em grande parte, aceitáveis como *saturninos*. (*apud* STAROBINSKI, 1974, p. 48)

Para Saussure, alguns poemas ofereciam a dificuldade em se encontrarem as formas linguísticas que de fato comporiam o anagrama. Nesse sentido, a recomposição do hipograma, a partir das *formas linguísticas arcaicas*, era uma tarefa praticamente impossível. Para Calvet (1975, p. 34), Saussure se depara com uma dificuldade filológica, visto que “[...] a língua latina evoluiu e toda pesquisa anagramática deve

¹³² Segundo Saussure (1970 p. 192), é na esfera da fala e à “[...] margem da língua, que convém surpreender primeiramente o fenômeno.” Nesse sentido, embora sendo fato de língua, sua gênese decorre de um ato de fala. Vemos que, no momento inicial do processo analógico, é preciso que o falante improvise um termo que, embora inexistente no sistema, obedeça aos princípios gramaticais e de valores que a língua permite. Assim, a analogia é inaugurada a partir da fala, porém essa inauguração somente pode ser realizada se o sistema linguístico permitir (ver também ref.: CLG, 1970, p. 192).

precisamente ter em conta essa evolução: se as vogais mudaram, por exemplo, como encontrar as vogais dos anagramas?”

Entretanto, o conhecimento das formas arcaicas também era imprescindível nas análises poéticas. Em outro ponto, Saussure expressa que “Todos os *ũ* por *õ* devem ser supostos ainda (em 397) no estado de *õ*. (Talvez, entretanto, alguns *ũ* por *õ*?).” (*apud* STAROBINSKI, 1974, p. 48). Embora Saussure retornasse no tempo, buscando recompor as formas arcaicas dos textos, numa abordagem diacrônica, é possível entrever que essas análises se caracterizavam por um processo que visava estabelecer relações entre os fonemas de um sistema arcaico. Não parecia, exatamente, que o objetivo era buscar como um determinado fonema evoluiu no tempo, mas, por um processo reverso, visualizar as formas fonêmicas que uma vez figuravam no sistema arcaico.

Contudo, embora o foco de Saussure não opere exatamente sobre aspectos fonético-evolutivos dos fonemas hipogramáticos, o fato é que a comparação textual é uma característica dos anagramas. Se observarmos o conteúdo das cartas, é possível constatar não apenas uma sequência, mas também algumas retomadas de conteúdos abordados em outros textos. Nesse sentido, a comparação é essencial para a certificação das regularidades: da mesma forma que Saussure comparava, entre duas línguas ou mais, como um determinado fonema evoluiu nessas línguas, o mestre genebrino também comparava os textos poéticos para certificar-se da regularidade do fato anagramático.

O trabalho de Béguelin (1990), *Des formes observées aux formes sous-jacentes*, aponta para a possibilidade de pensar as produções saussurianas não como descontínuas, mas que se interligam teoricamente. Esse trabalho interessa na medida em que deixa entrever elos que podem existir dentro de uma mesma produção, ou entre produções, na relação diacronia-sincronia. Um termo que se deve destacar na relação entre essas duas perspectivas é o termo *reconstrução*, que para Béguelin foi uma temática do *Mémoire* (1878) assim como de outros artigos de Saussure, como o *Essai* (1872).

Nesse sentido, a reconstrução de formas indo-européias está baseada na busca das raízes morfológicas, em que Saussure recompõe raízes de palavras em sequências compostas de três fonemas, por exemplo, kak. Kap. Kat. Béguelin (1990) observa que as reconstruções saussurianas possuem duas características metodológicas assaz interessantes: a) seleção de um conjunto de unidades e b) *abstração* das possíveis características dessas unidades no conjunto sistêmico do indo-europeu.

Para Béguelin (1990, p. 25), esses aspectos metodológicos, principalmente o fator de *abstração*, serão “[...] plus tard à la base du concept synchronique de *langue* comme “système que ne connaît que son ordre propre”, comme “tout en soi” et “principe de classification”, comme système d’oppositions non donné d’avance, mais construit par un “point de vue”. (CLG, pp. 43, 25, 23)¹³³.

Assim, essa autora expressa que, nos anagramas, se observa o modo como Saussure seleciona as unidades, estabelecendo leis que conduzem à recomposição do hipograma. A diacronia, seja nos trabalhos da década de 1870 ou nos anagramas, aparece então perpassada por um fio metodológico sincrônico. A reconstrução diacrônica

[...] comporte en effet deux cas des figure: tantôt elle restitue l’unité phonétique perdue, ou encore le lien grammatical entre deux formes que l’évolution historique a rompu; tantôt, les cas échéant, elle décele derrière une unité quelconque les formes précédemment différenciées dont elles constituent le syncrétisme. (BÉGUELIN, 1990, p. 27)¹³⁴.

É impossível, portanto, buscar a reconstrução de formas isoladas, visto que a reconstrução ocorre somente a partir de elos gramaticais entre duas ou mais formas. Para apoiar essa consideração, Béguelin (1990) retoma uma passagem bastante ilustrativa do CLG (1970, p. 256), em que

A comparação linguística não é, portanto, uma operação mecânica; ela implica a confrontação de todos os dados capazes de propiciar uma explicação. Mas deverá sempre rematar numa conjuntura contida numa fórmula qualquer e que vise a restabelecer alguma coisa anterior; a comparação resultará sempre numa reconstrução de formas.

Embora, nos anagramas, o objetivo não seja reconstruir formas latinas ou gregas, é possível ver, a partir das considerações acima, que o foco das análises poéticas é justamente a reconstrução de nomes cifrados na superfície do poema. Se nas análises indo-européias trata-se de reconstruir formas subjacentes, nos poemas as análises das formas são apenas um meio para se alcançar um fim, que é a recomposição da palavra-tema.

Com razão, Siscar (1997, p. 170) afirma que os anagramas mostram,

¹³³ Tradução nossa: “[...] mais tarde na base do conceito sincrônico de *língua* como ‘sistema que só conhece sua própria ordem’, como ‘tudo em si’ e ‘princípio de classificação’, como sistema de oposições não dado antes, mas construído por um ‘ponto de vista’”.

¹³⁴ Tradução nossa: “[...] comporta, com efeito, dois casos de figura: tanto restitui a unidade fonética perdida, ou ainda o laço gramatical entre duas formas rompidas pela evolução histórica; como, nos casos aplicáveis, detecta por trás de uma unidade qualquer as formas precedentemente diferenciadas das quais elas constituem o sincretismo”.

[...] pelas razões que se colocam, pelas suas próprias incertezas, uma interrogação importante em relação ao problema da sincronia, noção fundamental para o estudo do sistema interno das línguas desenvolvido pelo saussurianismo.

Essas incertezas não operam simplesmente no campo da prova externa, a saber, se os anagramas eram intencionais ou não, antes, porém, as incertezas se fundem na relação entre a abordagem diacrônica e o olhar sincrônico de Saussure diante do fato anagramático. Sendo assim, esse duelo entre a abordagem histórica dos anagramas e a linha de pensamento sincrônica do pesquisador não faz outra coisa senão “[...] acentuar o caráter incontornável do problema da temporalidade dentro do estudo do sistema.” (SISCAR, 1997, p. 170), cuja

[...] tentativa de uma descrição de um mecanismo anagramático equilibrado acaba colocando o problema da arbitrariedade de sua própria construção, uma vez que recorre a instancias que a excedem. É a própria tentativa de cercar a regra de cuidados que acelera a ruptura com a estabilidade de um “sistema de puros valores”.

Deste modo, é possível afirmar que a posição de Saussure diante dos poemas é análoga à do xadrezista que analisa as posições estáticas das peças de xadrez que estão diante de si. Seu posicionamento, mais do que sincrônico, é *idiossincrônico*¹³⁵, ou seja, busca situar a sincronia no tempo presente percebido pelo falante. Nessa mesma direção, a reconstrução dos elementos fonêmicos dos anagramas (considero aqui os monófonos, dífonos e trífonos) sai do âmbito histórico para figurar no conjunto de regras, leis e nomeações que Saussure elabora e instaura. Mas, de acordo com Siscar (1997), essas leis não são propriamente ‘criadas’ pelo falante, ou por Saussure, e sim leis que herdamos, tal como as línguas:

Para Saussure, como se sabe, a fala, ato individual de linguagem produzido segundo a possibilidade da língua, se liga inextricavelmente a esta última. Dentro de um determinado estado de língua, toda ocorrência da fala está prevista pelas regras que lhe são impostas. A aceitação dessas regras não depende de nós, pois a língua nos é legada, nós a herdamos a cada instante, como a uma lei. Nós nascemos dentro de uma língua, nós vivemos no interior de suas possibilidades. Toda liberdade a ser contraposta a esta espécie de prisão está fadada ao fracasso uma vez que também está prevista. Dessa forma, ela não pode ser definida propriamente como uma liberdade, pois confirma e aprofunda a lei já instalada. (SISCAR, 1997, p. 171)

¹³⁵ Para Saussure (1970, p. 106; 1989, p. 201), o termo ‘sincronia’ se aplica ao conceito de língua de um modo geral. Já o termo ‘idiossincrônico’ seria mais fiel à relação que se estabelece entre o falante e sua língua, nos casos dos dialetos e subdialetos.

A passagem anterior mostra como o falante está submetido às regras que a língua, enquanto fato social, veicula. Assim, o falante joga apenas com as regras aceitas pela massa falante. Mesmo a analogia, que opera também no campo da individualidade, se sujeita às leis impostas pela língua. Assim como em um determinado jogo, cujos jogadores não estão acima das regras, os falantes também se submetem às regras impostas pela língua. Passando a palavra para Béguelin (1990, p. 35), as análises anagramáticas

[...] a conduit Saussure à ne pas pouvoir envisager un fonctionnement libre, gratuit, non balisé par la contrainte sociale, des figures paronomastiques dans le discours. La forme sous-jacente devenait dès lors une norme, un carcan, une “mesure serrée” réglementant l’usage individuel de la parole poétique. Oscillant entre doute e certitude devant tant de tyrannie, le savant confronté aux anagrammes voyait aussi, sans doute, toute son activité intellectuelle encourir le soupçon de fantasmagorie.¹³⁶

Na realidade, os anagramas refletem exatamente um embate teórico entre o ponto de língua e o ponto de fala, naquilo que se diz de um ordenamento linguístico e uma criação do poeta¹³⁷. Por um lado, a criação poética pode ser vista como um ponto da diacronia, se a correlacionarmos ao ato individual do falante, pois “[...] *tudo quanto seja diacrônico na língua não o é senão pela fala*” (CLG, 1970, p. 115). Por outro lado, a análise das relações que o poeta estabelecia nos poemas, entre a palavra-tema e o hipograma, conduzia Saussure a ver os anagramas como um sistema, pois, em suas palavras,

Em um sistema onde nenhuma palavra poderia ser mudada sem dificultar, a maior parte do tempo, muitas combinações necessárias no que se refere ao anagrama, em um tal sistema não se pode falar dos anagramas como de um jogo acessório de versificação, eles se tornam a base, quer o versificador queira ou não, que o crítico de um lado e o versificador de outro queiram ou não. Fazer versos com anagrama é, forçosamente, fazer versos segundo o anagrama sob o domínio do anagrama (*apud* STAROBINSKI, 1974, p. 23).

¹³⁶ “[...] conduziu Saussure a não poder encarar um funcionamento livre, gratuito, não balizado pelo constrangimento social, as figuras paronomásticas no discurso. A forma subjacente se tornaria, a partir daí, uma norma, uma ‘camisa de força’, uma ‘medida fechada’ regulamentando o uso individual da fala poética. Oscilando entre dúvida e certeza diante de tanta tirania, o sábio, confrontado com os anagramas, via também, sem dúvida, toda sua atividade intelectual incorrer a suspeita de fantasmagoria”.

¹³⁷ É importante pontuar que esse embate teórico é sentido quando Saussure relaciona língua e massa falante. Nas palavras do mestre genebrino, a definição de fala enquanto ‘resto’ da língua faz desta “[...] uma coisa irreal, pois não abrange mais que um dos aspectos da realidade: o individual; é mister uma *massa falante* para que exista uma língua. Em nenhum momento, e contrariamente à aparência, a língua existe fora do fato social, visto ser um fenômeno semiológico.” Aliás, a relação entre língua e massa falante pode ser compreendida também em outras passagens do *Cours*, em que Saussure expressa que é “[...] na fala que se acha o germe de todas as modificações: cada uma delas é lançada por certo número de indivíduos, antes mesmo de entrar em uso” (CLG, 1970, p. 115), e também quando mostra que “Nada entra na língua sem ter sido experimentado na fala [...]” (p. 196).

Nessa passagem, vemos Saussure correlacionar o anagrama, enquanto um sistema de combinações, ao ato de composição do poeta. Tal como o falante se submete à língua, o poeta também escreve o poema sob o domínio do anagrama. A ‘fala poética’, enquanto possibilidade de ‘criação’ de signos, liga-se à língua pela potencialidade criativa que esta impõe àquela. Dessa forma, em Saussure, a intenção poética acha-se subordinada ao sistema do anagrama que, em outras palavras, trata da mesma lei da língua (cf. SISCAR, 1997).

De fato, a produção saussuriana retoma não somente o fato de língua, mas também o ato de fala, conforme pontuado por diversos autores, como Kristeva (1969), Calvet (1975) e Lopes (1993). Assim, tentar separar a relação que se estabelece entre diacronia e sincronia na produção saussuriana sobre os anagramas supõe o mesmo corte que Saussure operava ao delimitar a língua enquanto objeto da linguística.

Esse ponto de corte fez com que alguns estudiosos da linguagem tomassem o conceito de fala no CLG enquanto excesso e falta, conforme já expusemos.

Entretanto, vimos nesse tópico que a língua só existe pela massa falante e que toda mudança ou criação linguística possui o gérmen na fala. De fato, é inegável a língua enquanto sistema de possibilidade, porém a produção saussuriana sobre os anagramas mostram o quanto língua e criação poética, enquanto ato de fala, se ligam. Na realidade, Saussure não havia excluído a fala em suas produções, pois é através da ligação entre a massa falante que a língua opera.

O que de fato pode se perceber, na relação entre a produção saussuriana do CLG e dos anagramas, e até mesmo entre outros estudos, como o *Essai* (1872) e o *Mémoire* (1878), é “[...] le lien qui existe entre sés diverses facettes.”¹³⁸ (BÉGUELIN, 1990, p. 22), e não apenas considerar o mestre genebrino como facetas múltiplas. Nesse sentido, há ligação entre os anagramas e o *Cours*, pela via da diacronia e da sincronia, bem como na relação entre a criatividade poética e as possibilidades infinitas que a língua permite, sejam estas já existentes ou em estado potencial.

Na realidade, a intenção poética, ainda que jamais confirmada, é simplesmente um ponto sobre o qual Saussure buscara sustentar a veracidade das pesquisas. Contudo, essa impossibilidade não o impediu de observar que determinados fonemas pudessem

¹³⁸ Tradução nossa: “a relação que existe entre suas várias facetas”.

ser agrupados, a partir de regras específicas, mostrando a existência de palavras sob palavras¹³⁹.

Desse modo, os limites entre a fala – aqui compreendida não como um conjunto de noções fisiológicas, mas sim no âmbito da criatividade poética – e a língua – compreendida como um sistema de signos e fonemas no poema – se tocam e até se confundem nas produções saussurianas sobre os anagramas. Assim, as produções saussurianas no campo da poética de certa forma não produzem exclusões de outras produções conhecidas sob a égide da linguística, como o *Cours de Linguistique Générale*.

Assim, os breves aspectos teóricos sobre diacronia e sincronia, a partir do *Curso de Linguística Geral*, observados na produção saussuriana sobre os anagramas, permitem-nos avançar para outros conceitos discutidos em ambas as produções, tais como: a) O princípio da arbitrariedade; b) A linearidade do signo linguístico; c) A noção de forma em Saussure e, c) Teoria do valor. Sendo assim, passo às análises desses conceitos linguísticos, a fim de observar como eles contracenam com os conceitos propostos por Saussure em suas análises no campo poético.

3.3 – O princípio da arbitrariedade no fato anagramático

O princípio da arbitrariedade do signo linguístico em Saussure é um tema bastante revisitado. Percebe-se uma tentativa de discutir esse tema com mais pertinência a partir de Benveniste (1995), em seu trabalho intitulado *Problemas de Linguística Geral I*, passando por uma série de autores que procuram analisar esse princípio no pensamento saussuriano¹⁴⁰. É fato que a noção de arbitrário¹⁴¹ na teoria saussuriana reacende debates concernentes à referência na linguagem, e que esses debates, na maioria, pautam-se sob o fato de Saussure ter excluído o referente do sistema linguístico.

¹³⁹ Ressalto que a expressão ‘palavras sob palavras’ advém do trabalho de Jean Starobinski (1974).

¹⁴⁰ Dentre esses autores podemos citar Pichon (1937), Normand (2004), Arrivé (2007), Harris (2008), Silva (2008), Depecker (2009), e outros.

¹⁴¹ De fato, a noção de ‘sistema’ para o objeto língua é sustentado a partir de dois princípios do signo linguístico: o princípio da arbitrariedade e o princípio da linearidade. Nas palavras de Saussure (1970, p. 81), “O laço que une o significante ao significado é arbitrário [...]”, pois não há nenhum motivo que justifique a relação que opera entre uma ideia e respectiva imagem acústica. A ideia de ‘árvore’ não representa ou não sugere que o significante seja exatamente a sequência acústica *á-r-v-o-r-e*, tanto é que isso culmina na diversidade de línguas existentes. Esse princípio, apenas delineado em Whitney (1875[2010]), é por sua vez teorizado em Saussure como aspecto essencial na elaboração dos fatos de língua, visto que, por ela, a língua não é uma nomenclatura, elevando-a assim, ao patamar de sistema de signos em sua ordem própria.

Porém, o objetivo desse tópico não é discutir essa exclusão, mas refletir e analisar como esse princípio pode se correlacionar aos estudos de Saussure no campo da poética. Para tal, o aporte teórico é constituído pelo *Curso de Linguística Geral* e respectivas edições críticas (Engler [1968] e De Mauro [1974]), pela própria produção saussuriana sobre os anagramas, sob a apresentação de Starobinski (1974), além de alguns autores que indicaram a correlação entre ambos os anagramas e a arbitrariedade, como Jakobson (1971), Campos (1986) e Barreto (2010).

De início, é importante destacar a relação que o princípio da arbitrariedade possui com o *movimento das línguas no tempo*¹⁴². De fato, Saussure (1970, p. 176) mostra que as “[...] modificações fonéticas se devem à qualidade do signo linguístico, que não tem nenhum vínculo com a significação.” É interessante observar que a anotação¹⁴³ de Riedlinger amplia essa passagem do *Cours*: “Ce caractere des modifications phonétiques d’être incalculable et illimitées vient de la qualité arbitraire du symbole phonétique qui n’a aucun lien avec la signification du mot” (*apud* ENGLER, 1968, p. 344).¹⁴⁴

Assim, toda mudança da língua no tempo se dá justamente pela natureza arbitrária do signo linguístico. Para Saussure, “Uma língua é radicalmente incapaz de se defender dos fatores que deslocam, de minuto a minuto, a relação entre o significado e o significante. É uma das consequências da arbitrariedade”. (CLG, 1970, p. 90).

Na realidade, pode-se afirmar que a arbitrariedade é, ao mesmo tempo, o elo forte e o elo fraco do sistema linguístico: se a partir desse princípio a língua fica à mercê da massa falante e do tempo no curso da história, decorrendo daí as mudanças fonéticas, é também pelo fato de os signos serem arbitrários que se pode falar de continuidade desses signos como também de relações de valores, tal como no ato de criação analógica. Assim, a arbitrariedade da língua é sua característica mais radical, além de ser uma das pontes entre a perspectiva diacrônica e a sincrônica, estabelecida a partir de uma característica do signo linguístico, em uma mudança ou criação linguística.

Contudo, a perspectiva diacrônica dos anagramas não está baseada simplesmente nas comparações de possíveis mudanças fonêmicas dos poemas, mas sim no ponto em que a intenção do poeta se faz presente como criação poética, que margeia a fala. Nessa perspectiva, inscreve-se a possibilidade de novas construções de signos, tal como

¹⁴² O ‘movimento das línguas no tempo’ foi um dos temas desenvolvidos por Saussure, durante as três conferências em Genebra, no ano de 1891. Nesse tema, Saussure desenvolveu o princípio da *mutabilidade* das línguas, ou seja, de que sempre há transformações linguísticas.

¹⁴³ Essa anotação é do primeiro curso e nele já percebemos aquilo que Saussure definiria somente no terceiro curso, em se tratando do princípio da arbitrariedade do signo linguístico.

¹⁴⁴ “Esse caráter das modificações fonéticas de serem incalculáveis e ilimitadas vem da qualidade arbitrária do símbolo fonético, que não tem nenhuma ligação com a significação da palavra”.

exposto por Lopes (1993). Assim, é possível falar em mudanças nos anagramas a partir desse ato de construção, que transforma uma palavra-tema num outro modo de ser dessa palavra no poema, sendo nomeado por Saussure de hipograma.

Deste modo, a mudança que a palavra-tema sofre, na criação poética, para a nova forma de ser (o hipograma), somente é realizada sob o princípio da arbitrariedade do signo. Esse princípio permite ao poeta trabalhar os fonemas da palavra-tema, transmutando a numa segunda maneira de ser. Nessa direção, Jakobson (1971, p. 12) expressa que “O anagrama poético transpõe as duas “leis fundamentais da palavra humana” proclamadas por Saussure, a do vínculo codificado entre o significante e seu significado, e a da linearidade dos significantes”.

Para Saussure (1970), se a língua fosse uma nomenclatura, as mudanças nas línguas seriam desnecessárias ou, até mesmo, inexistentes. Não haveria o curso diacrônico, mas sim um único estado sincrônico, fixo. Poderia se perguntar se haveria poesia sem o princípio da arbitrariedade, sob o qual o poeta pode criar novas palavras¹⁴⁵? De fato, o vínculo entre o significante e o significado da palavra tema é transposto justamente pelo fato de operar o princípio da arbitrariedade do signo linguístico.¹⁴⁶

Entretanto, a perspectiva de Campos (1986, p. 65) aponta que a ‘função anagramática’ não é arbitrária pelo fato de ser “[...] determinada pela palavra-geratriz – o “hipograma”¹⁴⁷ ou “paramorfe” – e seus avatares ou transformismos, concentrados ou dispersos [...]”. Assim, a relação não-arbitrária que se estabelece sob a perspectiva de Campos ocorre na relação entre a palavra-tema e o hipograma. Em outras palavras, o hipograma aparece nos versos do poema tendo como referência exterior a palavra-tema.

A proposta de Campos (1986), de que o anagrama é motivado não aniquila a possibilidade de o anagrama ser arbitrário. Se retomarmos a definição de arbitrário, em que “O laço que une o significante ao significado é arbitrário [...]” (SAUSSURE, 1970, p. 81), de tal modo que a “[...] ideia de ‘mar’ não está ligada por relação alguma interior à sequência de sons *m-a-r* que lhe serve de significante.”, é possível notar a ênfase de Saussure na relação entre significante e significado, de modo que, sendo uma palavra-tema ou um hipograma, estaria submetida a esse princípio.

¹⁴⁵ O artigo “As criações lexicais nos poemas eróticos de Carlos Drummond de Andrade”, de Cardoso (2011), expõe e analisa criações poéticas de Drummond, como as palavras *lambilenta*, *lambente*, etc., sendo bastante ilustrativo para essa relação existente entre o poeta e a língua.

¹⁴⁶ A título de ilustração da arbitrariedade do signo linguístico, há exemplo de mudança linguística das palavras latinas *vervex* – *vervecarius* (ovelha – aprisco), conforme CLG (1970).

¹⁴⁷ É preciso ressaltar que a palavra-tema (palavra-geratriz) diferencia-se do hipograma, visto que o primeiro é ou são as palavras escolhidas pelo poeta e que o hipograma é o novo modo de ser da palavra-tema no poema.

Mas é possível observar que a relação estabelecida entre a palavra-tema e o hipograma é uma relação de signo para signo ou, na melhor das hipóteses, de signo linguístico para signo em construção¹⁴⁸, e não propriamente uma relação de significado e significante. Sendo assim, se considerarmos a relação palavra-tema e hipograma como duas coisas distintas (signo e signo / signo e signo em construção), tem-se aí uma aproximação com o processo analógico¹⁴⁹.

Esse processo, portanto, não exclui o princípio da arbitrariedade no fato anagramático, tal como proposto por Campos (1986), mas o insere no arbitrário relativo¹⁵⁰. É importante destacar que o primeiro parágrafo do capítulo sobre a Analogia (Capítulo IV - CLG - Terceira Parte), trabalhado pelos editores, fornece a ponte que liga a analogia ao aspecto ‘relativamente arbitrário’ do signo linguístico. Retomo esse parágrafo:

Do que procede, resulta que o fenômeno fonético é um fator de perturbação. Em toda parte onde não cria alternância, contribui para afrouxar os vínculos gramaticais que unem as palavras entre si; a soma das formas é inutilmente aumentada por ele; o mecanismo linguístico obscurece e se complica à medida que as irregularidades nascidas da mudança fonética predominem sobre as formas agrupadas em tipos gerais; por outros termos, na medida em que o arbitrário absoluto predomine sobre o arbitrário relativo [...]. Felizmente, o efeito dessas transformações é contrabalanceado pela analogia [...]. (CLG, 1970, p. 187)

Assim, enquanto a mudança fonética implica quebra de vínculos existentes entre as formas linguísticas, o processo analógico amplia as relações entre as formas, tal como no mecanismo linguístico associativo. Da mesma forma, o fato anagramático se estabelece a partir de um vínculo associativo entre a palavra-tema e o hipograma e, mais do que isso, entre a palavra-tema e o próprio poema. No fato anagramático, as relações que se fazem presentes são relativamente arbitrárias, ou seja, o hipograma é motivado arbitrariamente com relação à palavra-tema, porém ambas as formas são distintas, assim como na analogia ou na relação entre signos relativamente arbitrários.

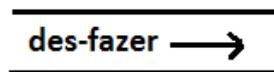
Quando Saussure trabalha com o mecanismo da língua, ele distingue dois tipos de relações: as sintagmáticas e as associativas. As relações sintagmáticas são as que

¹⁴⁸ Tomando essa noção de signo em construção da perspectiva de Lopes (1993).

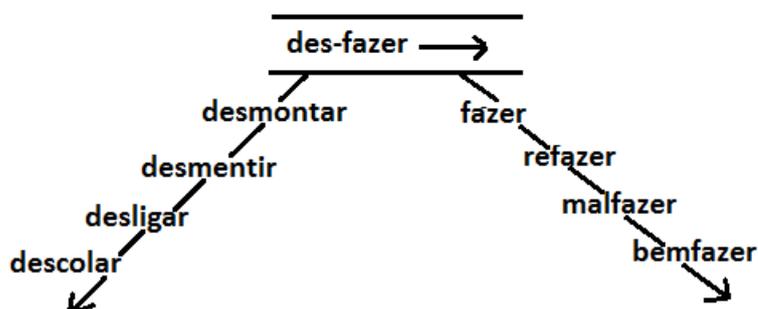
¹⁴⁹ Conforme mencionamos no tópico 3.1. A diacronia e a sincronia nos anagramas de Saussure, a analogia consiste na criação de uma nova imagem de um determinado signo. De forma análoga, o hipograma seria uma imagem que reproduz, na dimensão da não-consecutividade, a palavra-tema escolhida pelo poeta.

¹⁵⁰ Para Saussure (1970), o arbitrário relativo opera quando certas formas linguísticas possuem relação de valor necessariamente motivado a outro termo. Saussure dá o exemplo de dezenove, em que esse termo é relativamente arbitrário aos termos dez e nove.

operam na sucessão dos termos, ligadas a uma única dimensão, a própria linearidade do signo e ou sintagma, conforme figura a seguir.

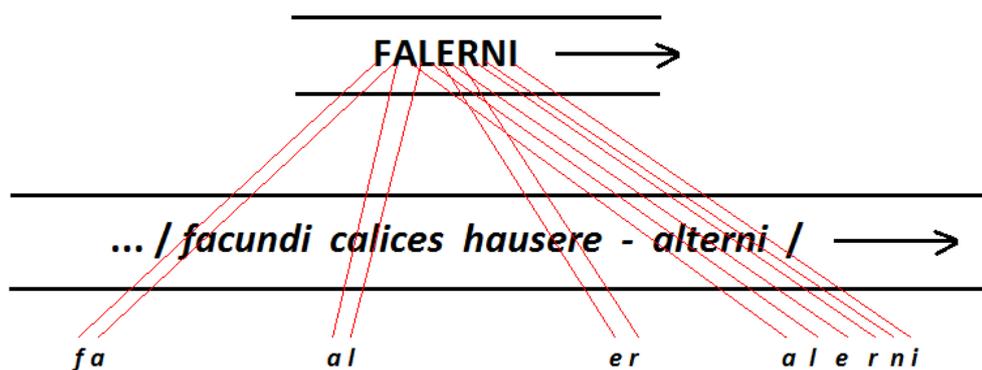


Já as relações associativas, ao se apoiarem em um sintagma, operam a partir de relações não-sucessivas, ou seja, em várias direções e ao mesmo tempo no campo da língua. Abaixo, o esquema dessas relações:



Quando se trata em afirmar a arbitrariedade do signo linguístico, pode-se surpreender quando Saussure expressa que “Apenas uma parte dos signos é absolutamente arbitrária [...]” (CLG, 1970, p. 152). Desse modo, os sintagmas (des-fazer etc.) abrem um leque infinito de relações associativas que se conectam entre si a partir das formas e ideias que carregam, apontando a própria *limitação do arbitrário* (op. cit. p. 154). De fato, a limitação do arbitrário é necessária para a continuidade do sistema linguístico, visto que a ausência de motivação “[...] conduziria à complicação suprema; o espírito, porém, logra introduzir um princípio de ordem e de regularidade em certas partes da massa de signos, e esse é o papel do relativamente arbitrário” (CLG, 1970, p. 154).

Considerando a relativa arbitrariedade que opera no mecanismo associativo, é possível observar no fato anagramático não uma ausência da arbitrariedade, mas a relativa arbitrariedade que opera no mecanismo associativo da língua. Aliás, esse fator é plausível de haver nos anagramas, pois Saussure busca também o ordenamento das formas ali existentes. Considerando a palavra-tema *falerni* como um primeiro sintagma, e o verso do poema / *facundi cálices hausere – hausere* / como um segundo sintagma, é possível ver como as formas fonêmicas fragmentadas da palavra-tema resultam em uma série de associações fonêmicas quando sobrepostas ao segundo sintagma.



Assim, embora o sintagma *falerni* seja absolutamente arbitrário, as séries fonêmicas que traspassam o segundo sintagma, permitem a recriação de uma nova forma, o hipograma, que é relativamente arbitrário, pois é criado a partir de uma forma existente. Nesse sentido, os fonemas hipogramáticos, *fa; al; er; al; erni* estão interligados associativamente à palavra-tema, como uma segunda maneira de ser do signo de partida.

Desse modo, a arbitrariedade do signo é, até mesmo nos anagramas, não somente absoluta como também relativa. E essa relativa arbitrariedade do signo linguístico opera como um mecanismo da língua, isto é, ocorre entre as formas linguísticas (signos, fonemas, etc.) do sistema e não a partir de um referencial exterior a esse sistema.

Entretanto, para Barreto (2010), essa referência exterior estaria ligada à intenção poética. Nas palavras dessa autora,

A arbitrariedade de Saussure demonstra ser uma invenção nesses parâmetros, pois para que fosse possível a ciência Linguística existir e prosseguir era necessário se fundamentar em uma verdade. Para Saussure, uma verdade absoluta? Não ousamos dizer que sim, pois ao descobrir os anagramas, vemos que Saussure indaga algo que está para além da imotivação defendida pela arbitrariedade. Haveria uma intencionalidade nas poesias escritas? Pergunta-se. Pergunta para a qual Saussure não obteve resposta. Parece-nos claro que até mesmo o próprio Saussure, em determinado momento, como por exemplo, nos anagramas, duvidou de seu mito. (BARRETO, 2010, p. 10)

Conforme apontamos, a busca pela origem do fato anagramático se situa no mesmo nível de saber a origem das línguas. Entretanto, isso não significa afirmar que, havendo essa questão impossível de se resolver, o fato anagramático se torne arbitrário. Havendo ou não uma intenção poética, o princípio da arbitrariedade nos anagramas só tem uma via pela qual se possa analisar, mesmo que para isso seja relevante a criação

poética: o caminho pelo qual Saussure seguiu na delimitação da língua enquanto um sistema de signos.

Sendo assim, o fato anagramático, se intencional ou não, opera como um fator de possibilidade de língua. A relativa arbitrariedade no fato anagramático (tal como ocorre no processo analógico) ocorre pelo fato de que as formas se associam, criando uma rede de valores que resultam na possibilidade de reconstituição de novas formas. Sendo assim, é incoerente relacionar o princípio da arbitrariedade nos anagramas, ou na teoria saussuriana, em razão do não saber sobre a origem do anagrama/intencionalidade poética.

Embora a autora tenha modalizado sua posição, a questão de Saussure ter duvidado de seu ‘mito’ da arbitrariedade nos anagramas não nos parece plausível. Conforme propomos, é a partir da arbitrariedade que se pode compreender o que Gadet (1990) nomeou de *parole créative*. Para essa autora (p. 117),

Le système crée la valeur par le jeu de deux axes de rapports en jeu dans tout acte de parole: le rapport syntagmatique et le rapport associatif, qui reflètent l’“analyse” mise en oeuvre par les sujets parlants quand ils parlent. Le jeu de l’association, et son caractère théoriquement infini, permet de Comprendre le dit comme pregnant appui sur le latent et le non-dit.¹⁵¹

Da mesma forma que a língua é uma ficção sem a massa falante, as operações que resultam das relações sintagmáticas e associativas inexisteriam sem os falantes. Se, por um lado, as mudanças fonéticas, operadas a partir dos falantes, só se efetuam em razão da arbitrariedade do signo linguístico, por outro lado, as analogias que os falantes ou mesmo os poetas criam ocorrem em concordância com esse princípio. Quando se cria um novo termo que, de certo modo, é associativo a outro, isso é um resultado do fato de a arbitrariedade ser absoluta e também relativa. Nesse sentido, o anagrama, se intencional ou não, é um resultado do jogo de formas que a língua, enquanto sistema de valores, permite.

Nesse sentido, expomos nesse tópico que o fato anagramático é regido pela arbitrariedade do signo linguístico sendo este, especificamente, relativamente arbitrário. Essa característica do anagrama mais uma vez o aproxima do processo analógico, tal como exposto no tópico anterior, apontando que o hipograma se liga à palavra-tema por uma motivação relativa, pela relação de valores que se associam no poema e permitem

¹⁵¹ Tradução nossa: “O sistema cria o valor pelo jogo de dois eixos de relações em jogo em qualquer ato de fala: a relação sintagmática e a relação associativa, que refletem a ‘análise’ colocada em prática pelos sujeitos falantes quando falam. O jogo da associação, e seu caráter teoricamente infinito, permite compreender o dito pregnantemente sobre o latente e o não-dito”.

configurar uma nova forma de ser. Além da arbitrariedade no fato anagramático, propomos analisar o segundo princípio do signo linguístico, a linearidade, a fim de o compreendermos na dimensão poética instaurada pelo anagrama.

3.4 – O princípio da linearidade na não-consecutividade do anagrama

Conforme exposto no tópico *A construção terminológico-saussuriana dos anagramas*¹⁵², a discussão que opera sobre a não-consecutividade dos fonemas hipogramáticos nos versos de um determinado poema está vinculada à lei do dífono. Para Saussure, esta lei implica dizer que os fragmentos da palavra-tema devem figurar, obrigatoriamente, em pares nos versos. É certo que Saussure trabalha com fonemas isolados (monófonos), porém estes operarão apenas como satélites¹⁵³ dos dífonos ou trífonos.

Se, por um lado, os dífonos são representantes da linearidade¹⁵⁴ – ou da consecutividade dos fonemas da palavra-tema – por outro lado, esses dífonos e ou fonemas hipogramáticos comparecerão nos versos numa outra dimensão, nomeada por Saussure de não-consecutividade. Essa dimensão do fato anagramático levanta questões quanto ao modo de presença da palavra-tema nos versos do poema:

Pode-se dar TAE por *ta + te*¹⁵⁵, isto é, convidar o leitor não mais a uma justaposição na consecutividade, mas a uma média das impressões acústicas fora do tempo? fora da ordem, que tem os elementos no tempo? fora da ordem linear que é observada se eu tenho TAE por TA – AE ou TA – E, mas não o é se eu o tenho por *ta + te* a amalgamar fora do tempo como eu poderia fazê-lo com duas cores simultâneas. (*apud* STAROBINSKI 1974, p. 34)

Antes de investigar as implicações da não-consecutividade sobre o signo linguístico, retomemos os passos delineados por Saussure, quando da construção do poema na relação com o anagrama. Assim, o poeta deve,

1. Antes de tudo, impregnar-se das sílabas e combinações fônicas, de toda a espécie que poderiam constituir o TEMA. Este tema – escolhido por ele mesmo ou fornecido por aquele que pagava a

¹⁵² Tópico 1.2 do Capítulo 1.

¹⁵³ É importante ressaltar a lei do *manequim* que, ao operar com os fonemas iniciais e finais da palavra-tema, faz com que estes funcionem como delimitadores dos hipogramas nos poemas.

¹⁵⁴ Conforme exposto no Capítulo 1, os dífonos só serão considerados se apresentarem uma sequência fonemática da palavra-tema (ex.: Palavra-tema *Afrodite* – dífonos: af; fr; od etc.).

¹⁵⁵ “Na margem *O abstrato e o concreto*” (*apud* STAROBINSKI, 1974, p. 35).

inscrição –, é composto por apenas algumas palavras, quer seja unicamente de nomes próprios, quer seja de uma ou duas palavras anexadas à parte inevitável dos nomes próprios.

O poeta deve, então, nesta primeira operação colocar diante de si, tendo em vista seus versos, o maior número possível de *fragmentos fônicos* que ele pode tirar do tema: por exemplo, se o tema, ou uma das palavras do tema é *Hercolei*, ele dispõe dos fragmentos - *lei* -, ou - *cõ* -; ou com um outro corte das palavras, dos fragmentos - *õl* -, ou *ēr*; por outro lado, de *rc* ou de *cl* etc.

2. Deve então compor seu trecho introduzindo em seus versos o maior número possível desses fragmentos, por exemplo, *afleicta* para lembrar *Herco-lei*, e assim por diante. (*apud* STABINSKI, 1974, p. 19).

A passagem acima descreve como Saussure imaginava o processo inicial do anagrama, tendo em vista a intenção do poeta na composição literária, o que permite fazer uma retrospectiva sobre o processo da anagramatização de um nome. Considerando, então, que o poeta escolhe uma determinada palavra-tema, após esta escolha, o poeta deve fragmentar essa palavra-tema em dífonos, ou trífonos, ou mesmo monófonos, e construir o edifício poético tendo em vista esse material fragmentado. As partes da palavra-tema são elementos que guiam a composição e é a partir dessas partes que o poeta também escolhe as palavras que comporão o poema.

A questão que se apresenta nesse momento é que, se antes da composição há uma palavra-tema, um determinado signo linguístico, constituído em sua unidade dual (significado e significante)¹⁵⁶, no poema esse signo se encontra fragmentado. Para alguns autores, como Kristeva (1968), Choi (1996), Wunderli (2004) e outros, o signo linguístico nos anagramas se encontra numa outra dimensão que não a linearidade habitual dos signos na língua. É possível compreender essa nova dimensão, nomeada de não-consecutividade, como sendo um processo que “[...] camoufle ainsi le mot-thème et empêche sa lisibilité directe” (CHOI, 1996, p. 244)¹⁵⁷.

De fato, o princípio da linearidade é uma lei inegável do signo linguístico e está ligado ao caráter temporal e de sucessão que cada unidade, seja fonema ou o signo, possui na cadeia da língua e na realização da fala. Recapitulando¹⁵⁸ o conceito de linearidade em Saussure, esse princípio encerra duas características: “a) *representa uma extensão* e b) *essa extensão é mensurável numa só dimensão: é uma linha.*” (CLG, 1970, p.

¹⁵⁶ No capítulo do CLG intitulado “Natureza do signo linguístico”, Saussure (1970, p. 80) afirma que o signo linguístico “[...] une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica.”, sendo que ambas as partes são psíquicas. Posteriormente, Saussure nomeia o conceito de significado e a imagem acústica de significante. No signo, os “[...] dois elementos estão intimamente unidos e um reclama o outro.” (SAUSSURE, 1970, p. 80). Trata-se, portanto, de uma relação de mão-dupla, isto é, além de ser composto por duas partes, o signo também é o que promove a junção entre ambas.

¹⁵⁷ Tradução nossa: “[...] camufla assim a palavra-tema e impede sua legibilidade direta”.

¹⁵⁸ Cf. Capítulo 1, tópico 1.3.3 – Anos 1908 - 1909: refinamento e fim das pesquisas anagramáticas.

84). De acordo com Saussure (1970), esse princípio, apesar de essencial, é muitas vezes, ignorado. Se o leitor não observar atentamente, deixará passar despercebida a seguinte afirmação saussuriana: “Todo mecanismo da língua depende dele [...]” (p. 84) ¹⁵⁹.

Conforme já abordado¹⁶⁰, essa extensão linear habitual da palavra-tema é suspensa apenas parcialmente no fato anagramático, pois, conforme se observa na lei do dífono, esses elementos fonemáticos aparecem em pares consecutivos. Entretanto, para Wunderli (2004, p. 179),

[...] o princípio da linearidade é abolido a partir do início em relação à sequência dos dífonos ou polífonos porque que o anagrama de Saussure não é compacto; seus elementos estão dispersos através do texto básico. Isso afeta o princípio da linearidade tanto que os dífonos/polífonos estão separados uns dos outros por elementos que não pertencem ao anagrama. ¹⁶¹

Nesse sentido, o ponto de vista de Wunderli (2004) se pauta sob uma completa suspensão da linearidade no anagrama saussuriano, pois os fonemas hipogramáticos se encontram mesclados com outros fonemas exteriores à palavra-tema. Em outras palavras, os fonemas que não fazem parte do anagrama interrompem a linearidade e a respectiva sucessão dos fonemas hipogramáticos. Assim, a não-consecutividade do fato anagramático, compreendida na fragmentação, na dispersão dos fonemas hipogramáticos “[...] representa a mais evidente violação do princípio da linearidade” (WUNDERLI, 2004, p. 179) ¹⁶².

Para esse autor, a violação da linearidade do signo (palavra-tema) implica a perda do elo que liga o significado ao significante. Wunderli (2004, p. 180) é ainda mais radical, ao destacar que “Se eu perco o elo entre o significado e o significante, eu

¹⁵⁹ De que modo a língua é dependente desse princípio? Embora não seja nosso objetivo discutir a pertinência desse princípio na presente dissertação, podemos expressar que a dependência da língua a esse princípio dá-se pelo fato de que sua ausência comprometeria a própria delimitação dos signos, e a reflexão sobre o objeto língua dar-se-ia por outros caminhos. Pensando assim, podemos afirmar que a língua é linear por excelência. É por meio desse princípio que a realização da fala se concretiza e é pela linearidade (além da significação) que se instaura a possibilidade de delimitação da língua em entidades linguísticas. Dito de outro modo, este mesmo princípio é o que possibilita o posicionamento do signo no sistema. Tal leitura, apesar de não estar explícita quando Saussure trata do princípio da linearidade, pode ser observada nas anotações de seus alunos. No caderno de Francis Joseph, tem-se: “Se nós podemos decompor as palavras, é uma consequência desse fato”; já no caderno de Émile Constantin, lê-se: “Se nós podemos decompor as frases em palavras, é uma consequência desse princípio”. (*apud* Engler, 1968, p. 157). A depreensão desse princípio realizada por Saussure é um resultado de sua reflexão e da observação do sistema linguístico. Isso só foi possível em virtude de Saussure ter preterido o ponto de vista diacrônico ao estado sincrônico da língua. Nesse ponto sincrônico, a linearidade remete tanto a uma noção de sequencialidade quanto de diferencialidade. Se, no primeiro aspecto, as unidades se sucedem no tempo da fala e cada uma ocupa um espaço que já é, de antemão, dado pelo sistema linguístico, no segundo aspecto elas operam no campo do valor, que também reitera a posição que cada uma ocupa na cadeia.

¹⁶⁰ Cf. Capítulo 1, tópico 1.2.3 – Ano de 1908: refinando as leis anagramáticas.

¹⁶¹ Tradução nossa de: “[...] the principle of linearity is abolished from de outset with regard to the sequence of diphones or polyphones because Saussure’s anagram is not compact; his elements rather scattered throughout the basic text. This affects the principle of linearity in so far as the diphones/polyphones are separated from each other by elements which do not belong to the anagram.”

¹⁶² Tradução nossa de: “[...] represents the most obvious violation of the principles of linearity”.

destruo o signo linguístico [...]”¹⁶³. Em Saussure, a possibilidade de ‘destruir’ o signo linguístico, em sua dualidade significado e significante, é dada se “[...] se retiver apenas um desses elementos (o signo¹⁶⁴) se desvanece [...]” (SAUSSURE, 1970, p. 119).

Na edição do CLG usada por Engler (1968), em sua Edição Crítica, o termo em francês para o vocábulo ‘desvanece’ é *s’évanouit*, que direciona para a noção de esvanecimento, apagamento, extinção. Contudo, nas anotações dos alunos¹⁶⁵ de Saussure (expostas nessa mesma Edição Crítica), o termo para esse vocábulo é *falsifie*, que por sua vez pode ser tanto traduzido como ‘falsificar’ (o que não é o caso) como também por *alterar*. Deste modo, apagamento (*s’évanouit*) ou alteração (*falsifie*) são ações que o signo sofre quando uma das partes é rompida/retida.

Essas duas possibilidades de interpretação do termo ‘desvanece’ direcionam para: a) o apagamento (*s’évanouit*)¹⁶⁶ do signo resulta da fragmentação dessa entidade quando da composição poética dos versos analisados; b) no que se refere à ideia de alteração (*falsifie*), esta remete ao modo de presença com que os fonemas (sejam eles em pares ou em grupos) aparecem nos versos dos poemas, ou seja, em uma ordem não-consecutiva. De acordo com Wunderli (2004, p. 180),

[...] no entanto, acontece dentro do âmbito da teoria do anagrama de Saussure que a ligação entre ambos os lados do signo é pelo menos temporariamente rompido ou neutralizados. Se eu analiso um significante em dífonos/polífonos ou até mesmo em fonemas, eu deixo o campo do signo e, portanto eu deixo, estritamente falando, o campo da linguística (de acordo com Saussure): os resultados da decomposição do significante em unidades menores sem nenhum significado, mas apenas fragmentos de significantes (figuras), que não possuem nada, mas somente uma função distintiva¹⁶⁷.

Essa perspectiva indica que a suspensão temporária do elo que liga o significante ao significado da palavra-tema anagramatizada é tomado a partir da dimensão não-consecutiva dos elementos. Entretanto, o hipograma é um espelhamento da palavra-tema e esse espelhamento se dá a partir de leis que sinalizam o leitor na recomposição (ou visualização) desse tema. Por exemplo, o dífono é um fragmento que traz uma

¹⁶³ Tradução nossa de: “If I loosen the link between the signifié and signifiant, I destroy the linguistic sign [...].”

¹⁶⁴ Acréscimo nosso entre parênteses.

¹⁶⁵ Os alunos (a partir de cujos cadernos Engler traz essa comparação) são George Dégallier, Mme. A. Secheyay, Francis Joseph e Émile Constantin.

¹⁶⁶ Cf. tópico 3.3 – Aspectos do signo linguístico na teoria saussuriana.

¹⁶⁷ Tradução nossa de: “[...] yet it happens within the scope of Saussure’s anagram theory that the link between both sides of the sign is at least temporarily loosened or neutralised. If I analyze a *signifiant* in *diphones/polyphones* or even in phonemes, I leave the field of the sign and, therefore I leave, strictly speaking, the linguistics field (according to Saussure): the results of decomposing the *signifiants* of a *momem* into smaller units are not signs with a meaning anymore, but only fragments of *signifiants* (figures), which have nothing but a distinctive function”.

pequena parcela da linearidade e o *locus princeps* delimita os lugares em que os fonemas hipogramáticos aparecerão.

É possível afirmar que a palavra-tema, embora conste fragmentada na composição poética, subjaz em estado latente na forma do hipograma. Esta nova forma possui uma ligação com a palavra-tema justamente por ainda subsistir, embora em elementos separados, na composição poética. Na realidade, não há uma inexistência ou destruição do signo linguístico na composição do poema, pois isso somente ocorreria se não existissem fonemas hipogramáticos. É plausível tratar, então, de uma suspensão do elo que une o significado ao significante, de modo que o poeta deixa os fonemas da palavra-tema atados em feixes (dífonos, trífonos), como ecos de um nome, para que o pesquisador possa interligar os laços e recompor o signo anagramatizado.

A natureza do signo linguístico, portanto, permanece, mesmo estando sob o domínio do anagrama. Quando do estudo das entidades concretas da língua, Saussure (1970, p. 120) faz uma analogia entre a união do significado e do significante, com os elementos da água, que é uma “[...] combinação de hidrogênio e de oxigênio; tomada separadamente, nenhum desses elementos tem as propriedades da água. Esse exemplo pode ser compreendido a partir da quebra dos átomos que compõem a fórmula H_2O ¹⁶⁸, mas também pode ser compreendido a partir da mudança de um estado líquido para um estado gasoso. Sendo assim, a mudança do signo linguístico (*falsifie*) nos anagramas é análoga à mudança do estado aquoso para gasoso.

Se as partes (significante e significado) de uma palavra-tema estão suspensas no processo anagramático, é importante ressaltar que os fonemas hipogramáticos ainda permanecem no poema, possibilitando a recomposição da imagem acústica do signo fragmentado. Além disso, o conceito (significado) que Saussure também nomeia de ‘ideia’ sobrevive nesses fonemas que compõem o significante, pois o anagrama é a base da composição poética, como expressa Saussure.

Entretanto, a ‘destruição’ do signo linguístico, conforme expresso por Wunderli (2004), efetuado na dimensão poética do anagrama, culmina na substancialização dos fonemas hipogramáticos. Retomando a noção de que a língua, que para Saussure (1970, p. 131), é uma forma e não substância, Wunderli (2004) afirma que os fonemas hipogramáticos figuram no poema como substância e não como forma. Esse autor (2004, p. 181) justifica esta inversão, expondo que

¹⁶⁸ Fórmula química da água, composto por 01 átomo de hidrogênio e 2 átomos de oxigênio.

O signo linguístico padrão é uma forma pura – tudo aquilo que não é forma, deve ser considerado como não linguístico por Saussure. O anagrama, entretanto, não é linguístico, mas sim um fenômeno poético – e isto permite Saussure incluir aspectos substanciais na teoria sobre os anagramas, como fonemas ou grupos de fonemas.¹⁶⁹

Sob este ângulo, Wunderli (2004) ressalta que os fonemas dispersos nos versos do poema são elementos substanciais e que somente seriam elementos formais antes e depois da *anagramatização*. A partir desse ponto, Wunderli (2004) reacende o debate entre forma e substância, e levanta algumas questões:

- a) Se considerarmos o ponto de vista de que os elementos fragmentados e dispersos nos versos são elementos substanciais (e não formais), como Saussure reconstituiria os signos ali anagramatizados?
- b) Cair no erro de considerar esses fonemas como estando fora do âmbito da própria língua pode ser um erro. Mas como?
- c) Poderiam ser esses fragmentos de signos dispersos nos poemas tanto substâncias como formas?

Para analisar essas questões, é importante se perguntar qual a noção de fonema em Saussure. Sendo assim, o tópico a seguir será atravessado por pontuações que visem delimitar a noção de fonema em Saussure, a partir do *Curso de Linguística Geral* (1916) e dos manuscritos de Harvard. Sendo assim, a análise desse termo é relevante para a compreensão do tema ‘forma e substância’ no âmbito da produção saussuriana sobre os anagramas.

3.5 – Forma e substância nos Anagramas: em direção à teoria do valor

No tópico anterior, vimos que não há uma ausência absoluta da linearidade na dimensão não-consecutiva dos anagramas, pois o dífono ainda reflete a consecutividade dos fonemas da palavra-tema. Além disso, vimos que o hipograma, a partir dos grupos fonêmicos que o constituem, não é totalmente arbitrário, mas sim relativamente, pois há uma relação, do tipo associativo-analógica, a um signo exterior, no caso, a palavra-tema.

¹⁶⁹ Tradução nossa de: “The standard linguistic sign is pure form – anything that is not a form, is not considered an object of linguistics by Saussure. The anagram, however, is not a linguistic, but a poetic phenomenon – and this allows Saussure to include also substantial aspects into his anagram theory, namely phonemes and groups of phonemes.”

Na realidade, embora a dimensão do fato anagramático pareça opor-se à linearidade do signo linguístico, não se trata exatamente de um apagamento do signo, mas sim de um processo de camuflagem (*cf.* CHOI, 1996). A camuflagem é vista a partir da fragmentação da palavra-tema em partes duais (dífonos) e elementos que orbitam / delimitam o hipograma, como os conceitos de manequim e monófonos. Ainda assim, Wunderli (2004) insiste que o fato anagramático é, antes de tudo, uma negação das leis que operam e constituem o signo linguístico saussuriano.

De acordo com Wunderli (2004), a suspensão temporária do elo entre o significado e o significante do signo hipogramático leva-o a considerar a própria destruição desse signo, de modo que seus elementos fonêmicos não mais pertencerão ao campo formal, mas se substancializam na sonoridade dos versos poéticos. Nas palavras deste autor (*op. cit.* p. 180), “The deviation from the principle of linearity in the anagrams should rather be considered as poet licence, which in no way casts doubts on the rules of the every day language”.¹⁷⁰

Segundo Wunderli (2004), o desvio da linearidade retira o fato anagramático da perspectiva linguística, inserindo-o no campo poético. A inserção do anagrama nesse campo faz com que a palavra-tema, outrora unidade linguística, não seja mais governada por leis linguísticas, mas obedeçam a características particulares do fenômeno poético. É assim que,

If I examine *signifiants* as purely linguistic units, then I can compare them only with entities of the same kind or the same level, which means I must compare them with other significant. Then they can only be defined as pure differential entities and they are, therefore, pure ‘forms’ (CLG:166). If, however, I compare a sign’s *signifiant* with its constituents (the phonemes), they turn out to be substance of a higher hierarchical unit. Once again, an apparent contradiction is resolved or can be reduced to two different points of view: the question whether a *signifiant* has to be considered as form or substance is not a question of principles but rather a question of perspective.¹⁷¹

Para Wunderli (2004), um significante só pode ser considerado como forma se e somente se comparado com elementos da mesma categoria, isto é, com outros

¹⁷⁰ Tradução nossa: “O desvio do princípio da linearidade nos anagramas deveria, antes, ser considerado como licença poética, que de modo algum lança dúvidas sobre as regras da língua cotidiana”.

¹⁷¹ Tradução nossa: “Se eu examinar os significantes como unidades de caráter puramente linguístico, então posso compará-los apenas a entidades do mesmo tipo ou do mesmo nível, o que significa compará-los com outros significantes. Assim, eles só podem ser definidos como entidades diferenciais puras, sendo, portanto, formas puras” (CLG: 166). Se, no entanto, eu comparo o significante de um signo com os seus constituintes (os fonemas), eles acabam por ser substância de uma unidade superior hierarquicamente. Mais uma vez, uma aparente contradição é resolvida ou pode ser reduzida a dois pontos de vista diferentes: se um significante deve ser considerado como forma ou como substância não é uma questão de princípios, mas sim uma questão de perspectiva”.

significantes, havendo a possibilidade de abordar uma determinada categoria de elementos em suas diferenças, pois se enquadram em uma mesma classe. No anagrama, expressa Wunderli (2004), a situação é outra, pois a comparação ocorre na relação entre um determinado significante, que remete à palavra-tema, e seus respectivos fonemas, havendo aí uma discrepância entre níveis.

Assim, de acordo com Wunderli (2004, p. 181), a discrepância opera na diferença de perspectiva, pois,

The standard linguistic sign is pure form – anything that is not a form, is not considered an object of linguistics by Saussure. The anagram, however, is not a linguistic, but a poetic phenomenon – and this allows Saussure to include also substantial aspects into his anagram theory, namely phonemes and groups of phonemes.¹⁷²

Para esse autor (2004), não é apenas o fato do anagrama ser poético que o exclui de ser um fato linguístico, mas o fato de que as análises fonêmicas operam no campo da substancialidade. De certa forma, Wunderli (*op. cit.*) considera que a análise anagramática comporta ambas as perspectivas, formal e substancial. De acordo com esse autor,

The key word appears to be substance as long as it is regarded in its anagrammatized condition, i.e. as an aggregate of dispersed *diphones/polyphones/phonemes*. Before its anagrammatization and after its restitution, it is a pure form.¹⁷³

A perspectiva de Wunderli (2004) aponta que os fonemas hipogramáticos são substâncias enquanto estiverem contidos no poema. Isso parece indicar que a perspectiva desse autor considera as análises anagramáticas a partir do aspecto sonoro do poema. Nessa perspectiva, Saussure não tomaria os fonemas enquanto elementos diferenciais e opositivos, nem mesmo abordaria o fato anagramático a partir da sincronia, mas sim na perspectiva essencialmente fonética.

Para responder as questões propostas no final do tópico anterior¹⁷⁴, faz-se necessário compreender que estatuto o fonema possui no pensamento saussuriano. A

¹⁷² Tradução nossa: O signo linguístico padrão é forma pura - qualquer coisa que não seja uma forma, não é considerada um objeto da linguística de Saussure. O anagrama, no entanto, não é um fenômeno linguístico, mas poético, e isto permite a Saussure incluir também os aspectos substanciais em sua teoria do anagrama, a saber, fonemas e grupos de fonemas.

¹⁷³ Tradução nossa: “A palavra-tema parece ser substância, desde que considerada em sua condição anagramatizada, isto é, como um agregado de dífonos/ polífonos/ fonemas dispersos. Antes da sua anagramatização e após a sua restituição, é uma forma pura”.

¹⁷⁴ As questões são: a) Se considerarmos o ponto de vista de que os elementos fragmentados e dispersos nos versos são elementos substanciais (e não formais), como Saussure reconstituiria os signos ali anagramatizados? b) Cair no

noção de fonema¹⁷⁵ no CLG surge a partir da distinção entre o aspecto sonoro da fala e a imagem acústica da língua. Essa tentativa de separar o som da língua é compreendida quando Saussure (1970) expressa que a língua recorta duas massas amorfas, a das *ideias confusas* e a dos *sons indeterminados*. Ao propor esse recorte, Saussure reconhece que essa delimitação faz da língua uma forma – jamais uma substância – forma essa que tem, por sua vez, uma natureza psíquica¹⁷⁶.

Entretanto, se a imagem acústica é essencialmente psíquica, tal não ocorre com o fonema. De fato, no CLG, o fonema¹⁷⁷ está situado num terreno limítrofe¹⁷⁸, como sendo “[...] a soma das impressões acústicas e dos movimentos articulatórios da unidade ouvida e da unidade falada [...]” (SAUSSURE, 1970, p. 51), tendo, portanto, *um pé em cada cadeia*. Se o fonema possui um pé na cadeia falada e outro na língua, este elemento pode ser compreendido não apenas como imagem de um som, mas também como o próprio som.

No estudo sobre os manuscritos saussurianos de Harvard¹⁷⁹, Saussure busca situar e delimitar o fonema numa relação com outros elementos exteriores à cadeia sonora, ou seja, a partir do campo semiológico, do campo acústico (oposto ao silêncio) e também do campo fisiológico, não sendo reduzido apenas às relações com os sons da linguagem. Nesse ponto, é possível percebermos uma tentativa de enquadramento do fonema em diversos níveis, que não apenas o nível substancial da linguagem, mas também no aspecto formal (a língua). Ao buscar uma melhor categorização de fonema, Saussure (1970, p. 54) expressa que

erro de considerar esses fonemas como estando fora do âmbito da própria língua pode ser um erro. Mas como? c) Poderiam ser esses fragmentos de signos dispersos nos poemas tanto substâncias como formas?

¹⁷⁵ De acordo com a edição Crítica de Engler (1989), a maior parte das passagens relativas ao termo fonema se refere ao 1º Curso de Linguística dado por Saussure, e estão anotadas, em sua maioria, nos cadernos de Albert Riedlinger.

¹⁷⁶ De acordo com Saussure (1970, p. 80), “O caráter psíquico de nossas imagens acústicas aparece claramente quando observamos nossa própria linguagem. Sem movermos os lábios nem a língua, podemos falar conosco ou recitar mentalmente um poema.” Sendo assim, a imagem acústica não é o som em si, tampouco algo da ordem da cognição humana, no sentido de que o signo se reveste de algum elemento presente no cérebro do falante. A imagem acústica é a contraparte do conceito que resulta no próprio signo linguístico. Desse modo, Saussure (1970, p. 80) pode afirmar que “O signo linguístico é, pois, uma entidade psíquica de duas faces [...]”, sendo, portanto, isolado de qualquer materialidade física ou fisiológica da linguagem.

¹⁷⁷ Os cadernos de Albert Riedlinger e Louis Caille apresentam essa passagem com o termo fonema.

¹⁷⁸ Conforme nota nº 112 de De Mauro (1974), Saussure considera o fonema como um termo participante tanto da fala quanto da língua. Além disso, nas anotações de Albert Riedlinger e de Louis Caille (*apud* Engler, 1989, p. 105), o fonema é um resultado da junção entre *tempo acústico* (F) e *tempo articulatório* (f) considerando a seguinte fórmula $\frac{F}{f}$ = fonema (retomando a definição supracitada – CLG, p. 51). Assim, um fonema se define como o resultado de um efeito de articulação vocal e de uma imagem acústica.

¹⁷⁹ Publicados por Herman Parret nos *Cahiers Ferdinand de Saussure*, nº 47 (1993 [1994]). Restringimo-nos a pontuar a proximidade teórica que há entre o CLG e os manuscritos de Harvard concernente ao conceito de fonema, embora haja outras considerações que seria importante mencionar; pensamos, no entanto, que as pontuadas nesse tópico já fornecem elementos suficientes para nossa reflexão.

[...] enumerar esses fatores de produção do som não é ainda determinar os elementos diferenciais dos fonemas. Para classificar estes últimos, importa menos saber em que consistem que saber o que os distingue uns dos outros. Ora, um fator negativo pode ter maior importância para a classificação que um fator positivo.

Quando se trata de diferenciar elementos, Saussure vale-se da teoria do valor¹⁸⁰, que abrange a negatividade¹⁸¹ dos elementos. Sendo assim, mesmo no ato fonatório Saussure busca essa relação negativa, pois é imprescindível levar “[...] em conta apenas os elementos diferenciais, destacados para o ouvido e capazes de servir para uma delimitação das unidades acústicas na cadeia falada.” (SAUSSURE, 1970, p. 67). Assim, a parte material de uma unidade linguística também opera sob o domínio do valor, visto que “[...] O que importa na palavra não é o som em si, mas as diferenças fônicas que permitem distinguir essa palavra de todas as outras, pois são elas que levam a significação”. (1970, p. 137).

Ao encenar a teoria do valor, o som adquire um aspecto secundário, pois “Todos os valores convencionais apresentam esse caráter de não se confundir com o elemento tangível que lhe serve de suporte.” (SAUSSURE, 1970, p. 138). Ao caracterizar o significante (imagem acústica), Saussure reitera que este é “[...] é incorpóreo, constituído, não por sua substância material, mas unicamente pelas diferenças que separam sua imagem acústica de todas as outras.” Deste modo, *O valor linguístico considerado em seu aspecto material*¹⁸² indica que a substância fônica, se submetida à teoria do valor, pode ser considerada como um elemento da língua, e não apenas da *parole*.

No segundo Curso de Linguística Geral (1908-1909), Saussure expressa: “On ne peut pas s’occuper de la langue sans s’occuper du changement du son: ‘le son est un

¹⁸⁰ Convém ressaltar que a teoria do valor foi um dos últimos ensinamentos linguísticos de Saussure, presentes no 3º Curso de Linguística Geral, no ano de 1911 (Conforme quadro biográfico do CLG, 1970). Entretanto, de acordo com a nota nº 112 de De Mauro (1974), esses apontamentos que trazem as características básicas sobre a noção de valor linguístico em relação aos fonemas já estavam presentes nas primeiras aulas de linguística geral, por volta de 1906. Além disso, conforme introdução dos próprios editores do CLG, neste capítulo foram utilizados apontamentos de Saussure oriundos de três conferências pronunciadas em 1897, com o tema *A teoria da sílaba*¹⁸⁰. Sendo assim, pensar na observação trazida por Tulio de Mauro (1974), de que a noção de fonema no início do século XX estava baseada numa corrente de pesquisadores entre os quais Saussure não se destacava, leva à necessidade de saber o motivo da ausência do mestre genebrino nessa corrente, considerando o ponto de vista da relação entre o termo fonema e a noção de valor em Saussure. Esta questão nos vem nesse momento e somente pode ser respondida, ao se abordar o pensamento de Troubetzkoy na obra *Princípios de Fonologia*, composta por estudos escritos entre 1921 e 1938. Não sendo nosso objetivo responder essa questão, deixamos em aberto a futuras pesquisas sobre esses apontamentos.

¹⁸¹ O aspecto negativo das relações de valores em Saussure (1970, p. 136) pode ser compreendido quando o mestre suíço afirma que, quando se trata do valor conceitual, a “*característica mais exata é ser o que os outros não são*”.

¹⁸² Trata-se de um subtópico do capítulo sobre a Teoria do Valor, no CLG, p. 136.

facteur capital de **la langue**’; et cependant, dans un certain sens, le ‘phénomène phonétique’ est étranger à l’essence da la langue”¹⁸³ (*apud* ENGLER, 1989, p. 264).

Conforme anotação acima, é possível notar que, mesmo ciente das relações de valores, a questão do som da fala em oposição à imagem acústica da língua ainda é um fator que permeia as elaborações de Saussure. É entre a necessidade de expor a ordem própria da língua, ausente de toda substância, e, ao mesmo tempo, não negar a existência da substância sonora, que Saussure trilha em direção à teoria do valor. Quando se trata, portanto, de aplicar essa teoria à língua, Saussure é decidido, pois afirma que “Os fonemas¹⁸⁴ são, antes de tudo, entidades opositivas, relativas e negativas”. (SAUSSURE, 1970, p. 138).

Assim, o valor sobrepõe a substancialidade da linguagem, a sua sonoridade. Da mesma maneira, vemos que o fonema não pode ser considerado a partir de sua positividade material, sonora, mesmo figurando no campo poético. A teoria do valor, portanto, retira qualquer possibilidade de tomar o fonema como substância, mesmo que esta unidade esteja imersa em um texto poético. É, portanto, conhecendo o estatuto que o fonema possui no pensamento saussuriano que se pode falar de valor na reconstituição dos fonemas hipogramáticos.

Além disso, em um dos cadernos sobre os anagramas, Saussure traz a noção de sistema para suas análises, afirmando que

Em um **sistema** onde nenhuma palavra poderia ser mudada sem dificultar, a maior parte do tempo, muitas combinações necessárias no que se refere ao anagrama, em um tal sistema não se pode falar dos anagramas como de um jogo acessório de versificação, eles se tornam a base, quer o versificador queira ou não, que o crítico de um lado e o versificador de outro queiram ou não. Fazer versos com anagrama é, forçosamente, fazer versos segundo o anagrama sob o domínio do anagrama (*apud* STAROBINSKI, 1974, p. 23).

De fato, a noção de sistema é diretamente ligada à teoria do valor. Desse modo, Saussure considera o anagrama como um sistema, visto que todo o processo anagramático está baseado em combinações, ou seja, em relações que se estabelecem entre a palavra-tema e o hipograma, a partir dos fonemas anagramáticos. Nessa combinação de fonemas, o dífono possui um papel essencial, pois este é tomado enquanto menor unidade de valor para a reconstrução do anagrama. De fato, não é somente pelos fonemas serem opositivos e diferenciais que se pode falar de valor nos

¹⁸³ Tradução nossa: “Não podemos nos ocupar da língua sem nos ocuparmos da mudança do som: ‘o som é um fator capital da língua’; e no entanto, em um certo sentido, o ‘fenômeno fonético’ é estranho à essência da língua”.

¹⁸⁴ Apenas uma ressalva: nos cadernos dos alunos, não há o termo ‘fonema’ nessa passagem, mas sim ‘elementos fônicos’ (*apud* ENGLER, 1989, p. 267-268 [1924]).

anagramas, mas sim pelo fato de que a lei básica do anagrama, o dífono, é uma ponte de valor entre os fonemas da palavra-tema. Numa passagem sobre essa lei, Saussure expressa:

Não creio que se pudesse repetir demasiadamente que o *monófono* é inexistente para o hipograma, sendo esta a lei central sem a qual não se poderia falar de hipograma, sem a qual estaríamos no *anagrama* ou em *absolutamente nada*.

É claro que a liberdade de que acabamos de falar para as iniciais-finais não infringe em nada este princípio. Um T-inicial (tela) ou um final-T (habet) não vale absolutamente nada se permanece isolado: ele adquire valor unicamente em razão da inicial-final *que o segue, ou o precede*, com a qual ele pode formar um *Dífono* como {-A-T ou como {T-A-, como {- R-T, ou como {T-R. Fora deste complemento seu valor é nulo

Todo *polífono*, ao contrário, é naturalmente, para o hipograma de natureza semelhante ao dífono.

Mas, precisamente porque o dífono é a unidade mínima e *simplíssima* entre todas, há regras que começam com o *trífono* somente, porque este representa

Dífono + x
(*unidade geral + x*)

O trífono é a primeira unidade complexa, pois o dífono é a unidade irreduzível.

E todas as regras especiais do trífono se enxertam na base anterior do dífono. Estas regras podem tomar, parece-me, o nome de regras de “agrupamento”, porque se trata com efeito, sempre disto: em volta de um núcleo *DIFÔNICO* agrupam-se um ou vários elementos *monofônicos* (*ipso facto*, privados da faculdade de existir por eles mesmos, recebendo-a unicamente do fato de estarem na órbita do *DÍFONO*)¹⁸⁵ (*apud* STAROBINSKI, 1974, p. 35).

A partir desse reconhecimento, Silva (2009, p. 158) considera que “[...] no processo anagramático, somente os fonemas hipogramáticos (...) adquirem importância, pois eles reconstituem o hipograma que foi anagramatizado [...]”. Da mesma maneira que o significado e o significante se relacionam no sistema linguístico a partir de suas diferenças, o fonema, embora seja uma unidade intra-significante, também se constitui a partir das diferenças entre outros fonemas.

De certo modo, se considerarmos os fonemas como substância¹⁸⁶, isso implicaria uma ausência de qualquer aspecto diferencial que pudesse identificar o fonema como

¹⁸⁵ De acordo com Starobinski (1974), esse trecho está catalogado na caixa *Ms. fr. 3966*, numa série de folhas destacadas, não fazendo parte de um caderno completo.

¹⁸⁶ De fato, não vemos Saussure conceituar ‘substância’ no *Cours*, entretanto, é possível pensarmos a substância no sentido material que opera na fala, a partir dos aspectos físicos (som), dos caracteres fisiológicos que envolvem o ato fonatório, assim como da exterioridade referencial da língua se tomada enquanto nomenclatura. É importante lembrar que não é a materialidade das peças do xadrez que importa no jogo (CLG, 1970, p. 32), porém o valor é atribuído a cada peça a partir das posições que estas ocupam no jogo. De certa forma, considerar a língua enquanto forma é

hipogramático. Tomados em sua positividade, instaurar-se-ia a impossibilidade de relações de valores, pois é do encontro entre esses elementos que se pode caracterizar o fonema tanto como hipogramático quanto como fonema de uma palavra qualquer do poema. De fato, o som ou outro aspecto positivo dos fonemas não podem ser tomados enquanto suportes de valor, pois este só se instaura a partir das relações entre unidades do sistema.

Nesse sentido, embora o termo fonema, em Saussure, esteja vinculado à cadeia falada, é preciso notar que há um movimento, a partir da teoria do valor, que insere o fonema nas relações linguísticas. Esse movimento aponta para a elaboração do conceito de fonema, sendo considerado em seu aspecto negativo na relação com outros, porém ainda com um ‘pé’ na cadeia sonora. Portanto, ao caracterizar a imagem acústica (significante) como psíquica, Saussure sente a necessidade de refinar a ideia também para o fonema, de modo a caracterizá-lo como elemento psíquico e formal da imagem acústica.

Nesse aspecto, o fonema segue a direção dos signos linguísticos, pois, mesmo ainda não distinguindo fonética e fonologia, tal como em Troubetzkoy (1938)¹⁸⁷, Saussure sempre considera que *os sons são exteriores à língua*, ou seja, pertencem à categoria fonética. Entretanto, no conceito de fonema, não há radicalidade em Saussure, pois o fonema ainda está situado entre duas cadeias, a da língua e a da fala

Embora Saussure trabalhe nesse limiar da fala e da língua, os fonemas hipogramáticos não devem ser tomados enquanto substância. O fato é que, mesmo que haja uma diferença entre níveis linguísticos, ou seja, mesmo havendo nos anagramas uma diferença entre o nível de significante da palavra-tema e o nível fonêmico do hipograma, vimos que Saussure aplica a teoria do valor para ambos os níveis, pois, quando se trata de distinção, de delimitação, o caráter negativo das relações incide somente se observarmos o fonema enquanto forma.

Nesse sentido, a questão não é negar a substância sonora dos anagramas em detrimento das formas linguísticas. De fato, a questão entre forma e substância está

abordá-la a partir de sua ordem própria, do funcionamento interno de cada elemento que a constitui, funcionamento esse que ocorre a partir das relações e das diferenças que cada elemento carrega por estar em relação com os demais.

¹⁸⁷ Esses pontos teóricos são como embriões ou fundamentos para os estudos fonológicos que surgirão após a Primeira Guerra mundial, principalmente aqueles situados no Círculo Linguístico de Praga (1926-1939). É nesse sentido que podemos ver que essas noções saussurianas sobre o fonema também se aproximam das formulações futuras, tal como vimos na exposição sobre os aspectos fonológicos em Troubetzkoy (1938). De um modo geral, a percepção de Saussure sobre o fonema está em sintonia com os pontos teóricos que direcionam a futura Fonologia, embora a distinção entre fonética e fonologia não seja tão precisa como nos trabalhos de Troubetzkoy (1938). Entretanto, no que diz respeito à noção de fonema (por mais evidente que seja este termo seja um vocábulo, inserido pelos editores do *Curso de Linguística Geral*, no lugar de ‘elementos fônicos’), há uma elaboração nessa obra que busca diferenciar aquilo que é da ordem da substância e o que é da ordem de um elemento distintivo, formal, não somente no signo linguístico, mas também nas unidades fônicas da língua.

imbricada no próprio conceito do fonema, pois este, de acordo com Saussure, pertence tanto à fala quanto a língua. Contudo, tratá-lo somente como substância impediria sua delimitação nos versos poéticos. Se, para os signos, são as diferenças que levam à significação, é tratando o fonema enquanto forma, enquanto elemento diferenciador, que Saussure pode cindir cada elemento para recompor o nome anagramatizado. Em outras palavras, são as diferenças que levam Saussure à reconstrução da palavra-tema.

Nesse sentido, nosso percurso não tratou apenas de mostrar que a teoria do valor é pertinente na recomposição do anagrama, tal como desenvolvido por alguns autores, porém, buscamos mostrar como o conceito de fonema fora imprescindível para as análises saussurianas nos anagramas. Assim, o fonema hipogramático pode ser compreendido enquanto ponto de interseção entre o poético e o linguístico, entre o que dos anagramas pertence à fala e o que pertence à língua.

Deste modo, a questão de forma e substância é um ponto importante nas análises saussurianas sobre os anagramas, questão essa que imbrica também a diacronia e a sincronia, no quesito fonético e psíquico da linguagem. Na realidade, nesse encontro entre forma e substância nos anagramas, a teoria do valor surge como um divisor de águas, entre o poético e o linguístico, tal como fora necessário para estabelecer, de fato, a língua como objeto da linguística.

CONCLUSÃO

Embora a produção de Saussure sobre os anagramas (1906-1909) possa ser considerada uma produção interessante pela quantidade de cadernos manuscritos (mais de uma centena), o fato é que, devido a seu aspecto qualitativo, no que concerne à elaboração de novos conceitos no campo da linguagem e na relação com os estudos linguísticos, essa produção merece um lugar reconhecido no movimento de fundação da linguística moderna.

A construção terminológica do processo anagramático deveu-se ao conhecimento de Saussure no campo das línguas e da percepção de como os mecanismos linguísticos operavam. Para além da concomitância entre essa produção e as aulas de linguística geral em Genebra (1907-1911), o saber sobre língua e linguagem em Saussure predominou entre ambas, para pensarmos uma possível relação entre essa produção e os cursos de linguística.

De fato, a escolha de textos poéticos de diferentes épocas, a análise fonêmica sob a ordem da mudança linguística, a busca incansável pela comprovação da existência do anagrama e a dúvida quanto à intencionalidade desse fato eram características de alguém familiarizado com os estudos diacrônicos das línguas. Esses aspectos funcionaram como uma plataforma sob a qual Saussure podia fundamentar as regras e leis que refletiam o processo anagramático. De fato, as relações dos fonemas hipogramáticos, em grupos ou isolados, quando submetidos à lei do anagrama, espelhavam um sistema poético no qual o fator sincrônico se fazia presente.

Nesse sentido, a noção de anagrama no pensamento saussuriano adquire um novo papel, indo além da simples transposição de letras. Embora baseado na análise fonêmica, a função do anagrama era central para a composição poética greco-latina e, com isso, exercia uma função de múltiplas facetas. Tais facetas foram refletidas a partir do conceito geral de anagrama, tido como um processo poético que envolvia outros conceitos, como palavra-tema, hipograma, dífono, manequim, entre outros.

Embora conhecida pelo público somente na década de 1960, essa produção saussuriana levantou questões que direcionaram estudiosos a pensá-la como uma nova revolução saussuriana, tal como fora o *Cours*. Assim, enquanto alguns estudiosos pensaram ter encontrado o ‘verdadeiro Saussure’, outros se perguntaram que relação essa produção teria com o pensamento saussuriano no campo da linguística.

A análise desses autores mostrou que tal produção, embora ignorada por alguns, permitiu novas elaborações no campo literário e linguístico, além de levantar a questão sobre que lugar essa elaboração teria no movimento de fundação da linguística moderna. Essa questão viria acompanhada de outras, tais como ‘haveria nessa produção o fato de *parole*, excluído por Saussure no CLG? Por se tratar de poética, haveria de fato outro Saussure sob essa produção? Ou essa produção seria uma espécie de laboratório, em que Saussure refletia sobre os aspectos sistêmicos do conceito de língua, em elaboração na época?

Nesse sentido, os autores aqui analisados forneceram algumas pistas para refletirmos sobre essas questões. Dentre essas pistas, a de que haveria, na produção saussuriana sobre os anagramas, diacronia e sincronia, fala e língua, forma e substância, ora em oposição, ora em relação. Ao buscar os fundamentos desses conceitos no *Curso de Linguística Geral* (1916) e em outros escritos de Saussure, observamos que a produção saussuriana sobre os anagramas foi um campo em que esses conceitos foram postos em evidência, como uma espécie de laboratório de linguagem.

Conforme já mencionamos, a dicotomia diacronia-sincronia operou nessa produção como um pêndulo, oscilando entre a busca pela comprovação do fato anagramático e as infundáveis comprovações existentes, advindas da quantidade de hipogramas revelados nos poemas. Nesse pêndulo, o anagrama figurou como um processo analógico, em que uma criação linguística é margeada pelo falante, encenada a partir da criação do poeta, na relação deste com a possibilidade associativa que cerca a língua.

Nesse sentido, o poeta cria um novo discurso, ou um novo ‘signo’, cuja nova forma parece romper com sua forma original. Nesse momento, a ‘fala’ do poeta, enquanto criadora de linguagem, também encena o duelo entre forma e substância, entre a sonoridade do poema e a imagem acústica da língua. De fato, o elo entre forma e substância, que por sua vez imbrica a teoria do valor na recomposição do anagrama, é reconhecido a partir do estatuto que o fonema possui no pensamento saussuriano.

O estudo do fonema revelou ser este um conceito ainda em construção no pensamento saussuriano e que, durante os cursos de linguística geral, é um agente duplo: opera tanto na cadeia falada quanto na cadeia linguística. De fato, é possível perceber que o conceito de fonema em Saussure é o um dos elos que se apresenta como fato de fala e fato de língua, elo esse que será cindido na fundação da fonologia moderna, por Nicolai Troubetzkoy (1938).

Nesse sentido, a dualidade que opera no fonema saussuriano parece ser uma espécie de microrretrato do anagrama: de um lado, a inscrição da fala na poesia, de outro, a língua do poeta enquanto possibilidade de novas relações linguísticas. Nesse ponto, poder-se-ia pensar que o fonema hipogramático é tanto substância quanto forma no anagrama. A objeção reside no fato de que, embora o fonema figure em ambas as cadeias, a teoria do valor inibe a substancialidade desse elemento, transpondo-o para o campo das formas que operam na língua.

Nesse aspecto, entendemos que a produção saussuriana sobre os anagramas foi uma produção que refletiu um incessante refinamento e construção de conceitos no campo da linguagem, mais especificamente na delimitação da língua enquanto objeto da linguística. Mesmo em se tratando de análises de textos poéticos, Saussure soube ver nesse *corpus* o funcionamento de língua, e não apenas de fala, o que de fato corrobora a noção de linguagem no próprio pensamento saussuriano. Sendo assim, essa produção foi salutar para Saussure sob diversos aspectos teóricos, possibilitando, a cada análise, uma melhor distinção entre diacronia e sincronia, entre forma e substância, além de direcioná-lo ainda mais para sua teoria mestra, a teoria do valor.

REFERÊNCIAS

ARON, Thomas. **Une seconde révolution saussurienne?**. In: *Langue française*. v. 7 n. 1. *La description linguistique des textes littéraires*, 1970, pp. 56-62.

ARRIVÉ, Michel. **À la recherche de Ferdinand de Saussure**. Paris: Presses Universitaires de France, 2007, 229 p.

BÉGUELIN, Marie-José Reichler-. Des formes observées aux formes sous-jacentes. **Présence de Saussure**. In: Actes du Colloque International de Genève (21-23 Mars 1988). Librairie Droz, Genève, 1990, pp. 21-37.

BARRETO, Elisangela Ferreira. Arbitrariedade da língua em Saussure: do mito freudiano ao real lacaniano. In: **Revista Odisseia**, nº 5, jan-jun 2010, PPGEL-UFRN. Disponível em <<http://www.incubadora.ufrn.br/incubadora/index.php/odisseia/article/view/372/298>>. Acesso em 06 agosto 2012.

BOUQUET, Simon. **Introdução à leitura de Saussure**. Trad. Carlos A. L. Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 1997, 317 p.

_____. De um pseudo-Saussure aos textos saussurianos originais In: **Revista Letras & Letras**. Uberlândia, v. 25, n. 1, p. 161-175, jan./jun. 2009, pp. 161-175.

BOUQUET, Simon; ENGLER, Rudolf. **Escritos de Linguística Geral**. Trad. Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lucia Franco. São Paulo: Cultrix, 2002, 296 p.

CALVET, Louis-Jean. **Saussure: Pró e Contra**. Trad. Maria E. Leuba Salum. São Paulo: Ed. Cultrix, 1977, 111 p.

CAMPOS, Haroldo de (Org.). **Ideograma, Anagrama, Diagrama; uma leitura de Fenellosa**. In: *Ideograma – lógica poesia linguagem*. São Paulo: Cultrix, 1986, pp. 9-113.

BOSCO, Zelma R. **Aquisição da escrita: a relação sujeito e língua em questão**. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 52 n. 1 jan./jun. 2010, UNICAMP – Campinas, pp. 163-176.

CHOI, Yong-Ho. **Le problème du temps chez Ferdinand de Saussure**. *L'Harmattan, col.: Sémantiques*, Paris, 2002, 146 p.

CUNHA, Antonio Geraldo da. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Ed. Lexikon, 2007, 839 p.

DE LEMOS, Claudia Thereza Guimarães. “Da Morte de Saussure o que se comemora?”. **Revista Psicanálise e Universidade**, n.3, P.E.P.G. PUC/São Paulo, 1995, pp. 41-51.

DE MAURO, Tulio. **Ferdinand de Saussure - Cours de Linguistique Générale: Édition critique**. Paris: Payot, 1974, 510 p.

- DEPECKER, Loïc. **Comprendre Saussure – d’après les manuscrites**. Paris: Armand Colin, 2009, 190 p.
- ENGLER, Rudolf. **Ferdinand de Saussure - Cours de Linguistique Générale: Édition critique** (Tome 1). Otto Harrassowitz: Wiésbaden, 1989 [1968], 515 p.
- FEHR, Johannes. **Saussure entre linguistique et sémiologie**. Traduit de l’allemand par Pierre Caussat. Paris: Presses Universitaires de France, 2000, 286 p.
- GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. (1981). **A Língua Inatingível**. Trad. Bethânia Mariani e Maria E. C. de Mello. Campinas, SP: Ed. Pontes, 2004, 223 p.
- GADET, Françoise. **Saussure: une science de la langue**. Paris: Presses Universitaires de France, 1987, 127 p.
- GANDON, Francis. **De dangereux édifices. Saussure lecteur de Lucrèce. Les Cahiers d’anagrammes consacrés au *De Rerum natura***, Louvain et Paris: Peeters - Bibliothèque l’information grammaticale, 2002, 470 p.
- HARRIS, Roy. **Saussure and his Interpreters**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2001, 224 p.
- JAKOBSON, Roman. **La première Lettre de Ferdinand de Saussure sur les anagrammes**. In: L’Homme, 1971, pp. 15-24.
- _____. A primeira Carta de Ferdinand de Saussure a A. Meillet sobre os anagramas. In : **Poética em Ação**. Trad. Sandra Nitrini, São Paulo, Editora Perspectiva, Estudos 92, p. 3-13, 1992.
- KRISTEVA, Julia. **Recherche pour une sémanalyse**. Paris : Éditions du Seuil, 1969 [1978], 318 p.
- LAROUSSE. **Dicionário enciclopédico ilustrado**. São Paulo: Larousse do Brasil, 2007, 1855 p.
- LOPES, Edward. **A Palavra e os Dias: ensaios sobre a teoria e a prática da literatura**. Campinas, Editora UNESP – Unicamp, 1993, 225 p.
- LOTRINGER, Sylvère *et alli*. The Two Saussures. **Semiotext[e]**, v. 1, n. 2, Fall 1974, 95 p.
- MAHONEY, Anne. Poetic Play: Pascoli’s *Catulo calvos* and Catulus 50. In: **International Journal of the Classical Tradition**, v. 12, n. 3, Winter, 2006, pp. 346-363.
- MILNER, Jean-Claude. **O amor da Língua**. Trad. Angela Cristina Jesuino. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987. 82 p.
- NORMAND, Claudine. **Saussure: figures du savoir**. 2. ed. Paris, Les Belles Lettres, 2004, 174 p.
- OXFORD. **Advanced Learner’s Dictionary**. Internatinal Student’s Edition. Oxford, Oxford Unisersity Press, 2000, 1600 p.

PARRET, Herman. Les manuscrits saussuriens de Harvard. In : **Cahiers Ferdinand de Saussure** 47. (1993[1994]), pp. 179-234.

PAVEAU, Anne-Marie e SARFATI, Georges-Elia. (2003). **As grandes teorias da Linguística – da gramática comparada à pragmática**. Trad. Rosário Gregolin et al. São Carlos: Clara Luz, 271 p.

PÊCHEUX, Michel. **Sobre a (Des-) construção das Teorias Linguísticas**. In: Línguas e Instrumentos Linguísticos. Campinas: Pontes Editores, 1998, pp. 7-32.

PÉTROFF, André-Jean. **Saussure : la langue, l'ordre et le désordre**. Paris : L'Harmattan France, 2004, 248 p.

PUECH, Christian. Saussure and the structuralist linguistics in Europe: **The Cambridge Companion to Saussure**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, pp.

QUIJANO, Claudia Mejía. **Le Cours d'une vie – portrait diachronique de Ferdinand de Saussure**. Nantes : Éditions Cécile Defaut, 2008, 391 p.

SANDERS, Carol. **Cours de linguistique générale de Saussure**. Lire aujourd'hui, Paris, 1979, 111 p.

SAUSSURE, Ferdinand de **Curso de Linguística Geral**. [1916] Editado por Charles Bally & Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Trad. A.Chelini, J.P.Paes e I.Blikstein. 5ª. Ed. São Paulo: Cultrix, 1970.

SILVA, Amós Coêlho da; MONTAGNER, Airto Ceolin. **Dicionário Latino – Português**. Petrópolis: Vozes, 2009, 527 p.

SILVA, Karen Alves. Breve estudo sobre os anagramas e sua relação com a teoria do valor em Saussure. In: **Revista Letras & Letras**. V. 25 n. 1 jan./jun. 2009, UFU – Uberlândia, pp. 145-160.

SILVA, Thais Cristófaros Silva. **Fonética e Fonologia do Português**. São Paulo: Editora Contexto, 1999, 254 p.

SILVEIRA, Eliane. **As marcas do movimento de Saussure na fundação da linguística**. Ed.Mercado de Letras; FAPESP; Campinas-SP. 2007, 168 p.

SISCAR, Marcos. A Poesia a dois passos: sobre os anagramas, de Ferdinand de Saussure. In: **Revista Alfa**, São Paulo, v. 41, 1997, pp. 169-186.

STAROBINSKI, Jean. **As palavras sob as palavras : os anagramas de Ferdinand de Saussure**. Trad. Carlos Vogt. São Paulo : Editora Perspectiva, 1974, 117 p.

TROUBETZKOY, Nicolai. **Principes de Phonologie**. Traduits par J. Cantineau. Paris: Édition Klincksieck, 1964, 394 p.

WIKIPEDIA. A enciclopédia livre. Disponível em <http://es.wikipedia.org/wiki/Tumba_de_los_Escipiones>. Acesso em 17 janeiro 2011.

WUNDERLI, Peter. Saussure's anagrams and the analysis of literary texts. In: **The Cambridge Companion to Saussure**. Edited by Carol Sanders, Cambridge University Press, 2004, pp. 174-185.